FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1962 ANO 41.º — NÚMERO 14 037

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

«A DEUS O QUE É DE DEUS»

O nosso prezado colega «Novidades» fez, ontem, aquilo a que os franceses chamam uma «mise au point» sobre as implicações do caso de Goa com as autoridades eclesiásticas, defendendo sobretudo, nesta difícil emergência, a atitude da Santa Sé e do Papa, que classifica de correcta e perfeitamente de acordo com a missão espiritual da mais alta Magistratura da Igreja. O órgão católico declara que lhe sobra autoridade moral para, com a mesma serenidade e patriotismo com que relatou e comentou os acontecimentos, «dizer alguma coisa a respeito de certos comentários que por aí têm andado, nos centros de cavaco, em alguns jornais e até em ambientes parlamentares, a respeito da atitude do Papa e do Patriarca de Goa, perante o caso do Estado Português da Índia».

Faz em seguida o elogio e a defesa calorosa do Santo Padre, estranhando «que, num país católico, a pessoa augusta do Papa seja discutida

(Continua na página seguinte)

John Kennedy, presidente dos Estados Unidos da América do Norte

Adenauer ACEITOU COMPRAR ARMAMENTO À INGLATERRA

BONN, 11. — Quando das suas recentes conversações com o primeiro-ministro britanico, Harold Macmillan, o chanceler Adenauer aceitou, em princípio, a Republica Federal Alemã reembolsar, durante dois anos, por meio de compras de armamentos á Grã-Bretanha, metade das despesas em divisas que Londres faz com o estacionamento de tropas britanicas em território alemão, sabe-se de fonte autorizada.

O montante destas despesas, calculado por Londres em 70 milhões de libras por ano (cálculo confirmado por um grupo de peritos da N. A. T. O.), representa no total 800 milhões de marcos. Assim, a contribuição alemã será de 400 milhões de marcos por ano.

Os detalhes práticos deste acordo devem ser regulados por uma comissão mista anglo-alemã, que deve começar a trabalhar no próximo dia 22.

Em Março ultimo, depois das ne-

(Continua na 12.ª página)

A AMÉRICA TERÁ de satisfazer as aspirações mundiais de acordo com a sua própria fé —declarou Kennedy ao Congresso

WASHINGTON, 11 — Na sua segunda mensagem sobre o Estado da União, o presidente Kennedy declarou ao Congresso que se preparava para lhe apresentar um certo numero de providências enérgicas e dinamicas destinadas a permitir aos Estados Unidos consolidarem a sua economia e combater a inflação.

O chefe do Executivo americano consagrou a primeira parte do seu discurso aos diversos aspectos do seu programa legislativo interno.

Depois de prestar homenagem ao antigo «speaker» da Camara, Sam Raybun, recentemente falecido, Kennedy salientou que a primeira tarefa dos Estados Unidos será «satisfazer as aspirações do Mundo, procedendo de acordo com a sua própria fé».

Para enfrentar as consequências da automatização, o presidente Kennedy propõe decisões de readaptação dos operários qualificados privados de emprego. Pede igualmente auxílio para um milhão de jovens americanos que nem frequen-

(Continua na 12.ª página)

SERÃO DEMITIDOS OS FUNCIONÁRIOS DE GOA que não se declararem leais ao presidente da União Indiana

GOA, 11 — Um informador oficial indiano disse ontem á Reuter que todos os funcionários que se recusarem a assinar uma declaração de lealdade ao presidente da União Indiana serão «sumáriamente demitidos» dos seus postos.

O informador respondia a uma pergunta a propósito de três altos magistrados de Goa que ainda não assinaram a declaração, e que são os drs. José Militão de Quadros, Ismael Gracias e Alvaro Dias. O porta-voz indiano disse que tinha sido concedido a estes três altos funcionários um prazo para assinarem a declaração referida. Esse prazo termina hoje.

O antigo secretário-geral do Estado da India, dr. Abel Colaço, já assinou a declaração, embora o seu lugar tenha sido extinto.

Funcionários ingleses da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro de Mormugão recusaram-se até agora a assinar.

Pensa-se que alguns goeses receiam que essa assinatura seja o preludio da obrigação de adoptarem a nacionalidade indiana, apesar das garantias indianas de que se trata apenas de uma declaração normal de lealdade.

Um comunicado oficial informa, entretanto, que a Polícia indiana prendeu 15 pessoas por banditismo, entre 18 e 20 de Dezembro.

Mercadorias roubadas, no valor de 14 000 rupias, (cerca de 80 contos) foram recuperadas, bem como grandes quantidades de armas, munições e explosivos. — (R.).

Serão destituidos os três funcionários

GOA, 11. — De origem oficial indiana anuncia-se que 90 por cento dos funcionários da administração portuguesa assinaram declarações de lealismo á India. Três altos funcionários não assinaram: o presidente do tribunal, dr. Ismael Gracias; o procurador-geral, dr. José Militão de Quadros, e o juiz dr. Álvares Dias. Serão destituídos esta noite — diz a mesma fonte oficial. — (France Presse).

TENENTE-CORONEL VÍTOR NOVAIS GONÇALVES

NOMEADO subsecretário do Exército

o tenente-coronel Vitor Novais Gonçalves

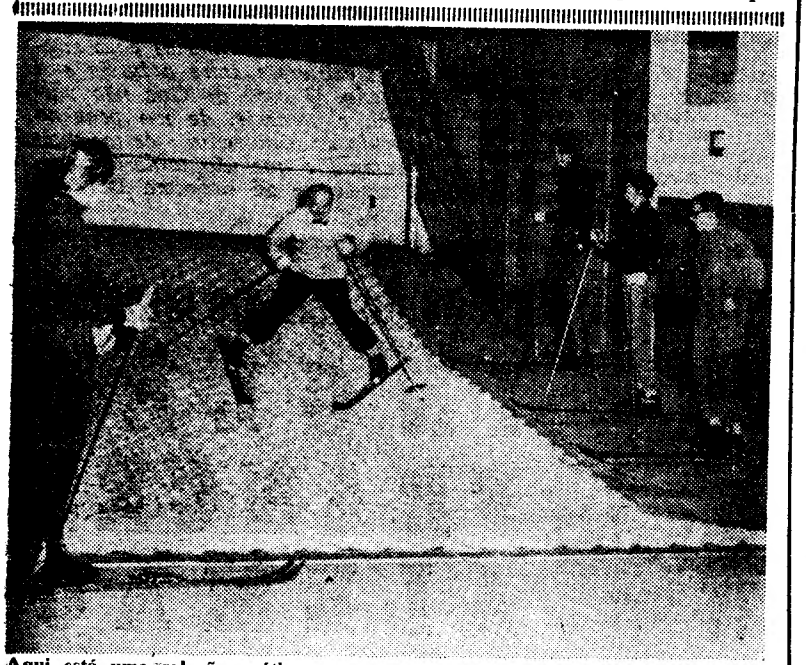
Em substituição do sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, morto durante a sedição de Beja, na madrugada do dia 1, vai ser nomeado subsecretário de Estado do Exército o sr. tenente-coronel Vítor Novais Gonçalves, antigo

(Continua na página central)

GIGANTESCO ALUDE NO PERU

Desapareceram mais de 3 mil pessoas

(Ler notícia na última página)



Aqui está uma solução prática e pouco custosa para os apaixonados do esqui que não tenham possibilidade de se deslocar até aos centros dos desportos de Inverno. O «esqui em casa» pratica-se sobre uma «pista» de matéria plástica, com uma consistência semelhante á da neve

Nota do dia

SINTOMAS

Um telegrama de Goa dava-nos conta, há poucos dias, de que o «Heraldo» se insurgia, em editorial, contra a má conduta de soldados indianos das forças de ocupação «que saqueiam lojas, assaltam casas para roubar e ultrajam mulheres e raparigas». Sublinhava que em Goa nunca se tinham verificado tais desmandos e chamava para o caso a atenção das autoridades militares, que reconheceram tácitamente as acusações formuladas por aquele orgão da Imprensa goesa. Outro telegrama da mesma procedência informou, logo a seguir, que, «abandonada por muitos goeses a esperança de Goa regressar imediatamente à soberania portuguesa, destacados elementos da população local procuram, agora, libertar-se por meios políticos, e o mais depressa possível, das autoridades indianas de ocupação», isto é, do domínio indiano — do colonialismo indiano, para lhe chamarmos pelo seu verdadeiro nome. Este movimento, a que estão ligados nomes nossos conhecidos, destina-se a pedir a realização de eleições livres e a obter para Goa o estatuto de Estado autónomo, «embora coactivamente integrado na União Indiana». Cria-se, deste modo, um problema de consciência para Nehru: trata-se de saber se o primeiro-ministro indiano estará disposto a respeitar a vontade de um povo que tem uma expressão e um estilo de vida próprios e que não pretende ser absorvido por um grande país, confundida a sua fisionomia com a de uma amálgama de povos com os quais tem poucas afinidades e comprometida a sua situação económica, acerca da qual um jornalista francês escreveu que a integração de Goa na União Indiana seria «uma gota de prosperidade diluída num oceano de miséria». Seja como for, os ecos que registamos de proveniência goesa valem para nós como sintomas de um estado de espírito que não é de modo nenhum favorável à anexação pura e simples e desmente, por forma inludível, o mito da «libertação» que foi invocado por Nehru para justificar o seu acto de força.

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
20
PAGINAS
nas quais se inclui
«Vida Literária»

VISADO PELA CENSURA

Presidência do Conselho

O sr. Presidente do Conselho recebeu esta manhã, na sua residência, em S. Bento, o sr. ministro do Ultramar, com quem trabalhou durante largo tempo.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

FISCALIZAÇÃO DA COSTA

A costa portuguesa é uma das nossas fontes de riqueza e grande parte da alimentação dos habitantes do País é arrancada a essas águas salgadas que se desfazem em peixe. Os barcos fazem-se ao mar e do mar vivem milhares de pescadores e suas famílias. Mas a ganancia de alguns ameaça estancar essa riqueza, pescando em zonas proíbidas, o que prejudica o desenvolvimento da fauna marítima. Ainda agora a lancha de fiscalização «Espadilha» aprisionou, quando pescavam em zona proibida, os arrastões «Mestre Manuel Mónica», da praça de Setubal, e «Rio Maior», «Maria Eduardo» e «Eduardo Lopes», pertencentes á praça de Lisboa. O peixe apreendido rendeu alguns milhares de escudos. Em julgamento ontem realizado, o tribunal condenou os mestres do «Rio Maior» e do «Manuel Mónica» em 30 contos cada um; o do «Maria Eduardo», em 28 contos; e o do «Eduardo Lopes», em 20. Os arrastões foram suspensos da pesca durante alguns dias, tendo os respectivos mestres ficado privados da cédula marítima em períodos de 10 a 40 dias.

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministro de Estado dr. Corrêa de Oliveira, e ministro dos Negócios Estrangeiros.

MORTE NO CAIS

Passava da meia-noite e no Cais de Santa Apolónia, onde se encontra muito material para embarque, uma camioneta despistou-se. Foi contra esse material e atingiu um dos soldados que o guardava, o sr. Mário Alves, de 21 anos, de Caçadores 5. O militar foi para S. José mas pouco depois morria. O motorista da camioneta, sr. José Candido Lopes, de 31 anos, foi preso e o caso está a ser investigado.

FEDERAÇÃO DOS TRIGOS

A Federação Nacional dos Produtores de Trigo recebeu até 13 de Dezembro ultimo, da colheita de 1961, as seguintes quantidades de cereais: trigo, 248 527 233 quilogramas, no valor de 745 581 699$00; milho, 43 750 620 kgs., valendo escudos 96 118 928$60; cevada dística, 5 044 300 kgs., no valor de 1 660 030$00.

NO PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência, no Palácio de Belém, os srs. coronel Kaulza de Arriaga, secretário de Estado da Aeronáutica; e eng. Vitor Manuel Barahona Couceiro.

A MORTE DO FOGUETEIRO

A morte do fogueteiro é, em geral, a explosão da oficina, a explosão de um foguete. Mas o sr. Abel da Luz Vieira, de 51 anos, industrial de pirotecnia, de Caíde, seguia na sua motorizada. Foi na estrada de Beltar. Chovera e estava nevoeiro. Na estrada o burro de um moleiro se atravancou. A motorizada apanhou o animal, o fogueteiro caiu para o lado. De cranio fracturado, ainda foi levado ao hospital, mas só para morrer.

ESTRADA DO ALENTEJO

E' uma recta a estrada de Beja á Vidigueira. Nesta época do ano, os campos estão abeberados de água e a estrada escorrega como vidro. O barbeiro sr. António Marreiros, de 42 anos, residente em Vera Cruz, ia para a Vidigueira na sua bicicleta motorizada. Derrapou e foi de encontro a um bidão que na estrada servia de sinalização. Depois embateu ainda noutro bidão e ali morreu, ao sereno da tarde, na campina alentejana, enquanto a chuva caia...

CONCURSO
para médicos escolares

Numa das dependência do Liceu de Pedro Nunes começaram hoje a prestar provas para médicos escolares a sr.ª dr.ª Joana Feiner Tavares da Silva e o dr. Filomeno Borges.

O concurso foi aberto pela Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saude Escolar, a fim de preencher as vagas existentes no quadro de médicos escolares.

Os candidatos prestaram hoje duas provas. A primeira foi uma prova teórica sobre instalações sanitárias de um liceu, e a segunda constou de um exame médico completo feito a dois alunos.

O juri, que julgará a aptidão dos candidatos, é formado pelo prof. dr. Toscano Rico, director da Faculdade de Medicina de Lisboa; prof. Meliço Silvestre, professor de Higiene da Faculdade de Medicina de Coimbra; dr. Andersen Leitão, director do Instituto Nacional de Educação Física; dr. Vasco Bruto da Costa, professor de Higiene Escolar da Faculdade de Letras de Lisboa, e dr. Damião Sttau-Monteiro, inspector de Saude Escolar de Lisboa.

As provas prosseguirão amanhã e depois de amanhã.

OS ESTUDANTES DE COIMBRA
estarão representados em Oviedo no Festival de Tunas Universitárias

COIMBRA, 11. — Nos primeiros dias de Março, realiza-se na cidade asturiana de Oviedo o Festival de Tunas Universitárias. O Sindicato Espanhol Universitário convidou a Tuna Académica de Coimbra a participar no Festival, convite que a Direcção deste organismo académico decidiu aceitar.

«A DEUS O QUE É DE DEUS»

(Continuação da página anterior)

e atacada até por indivíduos que se dizem católicos». *Afirmando que o domínio do Sumo Pontífice é de ordem espiritual e que, tendo na Igreja* «supremo poder de legislar, de ensinar, de julgar, de administrar, de disciplinar e de representar, fora da Igreja só lhe resta dar conselhos, usar de caridade, pregar a doutrina divina, de que é depositário e mestre, e ditar as aplicações desta aos problemas concretos da vida da humanidade», *o articulista acrescenta:* «Em momentos históricos como o que estamos a viver, o Papa não se mantém alheio aos acontecimentos. Ninguém lhe reconhece o direito, nem ele se julga com o direito — *acentua* — de intervir directamente nas pendências entre as nações, na resolução dos problemas de política, de soberania, de organização internacional, etc. Não é essa a sua missão. Limita-se a proclamar solenemente os grandes princípios cristãos da doutrina, do direito e da moral, só à luz dos quais esses problemas podem ter solução humana e justa».

Referindo-se à Mensagem de Natal do Santo Padre, na qual fez aos «responsáveis das nações» um apelo á paz, á união, á bondade e á justiáa, o articulista afirma que «o caso de Goa cabia aqui dentro destas palavras, como noutras coube o de todos os povos oprimidos pelo comunismo. Mas nem hoje Nehru e ontem Estaline, Kruchtchev ou Fidel Castro — *acrescenta* — ouviram a voz do Papa, nem o Papa lhes podia dar a honra de os nomear expressamente, a eles e aos seus crimes, até para não ser acusado de meter foice em seara alheia pelos mesmos que o acusam agora de não a ter metido».

Vão longe os tempos em que o Papa interveio como árbitro em questões internacionais, «mas só o fez — *segundo as «Novidades»* — a pedido dos contendores, o que parece não se ter dado agora». *E esclarece:* «Portugal tem uma Embaixada junto do Vaticano. Se esta não actuou, como a de Londres e a de Washington, foi porque o Governo entendeu, e muito bem, que não devia enveredar por esse caminho, ou a Santa Sé lhe fez notar a diferença existente entre Londres e Washington e a Cidade do Vaticano».

E logo em seguida: «Mas uma certeza todos podemos ter: com declaração publica, ou sem ela, com resposta a exposições de particulares ou sem ela, o Papa está sempre ao lado dos atacados, dos oprimidos, do direito, da justiça, da liberdade. E no caso de Goa, além de outras provas em que fundamentar esta certeza, e que a seu tempo virão a lume, está o recurso do Nuncio Apostólico em Lisboa á Secretaria de Estado, a ordem por ela dada ao Internuncio em Nova Delhi, a visita de dez dias por este feita ao território de Goa, a lista completa que elaborou dos prisioneiros portugueses e o envio desta, telegráficamente, para Lisboa, a expensas da Secretaria de Estado».

Refere-se, depois, aos ataques de que tem sido alvo o patriarca de Goa, D. José Alvernaz, declarando que não têm o menor fundamento as acusações que lhe têm sido dirigidas, porquanto se trata de um prelado cuja correcção não se pode pôr em duvida e que tem mantido sempre, até nos momentos mais difíceis, uma atitude exemplar. Encontrando-se em Roma quando surgiu a ameaça definitiva de Nehru, D. José Alvernaz «apressou-se a regressar a Goa, para estar no seu lugar e assumir a sua responsabilidade. E em carta de há dias a um sacerdote seu amigo, dizia não poder alongar-se muito porque no momento que lá se estava a viver (já depois da entrada dos indianos) as mentiras prevaleciam sobre as verdades».

As «Novidades» acabam por tirar, dos factos citados e de outros que referem em defesa da sua tese, embora forçadamente, em nossa opinião, que «Portugal é o país mais anticlerical do Mundo» e que, caibam a quem couberem as culpas do que se passa, o padre é sempre a cabeça de turco e a Igreja o bode expiatório. Assim como há dias não hesitámos, sabendo que contrariávamos um importante sector da opinião publica, no qual se incluem católicos militantes, em prestar a merecida justiça á acção desenvolvida pela Santa Sé para a obtenção da lista de prisioneiros, cuja publicação tranquilizou milhares de famílias portuguesas, atrevemo-nos agora a discordar das conclusões a que o nosso prezado colega chegou, atribuindo á Monarquia liberal, á Republica democrática e até mesmo á Republica organica em que vivemos propósitos anticlericais que nem sempre se verificaram. E hoje muito menos do que ontem, pois não oferecem duvida as boas relações existentes entre a Igreja e o Estado. O caso de Goa não passará, certamente, de um pequeno arrufo de namorados e de um mal-entendido que não tardará a desfazer-se — ad majorem Dei gloriam.

A CIDADE

Falta de policiamento
no Bairro da Quinta do Jacinto

A propósito de mais um roubo no populoso Bairro da Quinta do Jacinto, em Alcantara, publicámos, no passado dia 22 de Dezembro, uma local em que se chamava a atenção das autoridades competentes no sentido de serem tomadas eficientes e prontas providências.

Informa-nos agora o sr. presidente da Camara Municipal de Lisboa, através dos Serviços Centrais e Culturais, de que foi solicitada a colaboração da P. S. P. de forma a conseguir-se, no mencionado bairro, uma vigilancia adequada, e de que a Polícia Municipal tomou providências com o mesmo objectivo.

Congratulamo-nos com o facto.

Pelos hospitais

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL — Na Rua de S. Tomé foi atropelado por um automóvel o jardineiro Francisco Mendes Cascalho, de 59 anos, residente na R. do Salvador, 34, 3.º, que sofreu ferimentos de certa gravidade na cabeça. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado.

DOENÇA SUBITA E MORTAL — Adoeceu subitamente, na fábrica onde trabalhava, na Rua Bartolomeu Dias, o operário Manuel Oliveira, de 60 anos, residente na Calçada da Ajuda, 246, pátio do José Pincel. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, chegou ali já morto, pelo que o seu cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

ACTO DE IMPREVIDÊNCIA — O jornaleiro António Rochorte, de 57 anos, residente no lugar do Jogo Ruivo, em Taberne, Albufeira, encontrou próximo de sua casa numas terras, uma pistola. Ao examiná-la, esta disparou-se, indo o projéctil atingi-lo. Transportado numa ambulancia á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado.

Quem perdeu?

Relação dos achados em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): mil escudos achados no Bairro da Liberdade nos princípios de Outubro passado; um relógio; uma caneta de tinta permanente; uma bolsa de plástico; um porta-moedas; uma pequena mala de viagem; os bilhetes de identidade de António Manuel Gonçalves Nunes e Joaquim Manuel Rita Capucho; a cédula pessoal de Maria José Monteiro dos Santos; um contrato de arrendamento de António Pereira Galo; um selo fiscal; um atado de livros; uma cigarreira com cigarros; uma pasta com garrafa e pão; dois guarda-chuvas; um transformador de corrente eléctrica: um tampão de roda de automóvel; um boné; luvas desirmanadas; um porta-chaves, e argola com chaves.

Na Abegoaria Municipal encontra-se um animal de raça asinina.

Quem achou?

Da Praça dos Restauradores, desapareceu, no passado sábado, uma bicicleta «Zundapp», com a matrícula 16-439. O seu proprietário, sr. Silvino Vieira, pede, por nosso intermédio, a quem a achou o favor de lhe comunicar para a Rua Elias Garcia, 299-B, Amadora.

Linha de CASCAIS

A Junta de Turismo da Costa do Sol
foi recebida pelo cardeal-patriarca

O presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. Joaquim Miguel de Serra e Moura, foi recebido pelo sr. cardeal-patriarca, a quem entregou algumas das fotografias de Fátima que o artista Amadeu Ferrari expôs no Salão do Estoril durante o Natal. O presidente da Junta apresentou igualmente ao sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira os agradecimentos daquele organismo turístico pela valiosa colaboração do Patriarcado ás Festas de Santo António levadas a efeito, com tanto êxito, nos ultimos dois anos.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Às 21: «A tortura de um pai» e «Crime e silêncio» (17 anos).

PAREDE — *Royal Cine* — Às 21: «Um homem só» e «O vento não sabe ler» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Com jeito foi!...» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «O mistério do navio abandonado» (17 anos).

Farmácias de servico

ALGÉS — *Combatentes* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 013953).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Avenida Patrão Lopes, 4 (Tel. 042039).

OEIRAS — *Central* — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 0430058).

PAREDE — *Grincho* — Avenida da Republica, 48-A — (T. 047204).

ESTORIL — *Lopes* — Rua Hangar, 3 (Tel. 060008); *S. João* — Estrada Nacional, 18 (Tel. 061186).

CASCAIS — *Misericórdia* — Rua do Regimento, 19 (Tel. 080141).

DESASTRE MORTAL
com arma de caça

VILA NOVA DE PAIVA, 11 — No lugar do Outeiro, desta vila, o pastor Augusto da Fonseca Rodrigues, de 13 anos, filho de Manuel da Fonseca Rodrigues e de sua esposa Belmira do Zonho, dirigia-se para o monte com o rebanho, de arma em punho para matar pássaros. A arma disparou-se e atingiu no coração o menino Joaquim da Silva Pedro, de 13 anos, filho de Augusto da Silva Pedro, falecido, e de Odete de Almeida, o qual teve morte imediata. O desastre causou grande consternação nesta vila.

SILK SCREEN

TINTAS PARA TODOS OS FINS

Mates, semimates e brilhantes. Especiais para vidro, metais, plásticos e decalcomanias. Vernizes, stencils, etc.

ANTÓNIO MOREIRA, L.da

P. Restauradores, 13-2.º
Tel. 362020

Instituto de línguas de renome mundial

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO

— LIÇÕES DAS 9 ÀS 23 SEM INTERRUPÇÃO
— CURSOS ESPECIAIS PARA CRIANÇAS
RUA SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 30, 1.º — TELEFONE 54530

Linha de SINTRA

O CONCELHO DE SINTRA
E O SEU EQUIPAMENTO TURÍSTICO
que é indispensável desenvolver

Todo o vasto concelho de Sintra, desde a jovem vila de Queluz até ao caprichoso litoral, beneficia da influência das inovações do progresso, em grande parte mercê do esforço do devotado presidente da sua Camara, sr. visconde de Asseca, para desenvolver iniciativas, sugerindo-as ou fortalecendo-as, conhecedor como é dos magnos problemas que envolvem o seu burgo que, por isso, já lhe deve um somatório de realizações bem dignas de nota.

Sintra, excepto o seu equipamento turístico, possui todas as condições de agrado para o forasteiro, e assim se justifica ter sido eleita para centro de cosmopolitismo, graças aos seus inumeros atractivos de alto valor panoramico e artístico.

Há quem julgue, erradamente, que a «sala de visitas de Portugal» é só paisagem. Ora, para além desse recreio mirífico dos sentidos com que a Natureza nos brinda, numa prodigalidade sem limites, existem os seus belos monumentos — espécimes raros da arte em Portugal, que se destacam do nosso património histórico e artístico.

Se é legítimo concluir que o Município e a sua Comissão Municipal de Turismo se esforçam por levar a bom termo uma obra digna do prestígio desta inesquecível estancia de turismo, também não se deve esquecer que obra verdadeiramente válida não poderá ser realizada com os bem limitados réditos municipais, sem que se verifique o competente auxílio do Estado e o da iniciativa particular, que é sempre recebida com merecido carinho e amparo pelas entidades oficiais.

O turismo é uma industria, e esta é tanto mais lucrativa quanto melhor organizada estiver, e quanto mais matéria-prima, de fácil exploração, existir no seu perímetro. Sob este aspecto a Natureza distinguiu com prodigalidade este belo rincão da terra portuguesa; mas ele está quase inexplorado, porque não tem máquina turística á altura da sua infra-estrutura e o seu equipamento turístico está desactualizado.

Quando serão dados ao viandante que demanda tais paragens e não gosta que lhe compliquem a vida hotéis ou modelares pensões que lhe ofereçam estadas acessíveis, comodidades acolhedoras, sem luxo, mas com conforto?

E para quando esse almejado hotel de turismo na sede do concelho, considerado o marco basilar para o assentamento da máquina turística local? Beleza só por si não basta; são necessárias facilidades e atracções, e por isso há problemas de fundo que urge resolver, que vão ser solucionados pela própria Comissão Municipal de Turismo. Contam-se, entre outros: a criação de três postos de informação, um em Sintra, em frente á estação da C. P., outro no Ramalhão, no ponto em que se encontram as estradas vindas de Lisboa e do Estoril, e ainda um outro no Cabo da Roca.

Merece aplausos a iniciativa, a concretizar brevemente, de alugar uma ou duas carrinhas panoramicas destinadas a fazer circuitos turísticos na serra, a preços acessíveis a todas as bolsas. Inumeras pessoas vêm de longe para admirar aquela maravilha da Natureza, e, na sua maioria, limitam-se a visitar o Palácio Nacional, a extasiar-se perante a monumentalidade circundante, e, depois de adquirirem o obrigatório pacote de queikadas, regressam insatisfeitas e inconformadas por não estarem na disposição, ou por não poderem pagar cerca de cem escudos pelo aluguer de um trem, ou de um automóvel que as levasse a conviver, «in loco», com os seus recantos fantasmagóricos.

Estão ainda previstos para o ano em curso dois parques de campismo: um junto á serra e outro nas proximidades do litoral, que é rendilhado de praias magníficas. Não se concebe uma zona privilegiada como é Sintra, onde ainda não haja uma «cidade de tendas», na qual se possam receber condignamente os muitos turistas da modalidade que a visitam, visto que o parque de campismo que se improvisou o ano passado nem sequer se pode classificar como tal, por não possuir um mínimo de comodidades exigidas e impostas pelo turismo moderno.

A Camara Municipal ultima os preparativos, na vila, para inaugurar a sua nova sede de turismo em edifício próprio.

A ribeira de Colares, que atravessa o bucólico vale do mesmo nome, vai ser defendida e aproveitada melhor, na parte relativa á pesca, regularizando-se a sua coutada; e os pesqueiros do litoral também vão ser arranjados e sinalizados.

Estão sendo objecto de estudo aturado: o auditório, cuja falta é bem sentida; a iluminação artística do Palácio da Pena e da encosta do Castelo dos Mouros, que, posta em prática, será mais um aliciante atractivo desbobinado durante a noite, na majestosa cenografia local; e o alargamento da estrada Sintra-Praia das Maçãs, para descongestionar o transito cada vez mais volumoso da zona litoral, na impossibilidade de construir, por estes tempos mais próximos, uma moderna rodovia, conforme se chegou a projectar.

Grémio Nacional
das Empresas de Cinema

Sob a presidência do sr. João Ortigão Ramos, prossegue hoje, pelas 17 horas, a assembleia geral plenária do Grémio Nacional das Empresas de Cinema, que se iniciou na passada quinta-feira. Foi eleita por unanimidade a mesa da assembleia geral, que fica assim constituída: Presidente — Empresa do Cinema Restelo, L.da; secretários — «Prisma», Produção de Filmes e Fotografia, L.da e Internacional Filmes, L.da.

Hoje, a assembleia ocupar-se-á do 2.º ponto da ordem dos trabalhos, que diz respeito á apreciação e deliberação do projecto de alteração dos estatutos, publicado no boletim de Abril de 1960 da União de Grémios dos Espectáculos.

FREGUESIA
de Algueirão-Mem Martins

Foi hoje publicado um decreto-lei que cria no concelho de Sintra, distrito de Lisboa, a freguesia de Algueirão-Mem Martins, com sede na actual povoação do mesmo nome, e com limites correspondentes ao da paróquia religiosa fundada por decreto do cardeal-patriarca de Lisboa

A nova freguesia abrangerá os lugares de Algueirão-Mem Martins, Baratã, Barrosa, Casais de Mem Martins, Casal da Mata Coutim Afonso, Meleças, Mercês, Pexiligais, Recoveiro, Sacotes e Telhal, pertencentes ás freguesias de S. Pedro, Santa Maria e Rio de Mouro, do concelho de Sintra.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Às 15 e ás 21 e 15: «Kátia» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz Cine* — Às 21 e 15: «Sombras brancas» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine Chaby* — Às 21 e 30: «O favorito dos Bórgias» (12 anos).

SINTRA — *Cine-Teatro* — Às 21 e 15: «Francis entre fantasmas» e «Assim nasce um bandido» (12 anos).

ODIVELAS — *Cine-Teatro* — Às 21: «Santa Joana» e «Sangue aventureiro» (12 anos).

SINTRA — *Cine-Teatro* — A's 21 e 15: «Francis entre fantasmas» e «Assim nasce um bandido» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Melo* — Praça D. João I, lote 146 (Tel. 931551); *Central* — Avenida Cardoso Lopes, 25 (Tel. 930210); *Igreja* — Praça da Igreja, lote 2 (Tel. 930740).

QUELUZ — *Gil* — Avenida Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117).

SINTRA — *Misericórdia* — Largo Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M.A.D. (T. 931690).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

A exportação
de vinho para Angola

Reuniu-se, em sessão extraordinária, a assembleia geral do Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos, para analisar a situação dos mercados ultramarinos e deliberação sobre um projecto de contrato colectivo de trabalho com os trabalhadores de armazens.

Presidiu o sr. dr. Acácio Barreiro e estavam presentes, além do delegado do Governo, sr. dr. António Maria Belo de Almeida Serra, o presidente da direcção, sr. Francisco Pereira da Fonseca, e os directores, srs. Francisco Marques de Oliveira Reis Junior e Julio João Camilo Alves.

Habilitada a direcção a subscrever o contrato colectivo, condicionando, no entanto, esta adesão a algumas alterações a introduzir no projecto apresentado, foi analisada a conjuntura criada pelas recentes determinações do Banco de Angola, suprimindo os descontos á exportação. Uma vez que tal situação pode conduzir á paralisação das exportações para Angola, resolveu a assembleia enviar telegramas aos srs. ministros da Presidência e do Ultramar, solicitando urgentes medidas que possibilitem a manutenção da actividade.

Não houve crime
na morte violenta
da reclusa na cadeia de Tomar

Na cadeia comarcã de Tomar, onde cumpria pena, foi encontrada morta por enforcamento na sua cela, em 12 de Setembro do ano findo, Joaquina da Conceição, cujo cadáver pendia suspenso dos varões da janela.

Certas lesões observadas no corpo impressionaram fortemente os familiares da falecida, levantando-se a hipótese de que ela poderia ter sido vítima de qualsquer violências. E as suspeitas recaíram sobre o carcereiro, José Pereira da Cruz.

Entregue o caso á Polícia Judiciária os investigadores que procederam a diligências em Tomar, chegaram á conclusão de não ter havido crime, verificando-se que as lesões provinham da acção das formigas, observadas na manhã daquele dia. O relatório da autópcia confirmou tal explicação.

Apurou-se também que a infeliz, sob o domínio de um surto psicopático, foi levada ao acto de desespero, e que nenhum facto censurável da parte de alguém contribuira para a sua morte. Assim, o comportamento do carcereiro ficou isento de qualquer censura.

A Polícia Judiciária arquivou, pois, pela inexistência de qualquer crime praticado sobre a vítima, o respectivo processo.

Pedido de captura de um empregado infiel

A Polícia Judiciária pediu ás autoridades do País a captura de Eduardo dos Santos Lourenço, ou Eduardo dos Santos, de 36 anos, pracista, natural de Lisboa, freguesia de Belém, contra o qual está em instrução um processo, pois sendo ele empregado numa firma da capital, onde trabalhava como comissionista, descaminhou mercadorias que levantava por meio de falsas requisições em nome de supostos clientes. É acusado, também, de ter recebido várias contas, sem que para tal tivesse autorização e cujo montante ascende a muitos milhares de escudos.

REGIONALISMO
Casa do Distrito de Coimbra

Reune-se na segunda-feira, ás 21 e 30 ou meia hora depois em segunda convocação, a assembleia geral da Casa do Distrito de Coimbra, para apreciar o relatório e contas da gerência e o parecer sobre as contas da comissão administrativa de 1956-57; tomar conhecimento de uma intimação das autoridades para alteração dos estatutos, ou dissolução da colectividade; reembolso dos créditos existentes e eleição de corpos gerentes para 1962-64.

Chegou do Ultramar
a fragata «Pero Escobar»

Atracou esta manhã á base do Alfeite a fragata «Pero Escobar», que regressou de Angola, comandade pelo capitão-de-fragata sr. António José de Barros Vieira Coelho. No cais encontravam-se muitas pessoas das famílias da guarnição, que aguardavam o seu desembarque.

EM 3 LINHAS

O juiz desembargador dr. Alberto Martins Pereira, da Relação do Porto, e o juiz dr. Arlindo Barbosa da Cunha, também do Porto, foram desligados do serviço pela junta médica da Caixa Geral de Aposentações.

///

O juiz dr. José Fernando Quesada Pastor foi promovido á 1.ª classe e nomeado para o lugar de ajudante do procurador-geral da Republica.

///

A folha oficial publicou a lista dos candidatos aprovados para os lugares de tesoureiro da Fazenda Publica de 3.ª classe, em numero de 65.

///

O secretário da Industria louvou o inspector superior de minas e serviços geológicos eng.º António de Castelo Branco, que foi desligado do serviço por ter atingido o limite de idade.

///

Por despacho do Presidente do Conselho foi confirmada a declaração de utilidade turística do Hotel e Restaurante Ofir, de Esposende, que havia sido concedida previamente em 6 de Agosto de 1959.

///

Foram condecorados pelo Presidente da Republica, respectivamente, o embaixador Tarik-Emin Jenisey, turco, com a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo, e o sr. José Maria Noeli y Blanco-Recio, espanhol, com a comenda daquela Ordem.

///

Uma portaria do Ministério da Marinha modifica as condições da prestação de serviço militar dos reservistas da reserva marítima provenientes da Escola Náutica.

///

Foi declarada a utilidade publica da expropriação de vários imóveis necessários á obra de construção de paiois na base aérea n.º 5, em Monte Real.

///

Foi nomeada uma comissão administrativa para a Associação dos Bombeiros Voluntários de Montalegre.

///

Foi hoje publicada a relação das obrigações do Tesouro, 2 1/2 por cento, 1945, e 3 1/2 por cento, 1938 e 1951, sorteadas para amortização em 15 do corrente.

///

Foi nomeado presidente da Junta de Construções, para o Ensino Técnico e Secundário, o engenheiro civil Francisco de Melo Ferreira de Aguiar.

///

Foi constituída uma comissão para o estudo de reorganização da industria de concentrados para o arraçoamento do gado, presidida pelo dr. João Manso Ribeiro.

///

O dr. Acácio Sampaio Correia da Paiva foi reconduzido no cargo de presidente da Camara Municipal de Vila Nova de Ourém.

///

Foi concedida a medalha de prata de mérito corporativo e de trabalho ao comendador Joaquim Soares de Sousa Baptista, presidente da direcção da Casa do Povo de Valongo do Vouga, no distrito de Aveiro.

FOI DESCOBERTO UM ROUBO
PRATICADO A BORDO DO NAVIO «BENGUELA»

Em Outubro do ano findo o capitão do navio português «Benguela» participou á Polícia Marítima que tinham desaparecido de bordo 150 quilos de barras de metal antifricção e 40 laminas de zinco, no valor de 23 537$00, material esse sobressalente da casa das máquinas. Foi encarregado das investigações o subchefe Angelo Cerqueira, a quem se tornou suspeito o antigo paioleiro do navio António Marques Caseiro, de Ilhavo, que lhe garantiu que, quando há um ano deixara de ser tripulante do navio o material se encontrava a bordo. Apresentou como testemunha do facto o seu ajudante António Vieira, da Murtosa, que confirmou as declarações do seu colega. A Polícia, no entanto, ouviu-o novamente porque não deu crédito ás declarações produzidas e, dessa segunda vez, o Vieira acabou por confessar que, efectivamente, o seu colega lhe havia pedido para confirmar na Polícia as afirmações que ele lá fizesse. Por sua vez o António Caseiro, novamente ouvido, acabou por confessar que um seu antigo companheiro, já falecido, de nome Carlos Mateus, se encarregara, a seu pedido, em Leixões, de vender os sobressalentes recebendo parte do dinheiro da venda.

O roubo descobriu-se agora, embora tivesse sido praticado há mais de um ano, porque o 2.º maquinista, sr. Carlos Nunes Figueiredo, com o paioleiro Manuel Pedro Reverendo, descobriu que os sobressalentes não se encontravam no paiol.

O CASAMENTO
de Juliet com Sinatra
foi «cuidadosamente» ponderado

JOANESBURGO, 11 — A futura sogra do actor Frank Sinatra, Phyllis Polte, mãe da bailarina Juliet Prowse, declara que a filha decidiu desposá-lo depois de ter ponderado «cuidadosamente» a questão.

A senhora Polte contou que Juliet Prowse ficou tão excitada com a perpectiva do seu casamento que parece ter esquecido o numero do telefone da mãe. Assim, em vez de telefonar-lhe, telegrafou-lhe a comunicar a notícia, fazendo votos por que a mensagem a alcançasse antes das notícias dos jornais.

Juliet — acrescentou — tenciona visitar a Africa do Sul antes do dia 15 para combinar com a mãe os preparativos do casamento. Sinatra é duas vezes divorciado — a segunda da actriz Ava Gardner. — (A. N. I.).

HOTEL EMBAIXADOR

Apresenta no «Terraço das Estrelas»

A famosa vedeta japonesa

TEICO YANAGUI

O espirituoso fantasista

JOSECA

e em danças modernas

BELINDA and DE BECKER

(Maiores 17 anos)

TEATROS E CINEMAS

«As Árvores Morrem de Pé», no D. Maria II

A reposição da comédia «As árvores morrem de pé» chamou ontem ao Teatro Nacional D. Maria II numeroso publico. A comédia de Alejandro Casona, primorosamente traduzida por Acursio Pereira, possui na realidade motivos de agrado bastantes para justificar nova e prometedora permanência no cartaz.

Mas, além disso, esta peça assinalava o reaparecimento de Palmira Bastos, uma das glórias do nosso teatro, que foi alvo de uma verdadeira consagração. Recebida com vibrantes aplausos, no final do segundo e terceiro actos foi aplaudida com entusiasmo e emoção, de pé, por todo o publico, que lhe testemunhou, assim, com especial carinho, a admiração que lhe merece.

Consagração merecida, a todos os títulos. E a verdade é que, mais uma vez, Palmira Bastos, no raro e pleno domínio dos seus recursos, interpretou a personagem da avó com os primores da sua arte — fulcro do êxito da comédia.

A distribuição da peça é, em grande parte, nova. Ana Paula, na figura de Isabel, revelou-se uma actriz de magníficas possibilidades, aliando a sensibilidade á sua presença gentil, correspondendo inteiramente ás exigências do papel e conquistando, rápidamente, a simpatia do publico. Deu-lhe réplica, com excelente presença e sobriedade, Varela Silva, que foi, desta vez, o falso Maurício. E' ainda de assinalar a criação de José de Castro e o acerto de Maria Corte Real, Gina Santos, Benjamim Falcão e Manuel Correia.

Luz Veloso, Luís Filipe, Paiva Raposo e Pedro Lemos reeditaram, com as qualidades que os caracterizam, os papéis que lhes eram já familiares.

O êxito de «As árvores morrem de pé», cuja encenação continua a ser a de Palmira Bastos, deve por isso renovar-se, dadas as características da peça e a forma como, mais uma vez, está posta em cena e representada pela nossa primeira companhia.

Atrás do reposteiro

- O jovem acordeonista algarvio Filipe de Brito toma parte no Campeonato do Mundo de Acordeão, que se realiza no mês de Setembro em Barcelona. Registe-se ser a primeira vez que Portugal se faz representar nestas provas.
- Oscar Acursio continuará a participar nas sessões do concurso «Cantigas ao desafio», que a R. T. P. apresentará semanalmente.
- Uma das canções que António Calvário vai estrear no «show» do A. B. C. é «Amor não me esqueças». Autores: Shegundo Galarza e António José.
- Mário Alberto está a proceder ao arranjo cenográfico do espectáculo «Badaró-escope» que vai estrear-se no Avenida no próximo dia 16. O espectáculo, gizado em moldes inéditos no nosso País, é realizado, escrito e apresentado pelo cómico brasileiro Badaró.

No Monumental

«Criada para todo serviço», na sua 202.ª representação

Continua com enchentes consecutivas, no Monumental, depois de cinco meses de êxito, a divertida comédia «Criada para todo serviço», um verdadeiro festival da gargalhada, na interpretação notável de Laura Alves e com os distintos artistas Assis Pacheco, Alma Flora, Maria Dulce e Artur Semedo.

O espectáculo repete-se, todos os dias, ás 21 e 45 e nos domingos, também ás 16 horas.

Duas peças do Teatro da Vanguarda

Hoje, ás 18 e 30, e a preços populares, apresentam-se no Monumental duas peças representativas do Teatro da Vanguarda: «O Apolo de Bellac», de Jean Giraudoux e «A grande raiva de Filipe Hotz», de Max Frisch.

Do agrupamento artístico, e com uma encenação de Redondo Junior, fazem parte os artistas: Laura Alves, Alma Flora, Maria Dulce, Lia Santos, Assis Pacheco, Manuel Lereno, Alberto Ghira, Carlos Duarte, Rui Luís, Henrique Viana, Alexandre Teixeira, Cunha Marques.

Com esta estreia pretende-se corresponder imediatamente ao excepcional interesse que o publico, e especialmente a mocidade que segue todos os movimentos artísticos, está a manifestar por este primeiro espectáculo no qual se incluiram duas peças fundamentais do teatro moderno europeu.

No Avenida

Um espectáculo em moldes inéditos

Brevemente, o publico lisboeta vai ter oportunidade de assistir a um espectáculo musicado em moldes inéditos, apresentado por Badaró, o popular fantasista excêntrico brasileiro, que deu ao «show» o nome de «Badaroscope». O extraordinário artista preencherá, sózinho, duas horas de espectáculo, numa manifestação exuberante das suas excepcionais qualidades de «show-man». Badaró, um nome que o publico decorou, será acompanhado por Helder Martins e o seu conjunto orquestral, utilizando dezasseis vozes diferentes, correspondendo a outras tantas personagens.

A estreia deste curioso espectáculo está marcada para o próximo dia 16.

No ABC

O novo espectáculo musicado «Olá amigos!»

No A B C, estreia-se amanhã «Olá amigos!», um espectáculo de gente nova, cheio de cor, alegria e musica. Luís Piçarra reaparecerá no nosso teatro com esta fantasia musical num conjunto de muitas vedetas, e sob a direcção musical de Tavares Belo.

Ao lado daquele talentoso artista e cantor, muitos nomes populares, da Rádio e TV, contribuirão para dar todo o brilho aos numeros de «music-hall»: Gina Maria, António Calvário, Fernando Ruas, Octávio de Matos (filho), duo Julmar's, Zelinda Isabel, o conjunto vocal «4 de Espadas». Rogélia Paulo, o ventriloquo Marius, os palhaços Zezé & C.ª, Lilia Martins (da Rádio Angolana), o acordeonista Filipe de Brito, Carlos Alberto e as suas bailarinas.

Haverá duas sessões, ás 20 e 45 e 23 horas.

No Trindade

«O príncipe de Homburgo»

Interpretada por um brilhante e equilibrado elenco, a peça de Von Kleist, «O príncipe de Homburgo» continua a alcançar extraordinário êxito no Trindade.

O espectáculo repete-se, todas as noites, a preços populares.

(Continua na 8.ª página)

AS NOVAS AVENTURAS DE UM HERÓI LENDÁRIO!

CURD JURGENS e CAPUCINE

MIGUEL STROGOFF

M/ 12 ANOS

2.ª SEMANA

INSPIRADO EM JULIO VERNE, O CÉLEBRE AVENTUREIRO VENCE OS TERRÍVEIS TÁRTAROS DO KHAN KHIVA DO MAR DE ARAL, ARROSTANDO COM TODOS OS PERIGOS!

SÃO LUIZ E ALVALADE

AS MULTIDÕES QUE VIRAM «MIGUEL STROGOFF» ENCHEM AGORA OS CINEMAS DE PARIS «AMBASSADE» E «RICHELIEU», PARA ADMIRAREM AS NOVAS FAÇANHAS DO DESTEMIDO AVENTUREIRO

EM DYALISCOPE - EASTMANCOLOR — Realização W. TOURJANSKY — Exclusivo LUSOMUNDO

TEM A HONRA DE APRESENTAR, AMANHÃ

UM FILME DE VERDADEIRA EXCEPÇAO, QUE TRADUZ A GRANDE FRUSTRAÇAO DO AMOR ADOLESCENTE COM TODO O IMPACTO DRAMÁTICO DA SUA PRÓPRIA LIMITAÇAO!

CLAUDIA CARDINALE

JACQUES PERRIN

EM

A RAPARIGA DA MALA

(LA RAGAZZA CON LA VALIGIA)

UMA REALIZAÇÃO DE VALERIO ZURLINI

PRESENTE NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CANNES - 1961

NOS CINEMAS

CONDES E ROMA

ADULTOS

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

* COLISEU *

Empresa Ricardo Covões, Herds. Telef. 31997

A's 21 e 30

(Maiores de 17 anos)

A grande epopeia da Guerra do Pacífico

INFERNO PARA A ETERNIDADE

com JEFFREY HUNTER

Todas as noites ás 21,30

Todas as tardes ás 16 horas

DIA 19

ESTREIA DA 1.ª COMPANHIA DE CIRCO DE 1962

IMPERIO

HOJE, ás 18.30 (Adultos)

Extraordinário exito da peça de Carlos Muñiz

«O TINTEIRO»

apresentada pela Companhia do

TEATRO MODERNO DE LISBOA

SÃO JORGE

HOJE às 21.30 ESTREIA
ESTA É A COMÉDIA!

De Vento em Popa...

(RAISING THE WIND)

COM OS GRANDES NOMES DA COMÉDIA INGLESA

JAMES ROBERTSON JUSTICE
LESLIE PHILLIPS PAUL MASSIE
KENNETH WILLIAMS LIZ FRASER
ERIC BARKER JENNIFER JAYNE
JIMMY THOMPSON
e SIDNEY JAMES

Produtor PETER ROGERS
Realizador GERALD THOMAS
Argumento de BRUCE MONTGOMERY

COLORIDO POR EASTMANCOLOR

MAIORES DE 12 ANOS

AGORA SÓ NO POLITEAMA

EXCLUSIVO DE ÉPOCA

3 SEMANAS NO ROMA
3 SEMANAS NO POLITEAMA
PORTANTO ENTRA HOJE

PEPE

EM

7 A SEMANA

UM FILME

O MAIOR ÊXITO DE CANTINFLAS

COMPROVADO PELOS 102.745 ESPECTADORES QUE JÁ O APLAUDIRAM
(Maiores de 12 anos)

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — **De vento em popa** — SÃO JORGE

SÃO LUIZ — Telefone 327172
A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos)
As novas aventuras de um herói lendário
O TRIUNFO DE MIGUEL STROGOFF
com Curd Jurgens e Capucine
Dyaliscope e Eastmancolor

EDEN — Telefone 326768
A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
EL CID
em Tecnicolor
Uma produção de Samuel Bronston com Charlton Heston e Sophia Loren
O filme começa a ser exibido logo no início dos espectáculos

POLITEAMA — Telefone 326305
HOJE ás 21.30 EM 4.ª SEMANA DE ENCHENTES
A sensacional comédia de grande espectáculo
«PEPE» com Cantinflas
Dan Dailey, Shirley Jones e ainda 35 celebridades de Hollywood
Cinemascope — Tecnicolor (M/ 12 a.)
Hoje ás 18.30: UMA CERTA MULHER—com Sophia Loren—e um acto de variedades — (M. 17 anos).

ALVALADE — Telefone 763080
A's 15.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
O TRIUNFO DE MIGUEL STROGOFF
As novas aventuras de um herói lendário
com Curd Jurgens e Capucine
Dyaliscope e Eastmancolor

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 17 anos)
QUANDO OS LOBOS ATACAM
com Jean Babilée e Pierre Mondey

LIZ — Telefone 48560
A's 21 horas (M. 17 anos)
O APARTAMENTO
A BAILARINA CIGANA

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M. 12 anos)
Spencer Tracy e Frank Sinatra
na famosa aventura espectacular
O DIABO ÀS 4 HORAS

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
A's 21.30 ESTREIA (M. 12 anos)
James R. Justice e Leslie Phillips em
DE VENTO EM POPA
A's 18.15 — Ultima — (M. 12 anos) — OS 7 MAGNIFICOS.

CONDES — Telefone 322523
A's 15.15 e 18.15 (M. 6 anos) (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos) 3.ª SEMANA
AS AVENTURAS DE TIM TIM
O maior herói de todos os tempos e os seus famosos companheiros, pela 1.ª vez no Cinema.

ODEON — Telefone 326283
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
5.ª E ULTIMA SEMANA
com o famoso ídolo de todas as idades
JOSELITO
OS DOIS GAROTOS
Maravilhosas canções — M. 12 anos
ATENÇÃO: Bilhetes á venda para todos os espectáculos desta semana.

CINEMA IDEAL — Telefone 324194
A's 21 horas (M. 17 anos)
HERODES O GRANDE
A TERRA DOS HOMENS MAUS

TERRASSE — Telefone 320917
A's 21 horas (M. 12 anos)
O JOGO DO AMOR
WATUSI, O GIGANTE AFRICANO

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (M. 17 anos)
COM JEITO FOI
com Charles Hawtrey — Joan Sims — Keneth Williams

IMPÉRIO — Telefones 555134/5
A's 15.15 e 21.30 (Adultos) 3.ª SEMANA
de Annie Girardot e Claude Pascal
no emocionante romance de amor
RENDEZ-VOUS
Exclusivo da época

MONUMENTAL — Telefone 55131
A's 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
Eastmancolor
FERNANDEL, o terror do «Far-West» a quem nem o xerife tinha coragem de fazer frente
JACK, O DINAMITE
com Eleonora Vargas e Adrienne Corri

ROMA — Telefone 727778
A's 15 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
«PEPE»
com CANTINFLAS
Um grande espectáculo com Shirley Jones, Dan Dailey e ainda 35 celebridades de Hollywood
Cinemascope e Tecnicolor

CAPITÓLIO — Telefone 327493
A's 15.30 e 21.30
KONGA
Desde King Kong... Nunca houve no cinema, um espectáculo tão sensacional.
C/ Michael Gongh — Margot Johns — Claire Gordon

AVIS — Telefone 47163
A's 15.30 (M. 6 anos) e 21.45 (M. 12 anos) 3.ª SEMANA DE MARISOL
numa comédia divertida, alegre e sentimental
CHEGOU UM ANJO
com Pulgarcito — Isabel Garcés — Julio Sanjuan

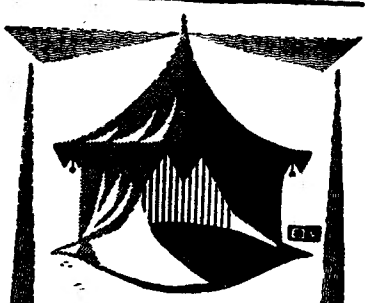
ROYAL — Telefone 865037
A's 15 e 21 h. (M. 12 anos)
O MUNDO NOS SEUS BRAÇOS
MOEDA FALSA

MONUMENTAL
Tel. 555133 — (Ad. M/ 17 anos)
Às 21.45 h.

5.º MÊS
ÚLTIMAS
LAURA ALVES
no seu grande êxito com
ASSIS PACHECO
DOMINGO, A' TARDE, ás 16 h.
2 HORAS A RIR!
Hoje ás 18,30 h.
TEATRO DE VANGUARDA
(Adultos m/ 17 anos)

TRINDADE
Telef. 32 00 00 (M. 12 anos)
A's 21.45
EM 3.ª SEMANA
A OBRA-PRIMA DE KLEIST
O PRÍNCIPE DE HOMBURGO
com Brunilde, Alves da Costa, Benamor, Figueiredo, Lígia e MÁRIO PEREIRA no protagonista
SÁBADO, ás 17 h.
2.ª «Matinée» para estudantes

MARIA VITÓRIA
Emp.: Hermes Portela - Tel. 31740
Às 20.45 e 23 h. Ad. M/ 17 anos
A MELHOR REVISTA DOS ULTIMOS ANOS
BATE O PÉ!
2 HORAS DE GARGALHADA!


Carrousel
HOTEL RITZ
LISBOA
HOJE
ANDREA TOSI
E SEU CONJUNTO ITALIANO
VENCEDORES DA COPA JAZZ DE 1961
E
JOSÉ MAGALHÃES E SEU CONJUNTO
Telefone 684131 MAIORES 15 anos

NO **AVENIDA** p.ª Adultos M. 17 anos
Em 2 sessões—A's 20.45 e 23 h.
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
Em que a alegre e trepidante
Companhia Internacional de Music-hall
apresenta a revista surpresa desta temporada
Ó-LÁ-LÁ!
Um prodígio de ritmo, alegria e cor!
UM ÊXITO QUE O PUBLICO NÃO DEIXA SAIR DE CENA!!!

O EMPARCELAMENTO

da propriedade rústica

contribuirá para o revigoramento da empresa agrícola do tipo familiar

— segundo se afirmou na Assembleia Nacional

A sessão de hoje, da Assembleia Nacional, presidiu o professor Mário de Figueiredo, secretariado pelos drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira.

Na ordem do dia, prosseguiu a apreciação da proposta de lei sobre o emparcelamento da propriedade rustica.

O eng.º Virgílio Pereira e Cruz, falando dos numerosos casos de divisão da propriedade que se verificam em toda a parte, cita o caso dum castanheiro em Trás-os-Montes que pertencia a 32 pessoas e que passou a ser de 37 por que uma daquelas morreu e deixou 6 herdeiros.

Acentuou que a divisão da propriedade para além do razoável «subtrai á agricultura terrenos ocupados em vedações, valas e caminhos, dificulta os trabalhos de rega e o emprego de máquinas agrícolas, encarece a mão-de-obra devido ás caminhadas entre as parcelas além de dar origem a rixas e pleitos por motivo de servidões e de demarcações de insignificantes parcelas, conflitos que estão na base de malquerenças e ódios que perturbam e empobrecem os povos».

Diz que a reorganização agrária pelo emparcelamento torna mais produtivo o trabalho, ao mesmo tempo que diminui os custos dos outros factores de produção, aumentando por forma sensível o rendimento total do lavrador, observando:

— A proposta de lei em debate integra-se num conjunto de diplomas bem articulados e apresentados pelo Governo á Assembleia Nacional. Eles visam corrigir defeitos da estrutura agrária portuguesa, em bases semelhantes áquelas que noutros países se tem vindo a procurar resolver problemas idênticos aos nossos. A proposta procura lançar as bases necessárias para a valorização da nossa agricultura minifundiária, combatendo a pulverização e dispersão da propriedade rustica e favorecendo a constituição e a consolidação de unidades de trabalho economicamente estáveis e tecnicamente equilibradas, com melhores condições de adaptação ás exigências crescentes da técnica e da economia.

Salienta que o reagrupamento das parcelas se traduz em apreciável economia de mão-de-obra, de material agrícola e até, embora em menor escala, em economia de sementes, e que experiências feitas no estrangeiro demonstram que o rendimento bruto da exploração pode ser acentuadamente aumentado, presumivelmente de 20 a 70 por cento.

Afirma que o emparcelamento é planeado e executado em toda a Europa, tal como deve ser em Portugal, por razões de utilidade publica manifesta, e considerado tanto lá como cá uma medida de interesse nacional.

Lembra que a Junta de Colonização Interna tem já elaborados diversos estudos prévios e projectos de recomposição predial de certos perímetros, estrategicamente dispersos por vários pontos do País, que poderão vir a representar naquelas zonas polos de irradiação para o início de uma vigorosa campanha de recuperação da nossa agricultura nunifundiária, dirigindo palavras de justo apreço aos que trabalham naquele organismo e ao seu presidente, engenheiro Vasco Leónidas.

Citando os resultados dum inquérito feito no distrito de Vila Real, que abrangeu uma área de 788 hectares, repartida por 3 freguesias, diz que o emparcelamento daquele perímetro e a realização de vários melhoramentos projectados contribuiriam de forma decisiva para elevar o nível de vida das suas populações, e que a Junta deu todo o apoio técnico aos interessados e adoptou na medida do possível as soluções que eles preferiam.

Aponta «a influência da industrialização rural portuguesa na ocupação da mão-de-obra e na elevação do nível de vida das populações locais», acentuando que «os resultados provisórios do ultimo censo da nossa população mostram que de 1950 a 1960 se acentuou o êxodo rural», e dizendo:

— O revigoramento da vida rural é um imperativo da nossa época, só por esse meio se poderá atenuar o êxodo rural e controlar e orientar o êxodo agrícola. Dentro da moderna orientação o emparcelamento não se limita ao agrupamento das parcelas dispersas, mas é elemento essencial de um plano de desenvolvimento regional harmónico para elevar o nível de vida rural pela criação de melhores condições materiais, profissionais, culturais e cívicas.

Cita vários benefícios previstos na proposta que «contribuirão para fomentar o reagrupamento predial espontaneo», concluindo por afirmar que «o emparcelamento virá, com os seus objectivos, contribuir para o revigoramento da empresa agrícola do tipo familiar».

Estão também inscritos para a ordem do dia os srs. dr. Armando Perdigão, professor Nunes de Oliveira e Carlos Alves, presidente da Camara Municipal de Carmona.

Antes da ordem do dia, falam os srs.: dr. Bento Levy, sobre assuntos de interesse para a província de Cabo Verde; dr. Ribeiro Meireles, acerca de preços de venda de vinhos, nomeadamente da região demarcada de vinhos verdes; dr. Marques Lobato, de problemas de Moçambique; e coronel Rocha Peixoto, acerca das consequências das cheias do Douro, na região da Régua.

A saída do funeral do general Silva Freire

Quatro das vítimas

do desastre de aviação ocorrido em Angola foram hoje a sepultar

Durante a noite e parte do dia de hoje, as urnas contendo os restos mortais dos srs. general Carlos Miguel Lopes da Silva Freire, tenente-coronel João Oliveira Marques e de seu filho, João Manuel Parente de Oliveira Marques, e do capitão António Aníbal Dias Pombo e Costa, quatro das vítimas do brutal desastre de aviação ocorrido em Chitado, Coroca — ao Sul de Angola — no dia 10 de Novembro findo, foram velados pelos respectivos familiares e por numerosos oficiais de todas as patentes e armas na pequena capela privativa do Hospital Militar Principal da Estrela, para onde os féretros, que ontem chegaram no paquete «Uige», haviam sido trasladados na véspera.

As urnas dos militares foram cobertas com bandeiras nacionais, vendo-se sobre almofadas cobertas de crepes as condecorações, a espada e o boné dos extintos. A urna de João Manuel Parente de Oliveira Marques encontrava-se coberta com a bandeira da Mocidade Portuguesa. Rodeando as urnas, viam-se muitas coroas e ramos de flores.

Pelas 11 horas, foi celebrada missa de corpo presente pelo tenente-coronel, chefe dos capelães do Exército, rev.º cónego António dos Reis Rodrigues. Estavam presentes, além das famílias dos extintos, e de oficiais de todas as unidades e estabelecimentos de Lisboa, dependentes do Ministério do Exército, da Guarda Nacional Republicana e da Guarda Fiscal, os srs. general Humberto Pais, chefe da Casa Militar do sr. Presidente da Republica, em sua representação; general Camara Pina, por si e em representação do ministro do Exército; 1. tenente Alvarenga, pelo ministro da Marinha; generais Beleza Ferraz, Alves Veríssimo, Silveira Machado, Pinto Ribeiro, Jorge Oom, Monteiro Libório, Leonel Costa Lopes, Aníbal Vaz, Faco Viana, Correia Guedes, Monteiro do Amaral, Ponte Rodrigues, Tassara Machado, Luís Domingues, Meira e Cruz, Raul Martinho, Matos Maia, Portugal da Silveira, Buceta Martins, Barbiere Cardoso, Costa Macedo, Ferreira de Passos, Antunes Cabrita, Santos Calado, Sousa Gomes e Cotta de Morais; dr. Baltasar Rebelo de Sousa, almirantes Noronha Andrade, Henrique Tenreiro, Guerreiro de Brito e Celestino da Silva; comandantes Julio de Vilhena e Soares de Oliveira; brigadeiros Sá Viana Rebelo, Raul Pereira de Castro, França Borges, Barreira Antunes, Julio Manuel Peneira, Ribeiro de Carvalho, Gomes Junior, Carlos Gorgulho, Portugal da Silveira, Marques de Oliveira, Bastos Gonçalves, Vasco da Gama Rodrigues, Pires Monteiro, Esteves Pereira e Amorim Rosa; adidos militares de Espanha e dos Estados Unidos da América do Norte, etc.

Também estavam presentes os srs. Oscar Paulo Pereira, conde de Paço de Arcos, engenheiro Teixeira Gomes, embaixador José Nosolini e Francisco Martins Pereira, respectivamente administradores, governador e secretário do Banco de Angola; José de Melo Gouveia, em representação da delegação de Portugal junto do Conselho do Atlantico; major-capelão do Governo Militar de Lisboa, padre Arnaldo Duarte, etc.

Feita a encomendação do corpo pelo rev.º padre Pimenta, coadjutor da Estrela, a urna do general Carlos da Silva Freire foi retirada da essa e conduzida para um autofunebre militar, que a transportou ao cemitério do Alto de S. João, onde ficou depositada em jazigo de família. Conduziram as almofadas com as condecorações, espada e boné, respectivamente, o cadete da Escola Naval sr. João Carlos Moreira Freire e o aluno da Escola Militar, sr. José Manuel Nogueira.

O funeral do capitão António Aníbal Dias Pombo e Costa, saira já ás 8 e 30, para o cemitério de Tortozendo, Covilhã, sua terra natal.

Pelas 15 horas, efectuaram-se os funerais do sr. tenente-coronel João Oliveira Marques e de seu filho João Manuel Parente de Oliveira Marques. Os féretros também com grande acompanhamento, seguiram para o cemitério de Carnaxide, onde ficaram depositados em gavetões oferecidos pela Camara Municipal de Oeiras.

O sr. brigadeiro Mário Silva, ministro do Exército, esteve, de manhã, na capela do Hospital Militar, a apresentar condolências ás famílias dos três oficiais.

No funeral do general Silva Freire aquele membro do Governo fez-se representar pelo chefe do Estado-Maior do Exército; no do tenente-coronel Oliveira Marques pelo general Andrade e Silva; e no do capitão Pombo pelo sr. brigadeiro Margarido.

Foi condecorado

pelo ministro da Marinha o comandante do «Custódio de Mello» durante um almoço nas Necessidades

O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, ofereceu hoje, no Palácio das Necessidades um almoço em homenagem ao capitão-de-mar-e-guerra Aldo Pessoa Rebello, comandante do navio-transporte «Custódio de Mello», da Armada do Brasil. Participaram na refeição o titular da pasta da Marinha, sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias, o sr. embaixador do Brasil, dr. Negrão de Lima; secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. José Luís Archer; general Gomes de Araujo, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas; almirantes Rocha Andrade e Roboredo e Silva, respectivamente, secretário-adjunto da Defesa Nacional e subchefe do Estado-Maior da Armada; ministro conselheiro da Embaixada do Brasil, dr. Donatello Grieco; ministro dr. Bezerra de Meneses, dr. Albano Nogueira, director dos Negócios Económicos, dr. José Manuel Fragoso, director dos Negócios Políticos; outros funcionários superiores do Ministério dos Negócios Estrangeiros e outras altas individualidades.

No decorrer do almoço, o sr. ministro da Marinha impôs ao comandante Aldo Pessoa Rebello, a medalha de Mérito Militar de segunda classe, com que decidiu agraciar aquele oficial.

Aos brindes, pronunciaram breves discursos, o ministro titular dos Negócios Estrangeiros e o comandante do «Custódio de Mello».

Ao fim da tarde, o embaixador do Brasil oferece, no palácio da Rua da Emenda, uma recepção em honra da Marinha de Guerra portuguesa.

FALECEU

o capitão-de-fragata eng.º Silvério de Sousa Mendes

Faleceu hoje o sr. capitão-de-fragata, eng.º-naval Silvério de Sousa Mendes, natural de Cabanas de Viriato, com 57 anos de idade. Oficial distinto e técnico competente exerceu vários cargos oficiais e dirigiu a construção dos avisos «Pedro Nunes» e «João de Lisboa», os navios de guerra de maior tonelagem até então construídos em estaleiros portugueses.

Era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição da Moncada Alboim de Sousa Mendes. O seu funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério de Benfica.

O corpo da B. B. esculpido em ouro vai ser oferecido à famosa estrela

NOVA YORK, 11 — Um antigo nobre hungaro partiu, a noite passada, para a Europa, levando uma estátua, de ouro, de Brigitte Bardot, que tenciona oferecer á famosa sa «estrela» do Cinema, «porque ficou muito impressionado com a sua beleza».

O barão Sepy Dobronyi, que viaja num avião que fará escala em Copenhague, afirmou que esculpira a estátua, nua, a «maior parte de memória». O ouro empregado na sua obra vale 2000 dolares (cerca de 58 contos).

A família Dobronyi já possui um castelo em Diske, nos arredores de Budapeste. O barão vive agora nos Estados Unidos. — (R.).

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

O MUNICÍPIO D

promoverá este ano e de bailados e para adultos e

Entre as actividades culturais planeadas pelo Município de Lisboa para o ano corrente merece especial referência a que diz respeito ao teatro.

Quanto aos bairros da periferia da cidade, «tendo em consideração os resultados obtidos, designadamente o agrado que várias colectividades de recreio manifestaram pela realização dos espectáculos nas suas salas, julga-se de prosseguir, havendo, porém, que rever alguns condicionalismos, conforme a experiência obtida, nomeadamente no que respeita á colaboração dos agrupamentos teatrais».

No que se refere aos espectáculos levados a efeito no Teatro da Trindade, na Estufa Fria e no Pavilhão dos Desportos, pela primeira vez em 1961, «é indiscutível que constituiram o maior êxito até agora alcançado em actividades culturais promovidas pela Câmara».

Assim, cada peça apresentada no Pavilhão dos Desportos, com cinco representações, teve a assistência de cerca de 15 000 pessoas; na Estufa Fria, com uma lotação apenas para 650 pessoas, estiveram presentes em cada série de 10 espectáculos cerca de 5000 espectadores; e a assistência na totalidade dos 45 espectáculos, dos quais 25 na Estufa Fria, foi aproximadamente de 57 500 espectadores.

Considerando o agrado do publico, e a opinião da crítica quanto ao nível dos espectáculos, «julga-se de continuar a actividade iniciada; mas também nesta modalidade cultural haverá algumas correcções a fazer, embora se admita que o encargo financeiro a suportar seja mais elevado».

Segundo plano já estudado, prevê-se a colaboração do Teatro Gerifalto, para espectáculos infantis em determinados dias, á tarde.

Para espectáculos na Estufa Fria e, especialmente, nos bairros da periferia, prevê-se a participação dos agrupamentos infantis que já ali têm actuado (Tardes Culturais para a Infância), e de agrupamentos de teatro, estes a actuar também, como no corrente ano, em salas de sociedades de recerio.

Quanto a cinema, cujas sessões semanais foram levadas a efeito nos bairros municipais da Boa Vista, Furnas, Quinta da Calçada, Alvito e nos salões de festas do Grupo Escolar de Vale Fundão, prevê-se que, para além destes locais, os espectáculos se realizem também em sociedades de recreio que se mostrem interessadas, sobretudo em bairros da periferia, designadamente Carnide, Benfica, Lumiar, Belém, Olivais e Encarnação.

Está prevista para este ano a primeira apresentação de espectáculos de bailado. Pode já admitir-

NOVO PROFESSOR

da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra

COIMBRA, 11 — Os srs. drs. José Ribeiro de Albuquerque e José Bayolo Pacheco de Amorim concluiram hoje, ao princípio da tarde as suas provas para catedráticos da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. O acto realizou-se na Sala dos Capelos e foi presidido pelo reitor da Universidade.

Do dr. José Albuquerque, professor extraordinário da Universidade de Lisboa, foram arguentes os srs. profs. Aníbal Gomes de Carvalho e Luís Sousa Neto, de Lisboa e Coimbra, respectivamente; e do sr. dr. José de Amorim, da Universidade de Coimbra, foram arguentes os profs. Aníbal Costa e Manuel Esparteiro, de Lisboa e Coimbra, respectivamente.

No final das provas, cerca das 17 horas, o juri, presidido pelo reitor, aprovou ambos os candidatos por mérito absoluto, e o dr. José de Amorim ainda por mérito relativo, pelo que ocupará o lugar a concurso.

JOIAS

Antigas e modernas. Compra, cobrindo todas as ofertas.
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

PIO DE LISBOA

ste ano espectáculos dos e de teatro altos e crianças

ulturais de Lis- rece es- respei- eriferia deração ignada- s colec- estaram ctáculos prosse- e rever confor- omeada- olabora- ais». pectácu- atro da no Pa- rimeira vel que até ago- s cultu- ra». tada no n cinco istência na Es- apenas m pre- 0 espec- adores; e dos 45 na Es- ente de

do pu- quanto «julga- ade ini- modali- as cor- admita suport-

do, pre- ro Geri- ntis em

fa Fria rros da dicipação que já ulturais upamen- ar tam- em sa- o. sessões efeito Boa Vis- ada, Al- do Gru- , prevê- cais, os também que se bretudo signada- Lumiar, o. ano a espectá- admitir-

SOR ências sidade

drs. Jo- e José im con- a tarde dráticos da Uni- cto rea- os e foi Universi-

ue, pro- Universi- rguentes de Car- e Lisboa e; e do Univer- arguen- e Ma- e Coim-

rca das pelo rei- ndidatos dr. José rito re- lugar a

S

, cobrin-

TA 24564

AGINA CENTRAL

se que haverá algumas exibições, uma delas ao ar livre, contando-se com a colaboração do Grupo «Verde Gaio» e do «Grupo Experimental de Ballet» do Centro Português de Bailado, subsidiado pela Fundação Gulbenkian.

Prosseguir-se-á na realização de concertos por bandas particulares e oficiais, em numero de 54, tendo sido já estudado o esquema de apresentação. Continuarão a merecer a melhor atenção os concertos sinfónicos, com apresentação de solistas a escolher pela Câmara, e em termos de valorizar esta actividade cultural. Os concertos corais constituirão motivo de especial atenção, admitindo-se audições por grupos de Lisboa e de outras cidades.

Projectam-se as seguintes exposições: de velhas fotografias de Lisboa, no Palácio Galveias; de livros iluminados sobre Lisboa, com a apresentação das várias espécies existentes nas colecções do Arquivo Histórico Municipal; de aspectos lisboetas da obra de Francisco Valença; e o segundo Salão de Arte e Artesanato dos Funcionários da Câmara.

João de Deus

morreu há 66 anos

Em 11 de Janeiro de 1896 morreu em Lisboa, na casa modesta da rua que hoje tem o seu nome nos cunhais, o grande poeta João de Deus. Em 1895 havia-lhe sido prestada uma homenagem nacional em que participaram milhares de pessoas, desde o Chefe do Estado aos humildes que tinham aprendido a ler pela sua Cartilha. A homenagem comoveu o grande poeta que meses depois era conduzido ao panteão dos Jerónimos, em enterro que era uma apoteose.

Os antigos alunos da Escola Politécnica que hoje confraternizaram

Trinta antigos alunos da Escola Politécnica

reuniram-se num almoço

Decorreu em ambiente de amizade e franca camaradagem o tradicional almoço de confraternização entre os antigos alunos da Escola Politécnica em comemoração do 125.º aniversário da fundação daquele estabelecimento de ensino superior. Ao repasto, que hoje se efectuou na cantina da Liga dos Combatentes, assistiram trinta convivas: generais Afonso Botelho, Ferreira Martins, A. Ferreira Passos e Leonel Vieira; brigadeiros A. Sotto Mayor e Esteves Pereira; coronéis Pedro Ribeiro de Almeida, A. Gonçalves Pinto, V. F. Quaresma, A. Alvim Leal, Ricardo Durão, F. António Real, M. Pereira Coelho, Emídio Cadima, A. Peixoto Chedas; Carlos Esteves Beja e Vasco Lopes de Mendonça; tenente-coronel inspector superior E. R. de Carvalho, major F. Barbosa de Magalhães; almirante J. Correia Pereira; comandante Bernardino Nogueira; capitães J. Celestino Soares, capitão Ernesto Empis e L. Costa Pereira; médico dr. Fernando Cunha; professor F. Joaquim Mendes; eng. Diogo Sobral; professor A. Gomes Pereira; conservador bibliotecário Higino Santos e eng.º Rocha e Melo.

Durante o almoço trocaram-se amistosos brindes e recordaram-se alguns episódios amenos da vida escolar.

Foi presidente

da Câmara de Cascais o novo subsecretário do Exército

(Continuação da 1.ª página)

presidente da Câmara Municipal de Cascais.

O decreto de nomeação será enviado, pela Presidência da Republica, ainda hoje para o «Diário do Governo» e aquele novo membro do Governo presta amanhã o compromisso de honra e toma posse do cargo perante o Chefe do Estado. A cerimónia realizar-se-á ás 15 e 30, no palácio de Belém, perante o Chefe do Estado e com a presença do Presidente do Conselho e do ministro do Exército, seguindo-se no Ministério do Exército a investidura no cargo e apresentação do subsecretário aos altos comandos.

O sr. tenente-coronel Vítor Novais Gonçalves é natural de Lisboa e conta 53 anos. Entrou em Março de 1929 para a Escola do Exército, onde tirou o curso da arma de Artilharia. Em Novembro de 1934 foi promovido a alferes, em Dezembro de 1936, a tenente e em Junho de 1944, a capitão. Após a guerra, fez parte das forças expedicionárias a Moçambique, de onde seguiu, depois, para Dili, como componente do corpo militar de reocupação da província de Timor. De regresso á Metrópole, foi colocado, em Junho de 1946, no antigo Grupo de Artilharia Contra Aeronaves 1, do qual foi segundo comandante, depois de promovido a major, em 1955. Mais tarde, desempenhou as funções de professor adjunto do Instituto de Altos Estudos Militares e, em 31 de Março de 1959 foi nomeado presidente da Camara Municipal de Cascais. Promovido ao actual posto, há poucos meses, abandonou, então, esse lugar e assumiu o comando do Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Costa, naquela vila. Possui numerosos louvores e várias condecorações, entre as quais a Ordem Militar de Avis.

A princesa Grace de Mónaco, sempre elegante e bonita, não esconde a sua alegria ao cortar o simbólico queque da Epifania, durante uma recepção do seu palácio. Entre os cônsules da França e da Itália, a graciosa princesa é bem a rainha da festa

A visita do ministro das Obras Públicas às zonas atingidas pela cheia do Douro

Segue amanhã, de automóvel, para o Norte o sr. ministro das Obras Publicas, que vai examinar os problemas criados pela cheia do rio Douro e estudar as respectivas soluções.

O sr. eng.º Arantes e Oliveira chegará ao Porto ás 14 e 30, iniciando as visitas pela parte ribeirinha, depois do que percorrerá as zonas atingidas em Vila Nova de Gaia. Ao fim da tarde, seguirá para Trás-os-Montes, pernoitando em Alijó. No sábado, ás 8 e 30, começará a visitar as áreas do concelho de Carrazeda de Ansiães (foz do Tua) e outras zonas marginais do Douro, como sejam Pinhão, no concelho de Alijó, e algumas povoações dos concelhos de Sabrosa, da Régua e de Mesão Frio, de onde regressará a Lisboa.

O ministro será acompanhado pelos srs. engenheiros Lousa Viana, seu secretário; Sá e Melo e Palma Carlos, directores-gerais dos Serviços de Urbanização e Hidráulicos, respectivamente; Eduardo Amorim e Duarte Gaspar, directores, respectivamente, dos Serviços de Conservação e Pontes da Junta Autónoma de Estradas, e Neto Marques, chefe do Gabinete de Estudo de Habitação da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, além dos directores técnicos dos distritos do Porto, Vila Real e Bragança.

PÁRA-QUEDISTA

morto sobre a Mancha

durante filmagens

LONDRES, 11 — O pára-quedista Michael Reilly, de 30 anos, morreu na filmagem de um lançamento de pára-quedistas sobre o canal da Mancha, para a nova película intitulada «The War Lover» (ANI).

CONDENADO

em 21 anos de prisão

por ter morto um septuagenário

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 11. — Foi julgado o pastor José Brás, de 54 anos, de Fonte Zambujo, Alcoutim, por ter morto á machadada, em Setembro do ano passado, o sr. Francisco Inácio, também pastor, daquela freguesia.

Depois de o ter deixado sem vida, roubou-lhe 28 650$00, o motivo da agressão de morte.

O réu foi agora condenado em 21 anos de prisão maior, mil escudos de imposto de justiça e 40 contos de indemnização á família da vítima.

OS CAIXEIROS-VIAJANTES

insistem nas suas reivindicações para a melhoria da situação económica e moral da classe

Em reforço da exposição que nos enviaram os caixeiros-viajantes, reunidos, no Porto, no seu tradicional jantar de confraternização, com a significativa e calorosa manifestação de simpatia ao «Diário de Lisboa», testemunhando o reconhecimento e o apreço pela contribuição que este jornal vem prestando para o estudo e as justas soluções dos problemas que afligem esta e outras classes laboriosas, em reforço desse e de sucessivos depoimentos, uma nova representação dos caixeiros-viajantes reafirma, em objectiva pormenorização de elementos justificativos, os anseios da classe e o desejo de ver satisfeitas as suas legítimas aspirações, com a melhoria de situação económica e das condições de trabalho para prestígio da tarefa profissional.

Segue-se a representação dos caixeiros-viajantes:

O esforço e as dificuldades da classe

«Os abaixo assinados tomam a liberdade de, em primeiro lugar, vir muito respeitosamente saudar V. e agradecer, sobretudo, a carinhosa assistência que tem prestado á classe dos caixeiros-viajantes, publicando as suas exposições nas colunas do «Diário de Lisboa», que dispensa também, o apoio moral a uma classe laboriosa, que muito orgulhosamente, luta, todos os dias, através das estradas de Portugal, para levar ao conhecimento do comércio geral e da industria, dispersos por todas as terras do País, os mais variados artigos. Para isso, despende a sua maior actividade, fazendo, por vezes, os maiores esforços a fim de tornar conhecidos os artigos que vende, como também, as firmas que representa. No entanto, os caixeiros-viajantes são mal remunerados apesar de todos esses esforços e os seus magrissimos ordenados não compensam tal dedicação, nem lhes permite acudir ás suas angustiosas necessidades.

«Necessitávamos de ser ouvidos, pelas entidades que regem a nossa classe, e apelamos em especial para o sr. ministro das Corporações, pois só de S. Ex.ª poderá advir a solução de todos os problemas que nos afectam e, dia a dia, se tornam mais graves. Na maioria, os caixeiros-viajantes têm os seus lares onde as mulheres e os filhos, vivem muitas horas amargas, por falta dos maridos e dos pais no seio da família, receando sempre que lhes suceda quaisquer fatalidades, e ainda o que reputamos de maior gravidade, pelas dificuldades económicas, pois é uma luta constante com angustiosos problemas, entre os quais a educação dos nossos filhos e outros que nos complicam a existência.

«É, na verdade, uma crise muito grave, a que estamos a atravessar. Por isso, humanamente, pedimos que nos seja feita justiça, para que possamos também, cada vez mais com o nosso grande entusiasmo, contribuir para a prosperidade da Nação. Com o que se tem dito no grande «Diário de Lisboa», já a classe patronal devia ter decidido pagar-nos honorários compatíveis com os esforços que fazemos, para o seu engrandecimento.

O problema dos ordenados

«Os ordenados dos caixeiros-viajantes oscilam entre 1000$00, 1500$00, 2000$00 e 2500$00, sendo muito poucos os colegas cujos ordenados ultrapassam os 3000$00. Quanto ás verbas para despesas de viagem, nisso nem se fala, pois são, também, muito poucos os caixeiros-viajantes que não cheguem ao fim do ano individados com os patrões, precisamente pelas precárias condições de trabalho que por eles, lhes são impostas. E porque acontecem estas anomalias? Responde-se com outra pergunta: — Onde está o sindicato que, muito religiosamente, todos os meses, nos cobra a quota? Não será esta a entidade que vive com a finalidade de defender todos os seus associados? Ao muito que tem sido permitido dizer no «Diário de Lisboa» e também ao muito que o conceituado jornal de V. tem comentado sobre as justas aspirações da nossa classe, parece o nosso sindicato indiferente, ou seja, á gravissima situação que todos nós, os caixeiros-viajantes presentemente atravessamos. Mas, se a nossa classe está a viver momentos aflitivos, para isso muito contribui a classe patronal, unica e exclusiva causadora das amarguradas dificuldades que nos afligem.

«Para nos aliviar um pouco do transe que vivemos, bastava alguma compreensão e espírito de justiça, ponderando a classe patronal em que os ordenados que nos pagam não chegam sequer para compensar a ausência permanente do convívio com os nossos filhos e as nossas mulheres.

«Apesar da nossa luta constante e permanente, quer directa, quer através do jornal de V., para que nos sejam dadas condições de trabalho que se coadunem com os esforços despendidos, não só não atendem aos nossos apelos, como, também, se verifica o silêncio sobre as nossas humanas aspirações.

«Aos nossos colegas do Porto, daqui lhe endereçamos os mais vivos agradecimentos, pela solidariedade com a nossa ideia, aplaudindo-os pelo desassombrado esclarecimento, quanto ao futuro que nos espera, quando nos faltarem todas as energias para desempenharmos a nossa profissão.

A carteira profissional e outras aspirações da classe

«A carteira profissional como arma de trabalho e elemento dignificador é indispensável a todos aqueles que exercem a profissão com aquela honestidade que lhes reconhecem e se impõe aos autênticos caixeiros-viajantes.

«Também protestamos contra os tão já falados 3% para o Turismo, que nos são cobrados pela industria hoteleira, por nos julgarmos com os mesmos direitos que têm os funcionários publicos, isentos do pagamento desta taxa, quer andem em serviço ou em passeio. Devemos ser considerados, como somos: autênticos trabalhadores, e nunca tu-

(Continua na 10.ª página)

Manuel da Fonseca

no próximo «encontro»

dos amigos do «Diário de Lisboa-Juvenil»

No próximo sábado, dia 13, os colaboradores, amigos ou simples leitores do «Diário de Lisboa-Juvenil», terão oportunidade de conhecer pessoalmente um dos escritores portugueses de maior projecção no panorama da nossa vida artística: Manuel da Fonseca.

A sua obra compreende diferentes modalidades literárias — poesia, conto, romance, simples crónicas cheias de sabor, de pitoresco, de humanidade. Em qualquer delas, atingiu Manuel da Fonseca um plano de grande altura. Não é possível uma referência — reduzida que seja — á literatura actual sem que o nome de Manuel da Fonseca imediatamente acuda ao bico da pena. E a sua presença é obrigatória quando se trata de organizar uma antologia de conto, de poesia, de romance.

Um sentido profundamente humano percorre toda a sua obra — a que preside uma sinceridade vital. Não admira, portanto, que os leitores do «Juvenil» houvessem manifestado tão grande vontade de o conhecer pessoalmente. Manuel da Fonseca acedeu ao seu pedido. Extraordináriamente modesto — de uma modéstia que rasa as fronteiras da timidez — sempre o conhecemos avesso a manifestações de homenagem. Mas o pedido dos rapazes e raparigas do «Juvenil» sensibilizou-o. Não pôde dizer que não. E assim, no próximo sábado, pelas 15 horas, Manuel da Fonseca estará presente no «Diário de Lisboa» para dois dedos de conversa com os seus mais jovens admiradores.

KAISER
RÁDIO — TELEVISÃO
Av. Duque de Avila, 169-D

TEATROS E CINEMAS

Primeiras exibições

«Inferno para a Eternidade», no Coliseu

No intervalo de duas companhias de circo — a primeira deste ano apresenta-se no próximo dia 19 — o Coliseu oferece ao seu numeroso publico um filme de guerra no Pacífico intitulado «Inferno para a Eeternidade», ontem estreado naquela casa de espectáculos com a lotação práticamente esgotada.

Realizado por Phil Karlsson, «Inferno para a Eternidade» não é simplesmente mais uma película inspirada na guerra terrível em que os americanos vingaram o traiçoeiro ataque dos japoneses ao Porto das Pérolas. O conteudo humano da história de «Inferno para a Eternidade» classifica-o como obra de excepção entre os filmes do género. Acresce, ainda, que a história, embora pareça impossível, é verdadeira e foi vivida na ilha de Saipan.

No desempenho, salientam-se Jeffrey Hunter, no protagnista; David Janssen, Vic Damone—americanos; e Sessue Haykawa e Miiko Taka, entre os japoneses.

Os complementos são muito interessantes. No intervalo, a orquestra do Coliseu fez-se aplaudir em dois trechos.

Em suma: um programa completo para todas as camadas do publico. — **Visor 33.**

S. JORGE

Estreia do filme «De vento em popa»

Ao fim de quatro semanas de êxito de «Os 7 magníficos», o São Jorge estreia hoje a magnífica produção «De vento em popa». Esta película constitui uma agradável comédia burlesca em que se põem a ridículo alguns hábitos rotineiros do homem, através de sequências plenas de comicidade e expressão cinematográfica. Coisas sérias são dadas com um sorriso, resultando daqui um espectáculo que diverte e faz pensar em muitos aspectos da vida de hoje.

Se outros atractivos não houvesse para se chamar a atenção do publico para esta comédia, um haveria a impor-se — o facto de nela ter o seu primeiro papel de relevo o gordo e anafado James Robertson Justice. Todo o conflito foi criado para lhe proporcionar a maior interpretação da sua carreira e na qual o famoso actor dá largas ao seu temperamento exuberante. Na sua crítica, por vezes mordaz, os autores do filme tornam-se simpáticos pela maneira como imprimem a tudo um sentido caricatural. E' o que sucede com o desenrolar da comédia «De vento em popa» e lhe confere o alto mérito de alinhar entre os melhores do género. Além de James Robertson Justice, intervêm no filme todas aquelas caras conhecidas, que já são familiares, da série «Com jeito vai!», desde Leslie Phillips a Kenneth Williams, de Eric Barker a Sidney James.

Cineclubismo

Sessão do ABC Cine-Clube, amanhã, no Monumental

Os estudos de cinema que o ABC Cine-Clube tem levado a efeito por meio do seu ciclo de cinema italiano terminarão este mês.

Amanhã, ás 18 e 45, no Cinema Monumental, será exibido o filme «Jovens maridos», de Mauro Bolognini.

No átrio do cinema aceitam-se inscrições de novos sócios.

Recintos de diversões

No Solar da Madragoa, efectua-se, no próximo domingo, pelas 15 e 30, uma festa de homenagem ao sr. José Silva Pereira, á qual deram a sua adesão Manuel Fernandes, Maria Amélia Proença, Manuel Almeida, Alice Magina, Alfredo Duarte Jr., Ilda Silva, Joaquim Silveirinha, Glória Silva, Fernando Maurício, Silva Pereira, Manuel Carlos, Natalino Duarte, Manuel Dias e Eduardo Franco.

— A artista Esmeralda Amoedo está a actuar, com geral agrado, no Solar da Hermínia.

— O poeta popular Domingos Silva escreveu, para o repertório de Manuel Fernandes, os versos «Correio de fantasia».

VIDA MUSICAL

Concertos de Musica Portuguesa Contemporeana promovidos pela Fundação Calouste Gulbenkian

Em ligação bem pensada com a II Exposição de Artes Plásticas no pavilhão da Feira Int. de Lisboa, a Fundação Calouste Gulbenkian resolveu amplificar a sua acção cultural artística levando a efeito uma série de cinco concertos de musica de camara de compositores portugueses contemporaneos. Esta determinação despertou-nos muito interesse e merece-nos vivos aplausos, tanto mais que a Fundação começou por definir os seus altos propósitos convidando o insigne compositor Fernando Lopes Graça, com o Coro da Academia de Amadores de Musica, para inaugurar estes concertos, apresentando, precisamente a 24 de Dezembro, a 1.ª audição integral da 2.ª série de Cantos Tradicionais da Natividade.

Pouco tempo antes, tinhamos tido o ensejo de nos referirmos á especial validade desta faceta coral da obra de Lopes Graça, e também ao nível que o Coro da A. A. M. atingiu presentemente. A riqueza da documentação, o domínio da escrita, a propriedade de tratamento e a fertilidade da inventiva do compositor não têm já que nos surpreender. De entre os 16 Cantos que compõem a 2.ª série, alguns se nos vincam melhor na memória, (não forçosamente dependente da sua feitura mais ou menos erudita e do grau de interesse da melodia popular); citaremos «Nasceu, já nasceu», pela associação de jubilo e de força massiça, «Como estais tão galantinho», de tão peculiar espírito do povo, «Acordai, se estais dormindo», onde o dramatismo de Lopes Graça se casa transcendentemente com o assunto, «Inda agora aqui cheguei», em que nos assombra a pureza do casticismo. E qualquer tratamento dos mais compostos, como no ultimo e muito visto-so canto «Quem vos vem dar Boas-Festas», não faz perigar a rusticidade que é o verdadeiro timbre e a seiva da canção.

Correspondendo ao pedido feito aos compositores, Lopes Graça redigiu e leu uns comentários; não se alongou e não perdeu a oportunidade de se exprimir utilmente para além do seu caso pessoal. E apresentou a sua nova série de Cantos da Natividade como uma espécie de cantata-coral, o que não achamos em harmonia com a independência que guarda cada Canto — justificando-se no entanto porque a série começa pela canção pré-Natalícia «A' ordem de César», terminando com os Cantos de Janeiras e dos Reis, depois dos Cantos precisamente Natalícios.

★ ★ ★

No domingo seguinte, era mais difícil o programa dar-nos o necessário sentido de unidade. Para sua execução, predominavam os cantores: Francisco Loureiro Dinis e a sua impecável dicção, nem era preciso substituir a apresentação a que se furtou o autor pela leitura prévia de cada um dos cinco poemas de Fernando Pessoa; Madalena Andersen e as suas possibilidades de um justo estilo dramático; e Maria Cristina Castro, que fazia uma reparição auspiciosíssima pelo viço do timbre e a facilidade vocal. Serviam, respectivamente, o P.e Manuel Faria e a sua estética um pouco hesitante, Vitor Macedo Pinto — Musica de cena para a Antígona de Sofocles — e Frederico de Freitas — *3 Canções sobre textos Medievais e Vicentinos.*

A *Antígona* de Vitor Macedo Pinto resulta para o próprio autor uma bela experiência; não é sempre de uma qualidade musical muito exigente, e a sua apropriada instrumentação (flauta, em que se distinguiu Luís Boulton, piano e percussão com predomínio de pandeireta) seria não perfeita mas feliz, se não caísse numa repetição dos mesmos efeitos; mas há no trabalho de Vitor Macedo Pinto uma veia dramática — e um suficiente apoio de cultura — que respira e deixa respirar, e que tem também o sentido de equilíbrio entre as possíveis alternancias do teatro e da musica. E pode comparar-se a propriedade com que se houve Frederico de Freitas, e o seu bom sentido de entrelaçamento de origens na poesia galaico-portuguesa. Gostariamos que estas suas Canções fossem acompanhadas com mais finura, mais completo ajuste, talvez difícil de conseguir com piano só.

Para entrar em matéria de concerto, Helena de Sá e Costa tinha-nos dado uma versão cuidada e brilhante da Partita para piano, obra recente que o autor, Jorge Croner de Vasconcelos, lhe dedicou. E para fechar, com proporções que foram prejudicadas pelo adiantado da hora (num domingo véspera de Ano Novo), Rafael Couto e José Carlos Picoto deram a 1.ª audição da Sonata em Fá (escrita porém há 14 anos) para violino e piano, de Frederico de Freitas (como as «Canções sobre textos medievais e vicentinos»). Partita e Sonata têm de comum uma dependência ora mais nítida ora mais camuflada de processos de construção e de linguagem dos quais não sobressai uma personificação muito nítida. Mas não infirmam os créditos dos seus autores. E, exceptuando Helena de Sá e Costa, todos os outros colaboradores do programa, com maiores ou menores possibilidades de defesa, foram afectados por uma preparação demasiadamente precipitada.

★ ★ ★

O terceiro concerto achava-se dividido em duas partes diametralmente opostas: de um lado, Ivo Cruz e Ruy Coelho, do outro, Maria de Lourdes Martins e Luís Filipe Pires.

Não percebemos qual foi o critério a que se obedeceu para incluir na programação destes concertos as «Três homenagens», de Ivo Cruz: *a Ricardo Strauss, a Manuel de Falla* e *a Oscar da Silva;* a não ser que seja por tratar-se do director do Conservatório de Lisboa. Seja como for, Angeles Presutto da Gama deu-lhe uma execução vistosamente matizada, que caiu no agrado de grande parte do publico que enchia a sala.

Quanto a Ruy Coelho, teve alguma dificuldade em extrair da sua produção algumas páginas que coubessem na designação de musica de camara, e não pôde evitar um sensível despropósito de posição perante a evolução e a fixação de factura da musica do nosso século.

Ainda bem que Natália Viana pôde redimir-se da sua colaboração pouco eficaz a Ruy Coelho com as finas «3 Cantigas de Amigo de D. Dinis», obra recente de Maria de Lourdes Martins. A talentosa compositora fez-se apresentar — e á sua obra — em vez de se apresentar ela própria. E a apresentação alongou-se não sem interesse, sobre a poesia, e, mais desconchavadamente, sobre a compositora e sua musica. Com a finalmente alcançada execução dos «3 Cantares», as nossas apreensões desvaneceram-se, e admiramos sobretudo a naturalidade da linha melódica, o fraseado bem delimitado, a interpenetração dos complementos instrumentais. Acudiu á nossa mente, por momentos, o ciclo de «Canções de Garcia Lorca», de Lopes Graça, o que não é para desgostar Maria de Lourdes Martins, com certeza.

O mesmo agrupamento que colaborou com Natália Viana — Lídia de Carvalho, João Nogueira, Alberto Nunes, Filipe Loriente — ficou em cena para dar a 1.ª audição em Portugal do «Quarteto de Cordas» (1958), de Luís Filipe Pires. O autor tinha começado por apresentar-se, e á sua obra, com palavras sóbrias e objectivas; só nos fez impressão ouvir-lhe os termos de «ponte» e «célula». Mas ainda bem que o seu Quarteto não tem nada de sediço, pelo contrário é um magnífico documento de inteligência e de sensibilidade industriadas no meio termo (sem sentido pejorativo) das actuais técnicas de escrita. O «Recitativo com variações», em especial, tem a marca de um temperamento musical superior. (No «Recitativo» distinguiu-se Alberto Nunes, apesar da repetida falta de tempo para a preparação global).

Chegados ao fim, só teremos de nos lamentar da hora excessivamente tardia a que acabou o concerto, conferindo-lhe um aspecto de devoção familiar.

FRANCINE BENOIT

Décimo concerto da Juventude Musical Portuguesa

O décimo concerto desta temporada da Juventude Musical Portuguesa reveste-se de um interesse muito especial. E isto porque se apresentará novamente entre nós a bailarina Anne Sandrez que o ano passado conquistou um estrondoso êxito nos recitais dados no Tivoli.

A bailarina apresenta-se novamente ao publico português após uma «tournée» pelas Américas. Anne Sandrez, que será acompanhada ao piano por seu irmão Michel Sandrez, interpretará «Dansenses de Delphes» coreografia de Sakharoff sobre musica de Debussy. Dançará, ainda, «Divertimento», de Béla Bartók, e obras de Satie Schoenberg, Schubert e Sendrez, com coreografias de sua autoria.

Michel Sandrez interpretará ainda, a solo, obras de Debussy, Chopin e Ravel.

Concerto de música gravada no Instituto Superior Técnico

Amanhã, ás 18 e 15, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, realiza-se o quarto concerto deste ano, de musica gravada, promovido por aquele estabelecimento de ensino.

No programa estão incluídas a «Abertura, Scherzo e Final», de Schumann e a «9.ª Sinfonia», de Beethoven. A execução é da orquestra de Gewandhaus, de Leipzig, dirigida pelo maestro Franz Konwitschny.

Primeiro concerto deste ano da Sociedade Nacional de Música de Câmara

Na próxima segunda-feira, pelas 21 e 45 horas, a Sociedade Nacional de Musica de Camara leva a efeito o seu primeiro concerto deste ano, da série 271.ª. Será dado na sala do Conservatório Nacional, pelo violinista Vasco Barbosa e sua irmã, a pianista Grazi Barbosa.

Do programa consta: uma «Suite sobre Temas de Pergolesi», de Strawinsky, «Sonata», de Bloch, «Scherzo», de Brahms, «Lamento» e «Gnomo», de Luís Costa, «Tarantela», de Szymanowski, e «Polaca Brilhante», de Wieniawski.

Curso Especial de Guitarra Hispânica do Conservatório Nacional

Na secretaria do Conservatório Nacional encontra-se aberta a inscrição para o Curso Especial de Guitarra Hispanica, regido pelo professor Emílio Pujol.

CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS DA
AUTO RALI, LDA.
CONCESSIONÁRIOS
FORD
STAND
Automóveis Chandler Limitada
Rua Rodrigues Sampaio, n.º 43
Telefone 45996

ANGLIA	CI-91
ANGLIA	EA-37
CONSUL	AH-19
AUSTIN 850	EA-89
MORRIS MINOR	HL-17
CITROEN 2 CV	DD-27
FIAT 1100	GA-19

FURGONETAS

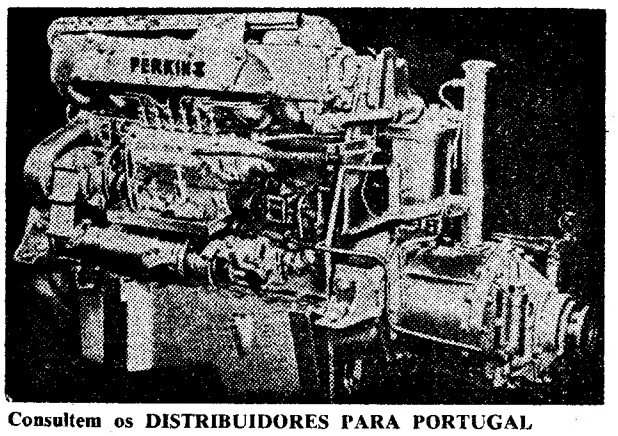
THAMES fechada	EH-19
MORRIS Utili.	ID-23
MORRIS fechada	HD-13

Há mais unidades em stock
Facilidades de trocas e pagamentos

ALMOCE E JANTE NO
arco-iris
da PRAÇA DO AREEIRO, 8
e terá encontrado, finalmente, o Seu Restaurante

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO, 11

Policlínica do Rossio
L. D. João da Camara, 19, 2.º, Esq.º Telef. 20660
Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ªs, 3.ªs, 5.ªs e 6.ªs — 17 h.
Dr. Anacleto Miranda—Olhos—2.ªs, 4.ªs, 5.ªs e 6.ªs — 15.30 h
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e Articulações) — 3.ªs e 5.ªs — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. Cirur. — Operações — 3.ªs, 5.ªs, S.ªs — 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenç. Ano-rectais, Hemorroidas — 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Joaquim Lobo — Doen. Reumáticas — 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — 15 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ªs, 5.ªs e Sáb. — 14.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ªs, 18.30 h. e Sáb.ºs, 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenç. Pulmonares — 14 h.
Dr. Pereira de Pina — Boca e dentes.
Dr. Rosário Dias—Clín. Méd. (Doenç. Endocri. e Nutrição) — 2.ªs e 6.ªs — 15 h.
Dr. Gentil Branco — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises Clínicas.

PERKINS DIESEL
A MARCA QUE CRIA UM AMIGO EM CADA CLIENTE


MOTORES MARÍTIMOS
de 3, 4 e 6 cilindros
11 a 100 S. H. P.
GRANDE STOCK DE PEÇAS PARA ESTES MOTORES
Consultem os DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL
AUTO INDUSTRIAL, L.DA
LISBOA — PORTO — COIMBRA — LEIRIA

DESPORTOS

FOI DIFÍCIL ORGANIZAR
O CALENDÁRIO DOS JOGOS PARA O TOTOBOLA DO PRÓXIMO DIA 28

Nem sempre é tão fácil, como muita gente julga, organizar os calendários dos desafios para os concursos do Totobola.

É que, além da escolha de jogos que ofereçam algumas duvidas aos concorrentes, o que nem sempre é, também fácil, há que contar com os prazos necessários para a confecção, a distribuição e a expedição dos bilhetes e, ainda, com a garantia de que os jogos, salvo inconvenientes imprevisíveis da ultima hora, se realizam todos no dia do concurso.

Quanto a prazos de entrega dos bilhetes, não se pode esquecer que as camionetas que fazem a sua distribuição por todo o país, partem de Lisboa na quarta-feira da semana anterior ao concurso, isto é, com doze dias de antecedência, pois essas camionetas recolhem os bilhetes da semana corrente e distribuem os da semana seguinte. Tudo isto são dificuldades inevitáveis, que, afinal, fazem parte da complicada engrenagem dos concursos de prognósticos.

Vejamos agora qual o calendário para o 18.º concurso marcado para o dia 28 de Janeiro corrente:

TAÇA

1 — LEIXÕES — FEIRENSE
2 — MONTIJO — SANJOANENSE
3 — BENFICA — C. U. F.
4 — VIANENSE — BARREIR.
5 — ACADÉMICA — FARENSE

JUNIORES

6 — TARUJENSE — SACAV.
7 — BELEN. — TORRIENSE
8 — S. FÉLIX — OLIV. DO DOURO
9 — LEIXÕES — TIRSENSE
10 — LUSO — BARREIRENSE
11 — SESIMBRA-ALMADA

ESPANHA

12 — SARAGOÇA — BARCELONA
13 — BÉTIS — SEVILHA

Naquele dia efectua-se a primeira «mão» da segunda eliminatória da Taça de Portugal, só com 10 jogos, quase todos, salvo uma ou duas excepções, aparentemente fáceis de prognosticar. Para dificultar um pouco o concurso, escolheram-se os cinco que parecem mais duvidosos.

No dia 28, já se efectua a segunda jornada da 3.ª Divisão. Seria interessante utilizar jogos desta competição; mas, como o sorteio só se efectua no próximo dia 15, depois da ultima jornada dos Campeonatos Distritais, que é no dia 14, isso não é possível.

Conhecendo o sorteio no dia 15 á noite, não se pode de forma alguma ter os bilhetes na quarta-feira, dia 17, a tempo de seguirem para a distribuição.

Também não foi possível recorrer aos Campeonatos Distritais da 1.ª Divisão, porque, como se disse, estes terminam em 14 de Janeiro.

Houve que utilizar jogos dos Campeonatos Distritais de Juniores de algumas associações, aqueles que pareceram mais conhecidos. Foi um recurso, para não fugir ao princípio, que se deseja manter, de só excepcionalmente inserir nos bilhetes mais do que dois jogos de campeonatos estrangeiros.

Por isso, nos bilhetes do concurso n.º 18, continuam a figurar dois jogos da Liga Espanhola.

Voleibol

O «Nacional» Feminino começa amanhã

Na sede da Federação Portuguesa de Voleibol efectuou-se o sorteio do campeonato nacional feminino, com o seguinte resultado:

Amanhã ás 21 e 15 — Benfica-Académica, ás 22 e 15 — Espinho-Lisboa Ginásio; dia 13 ás 17 e 15 — Académica-Espinho, ás 18 e 15 — Lisboa Ginásio-Benfica; dia 14 ás 9 e 30 — Lisboa Ginásio-Académica, ás 10 e 30 — Espinho-Benfica.

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Regional da 2.ª Divisão (1.ª catg.): Combatentes-Atlético, Maria Pia-Casa Pia e C. D. U. L.-C. Quebradense, no ginásio do Técnico, a partir das 21 horas, e Edc. Física-Ateneu, em Torres Vedras, ás 22 horas.

BILHAR — Campeonato individual de 2.ª categoria (3 tabelas), na sede da Associação, ás 21 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de Basquetebol: Soc. C. Cervejas-Comp. Seguros Sagres, Comp. Carris-C. T. T. e Imprensa Nacional-Banco Lisboa & Açores, no campo do Porto de Lisboa, respectivamente ás 19.30, 20.45 e 22 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional da 1.ª Divisão (1.ª e 2.ª categs.): Belenenses-Amoreiras, Vitória-Benfica, Sporting-Avila e Paço de Arcos-Acad. Amadora, ás 21.30. Os jogos principais realizam-se nas mesas dos primeiros; os outros nas dos segundos.

— Campeonato Regional da 2.ª Divisão (1.ª e 2.ª categs.): Arte e Sport-Técnico, F. C. Lisboa-Católico, Intendente-Arroios e Monte Pedral-Mirantense, ás 21.30. Os jogos principais realizam-se nas mesas dos primeiros; os outros nas dos segundos

— Campeonato Regional da 3.ª Divisão (1.ª e 2.ª categs.): Encarnação-Carcavelos, Mouraria-Ateneu, Vitória-Salesiano e Ordem e Progresso-Rio de Janeiro, ás 21.30. Os jogos principais realizam-se nas mesas dos primeiros. Os outros nas dos segundos.

Aviso do técnico P. Bigogno
às equipas europeias que disputam o «Mundial» de futebol

MILÃO, 11. — A falta de aclimatação e as dimensões mais reduzidas dos campos de jogos podem transformar-se em factores «adversos» para as equipas europeias que se deslocarem ao Chile a fim de disputarem o Campeonato Mundial de futebol — afirma Peppino Bigogno, experiente técnico italiano da modalidade.

Bigogno, que já dirigiu as equipas de futebol do Inter de Milão, do Lazio, do Udinese e do Fiorentina, realizou uma viagem de dez dias ao Chile e, no regresso, fez larga exposição dos factores com os quais os futebolistas europeus depararão quando, dentro de alguns meses, se deslocarem ao Chile.

«Grande numero de técnicos europeus — comentou — preocupa-se, especialmente, com as temperaturas registadas no Chile em períodos correspondentes de anos transactos, afirmando que as temperaturas que prevalecem no mês de Maio são absolutamente ideais para a disputa de qualquer encontro. Mas eu discordo. Fui encontrar no Chile a temperatura de 18 graus centígrados mas durante alguns dias sofri os sintomas da falta de aclimatação não obstante não ter realizado qualquer esforço físico. As diferenças de clima entre Santiago do Chile e Arica, e entre esta ultima e Viña del Mar, para só mencionar três dos locais onde se disputarão jogos do campeonato, são verdadeiramente surpreendentes, em relação ás médias europeias».

Sublinhou, depois, que a comissão organizadora chilena reduziu as dimensões dos campos a 105 metros por 68, acrescentando:

«Cinco metros menos do que as dimensões habituais são muito mais importantes do que poderá parecer á primeira vista, tanto para os defesas como para os avançados. Os campos apresentam-se com superfícies pouco regulares, muito embora me tenham afirmado que vão ser nivelados durante o mês de Janeiro. Verifiquei que os postes e as barras das balizas apresentam faces rectilíneas e não arredondadas e, quando chamei a atenção para o facto, ouvi em resposta que a F. I. F. A., até á data, nada comunicou a tal respeito á comissão organizadora».

Bigogno confirmou que a comida chilena é excelente, mas é quase certo que não será inteiramente aconselhável para todos os jogadores europeus, motivo por que, em sua opinião, «os futebolistas italianos, pelo menos, deverão fazer-se acompanhar dos alimentos a que estão habituados».

Muito embora venham a disputar-se em Santiago do Chile, a 18 de Janeiro, muitos encontros a contar para os oitavos de final do torneio, na opinião do técnico a Itália não será incluída no grupo que jogará em Arica, que se encontra a grande distancia das outras cidades em que se disputarão encontros para o campeonato.

E explicou:

«Nas outras três cidades vivem grandes colónias de emigrantes italianos e, portanto, seria realmente aconselhável que a turma da Itália ali realizasse os jogos, na certeza de contar com maior numero de adeptos. Sei que antes de se constituirem os diversos grupos será extemporaneo aventar hipóteses, mas foram muitas as pessoas que me afirmaram que a Itália deverá ser englobada num grupo incluindo o Brasil, a Espanha e a Bulgária. Espero bem que a predição se não concretize, porque em tais condições a Itália teria de defrontar-se com algumas das mais poderosas equipas do torneio».

Voltando ao assunto da aclimatação Bigogno disse ainda:

«Gostaria de lembrar que a equipa italiana, ou qualquer outro grupo europeu que se desloque ao Chile, deve partir o mais cedo possível para conseguir aclimatar-se. Jogos de exibição com as melhores turmas locais os jogos com equipas sul-americanas seriam o melhor treino. Estou certo de que grande numero de jogadores se não sentirá bem durante alguns dias, após a chegada ao Chile, que é um país realmente bonito, mas que exige um certo período de aclimatação a qualquer visitante da Europa».

A terminar, Bigogno afirmou, também, que muitos entusiastas italianos que se deslocarão ao Chile vão ficar chocados com o custo de vida, visto que a verba diária necessária, por pessoa, é da ordem dos 30 dólares — cerca de 900 escudos. — (A. N. I.).

TÉNIS DE MESA
O 5.º Portugal-França realiza-se no' domingo

No próximo domingo, pelas 21,30 h., realiza-se no Pavilhão dos Desportos o encontro internacional de ténis de mesa entre as selecções de Portugal e da França, espectáculo que deverá ter o maior agrado, devido, principalmente á selecção francesa apresentar-se com os seus três melhores jogadores actuais.

A selecção de Portugal será formada pelos jogadores dr. António Osório, Alberto Ló, Sebastião Carvalho e José Louro. A selecção da França será constituida pelo seu actual campeão, Baruh, Amouretti e Chergui.

A selecção da França chegará a Lisboa na próxima sexta-feira, pelas 20 e 40 ao aeroporto de Lisboa.

CAMINHO DE FERRO
Carruagem directa entre Lisboa e Mangualde

Comunica-nos a C. P. que desde 9 do corrente e até aviso em contrário será estabelecida a título experimental a circulação duma carruagem directa de 3.ª classe entre Lisboa (Santa Apolónia) e Mangualde, utilizando os seguintes comboios:

NA IDA

Comboios n.º 11/1325, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) ás 11,35 h. e chegada a Mangualde ás 20.49 h.

NA VOLTA

Comboios n.º 1324/12, com partida de Mangualde ás 8.48 e chegada a Lisboa (Santa Apolónia) ás 17.20 h.

Diario OUTRA BANDA

Cinemas

BARREIRO — *Cine-Teatro* — Às 21: «A revolta dos renegados» e «Kiti e os 4 grandes» (12 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — Às 20 e 45: «O inimigo da minha mulher» e «O rio da traição» (17 anos).

SETUBAL — *Salão* — Às 16 e ás 21: «Um trono para Cristina» e «Hercules e a rainha» (12 anos).

O RELATÓRIO
do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, cujo relatório referente a 1961 foi agora publicado e distribuido aos accionistas, continua em seu movimento ascensional notável. Com o saldo de 52 595 contos o resultado do exercício pode classificar-se de brilhante. O Fundo de Reserva ficará sendo de 235 mil contos, no caso de ser aprovada a proposta do conselho de administração para a distribuição dos lucros do exercício.

Os depósitos á ordem no banco são 3 973 429 contos, em moeda nacional; e 91 455 contos em moeda estrangeira. Os depósitos a prazo, 824 886 contos em moeda nacional e 5830 em moeda estrangeira.

A assembleia geral foi convocada para o dia 25 de Janeiro ás 16 horas.

O relatório diz ainda terem sido inauguradas durante o ano de 1961 a dependência urbana no Rossio, e agências em Evora, Minde, Trofa, Lordelo, e S. Mamede de Infesta. Foi iniciada a construção de dois novos edifícios, um em Setubal e outro em S. João da Madeira.

Relativamente á concessão de crédito durante o ano diz-se no relatório: «Dentro da conjuntura que prevaleceu, o banco deu satisfação não só a todas as necessidades normais de crédito como também áquelas que nasceram naturalmente como consequência do desenvolvimento industrial do País, e deu ainda o melhor da sua colaboração para a resolução das necessidades resultantes das circunstancias menos favoráveis existentes no mercado financeiro. Prestou assim esta instituição, sempre orientada pelos superiores interesses em causa, o seu melhor apoio ao progresso da economia nacional».

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — Largo António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Macedo Henriques* — Rua Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 071297).

BARREIRO — *Central* — Avenida da Bélgica, 48 (Tel. 023207).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *Silva Rocha* — Praça da Republica, 16 (Tel. 039029).

MONTIJO — *Higiene* — Rua José Joaquim Marques, 142 (Telefone 030370).

SESIMBRA — *Leão* — Avenida Salazar (Tel. 029025).

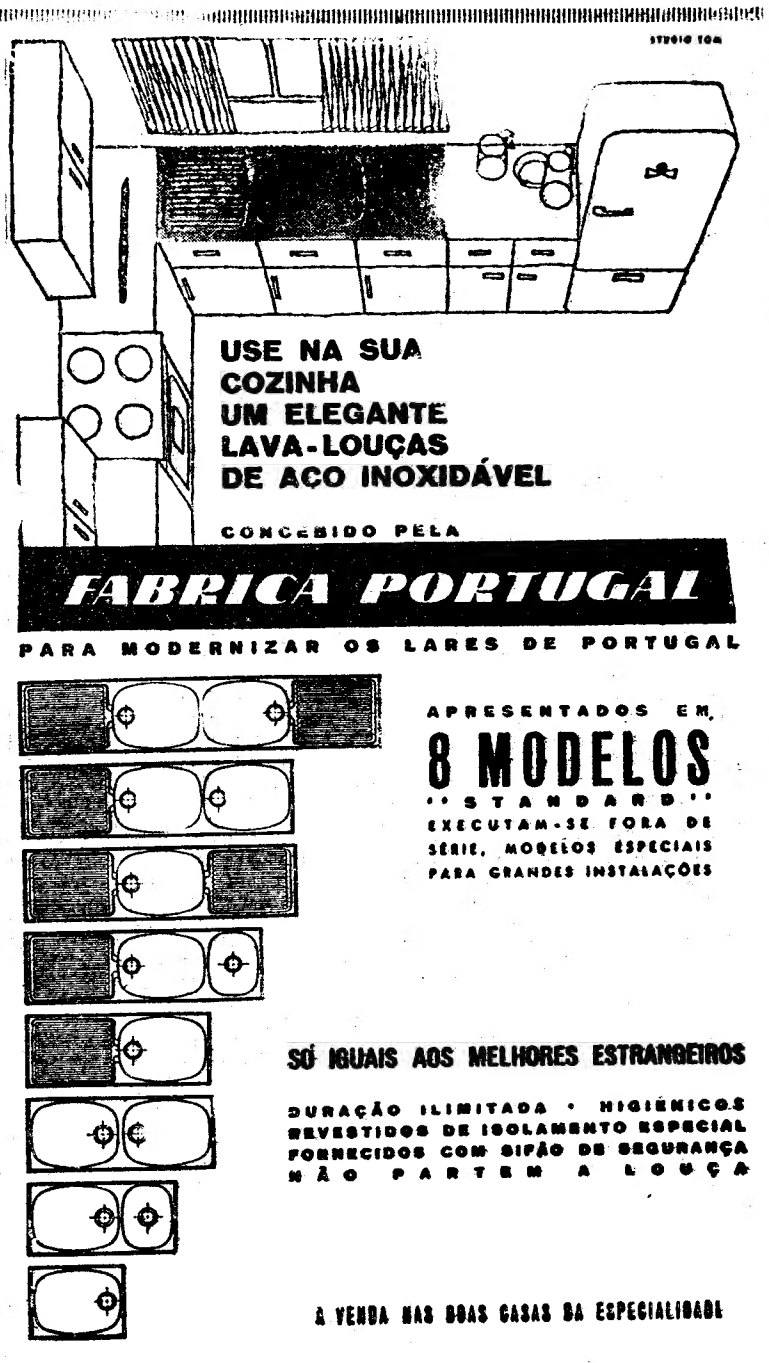
SETUBAL — *Lisboa* — Rua Dr. Paula Borba, 70 (Tel. 22248).

Reuniões científicas
Na Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa

Realiza-se hoje, pelas 22 horas, organizada pelo Serviço 6 de Clínica Cirurgica do Hospital dos Capuchos, a sessão da Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa. Depois de o director daquele Serviço, dr. Filipe da Costa, falar sobre a organização do mesmo, segue-se a apresentação de casos clínicos pelos srs. prof. Mendes Ferreira e dr. Bento de Jesus, dr. Fortunato Levi, dr. Jorge Bandeira, dr. Gomes Rosa, dr. Pala Garcia, dr. Datá Gaitandó, dr. José Filipe da Costa, dr. Alberto Bandeira, dr. Abel da Silva e dr.ª Josefa Serra.

A IMPORTAÇÃO SOB REGIME
de draubaque, de fibrana

Um decreto do Ministério das Finanças, publicado na folha oficial, autoriza a importação, sob o regime de draubaque, de fibrana em rama destinada ao fabrico de tecidos em cuja constituição entrem, além desta fibra, outras naturais, artificiais ou sintéticas. Permite aos importadores, sem dependência de prévio despacho ministerial, usar da faculdade de garantir os direitos, nos termos do artigo 443-A do Regulamento das Alfandegas.



O PORTO PELO TELEFONE

O estado do tempo

PORTO, 11 — E' incerto o estado do tempo nesta cidade. Alternadamente há dias de sol ou de chuva mantendo-se os barómetros entre o «variável» e o «bom tempo». Durante a ultima madrugada fez-se sentir muito vento e o mar mostrou-se muito agitado, razão por que a barra do Douro está encerrada. Nas duas margens do rio continua afanosamente o serviço de limpeza que se estende ao interior dos prédios das zonas que estiveram inundadas. O fornecimento de água á cidade e sua periferia está normalizado.

Assalto e roubo

Os gatunos assaltaram um estabelecimento de artigos eléctricos do comerciante sr. António Marques Magalhães, situado na Rua António Bessa Leite, 857, e dali furtaram artigos no valor de alguns milhares de escudos.

Mão esfacelada

Por ter sido apanhado por uma máquina com a qual trabalhava, deu entrada no Hospital de Santa Maria o cordoeiro António Cardoso Morais, de 18 anos, residente em Ovar, que sofreu esfacelamento da mão esquerda.

Abuso de confiança

Queixou-se á P. S. P. o sr. Joaquim Nogueira, residente em Valongo, de um indivíduo que indicou a quem confiou peças de ferramenta no valor de 16 contos, acusando-o de ter vendido parte delas.

A sogra queixou-se do genro

Na P. S. P. queixou-se a sr.ª D. Estrela Fernandes da Silva Mariano, moradora na Rua Moreira da Assunção, 74, acusando o seu genro de ter abandonado o lar em Outubro do ano passado.

Ameaça de morte

Apresentou queixa na P. S. P. o sr. Eduardo de Oliveira, residente na Rua Lima Junior, 20, contra a mulher com quem viveu maritalmente cerca de quatro anos acusando-a de esta ameaçar de morte a sua futura esposa.

Missa por alma do subsecretário do Exército

O comando da I Região Militar manda celebrar amanhã, pelas 12 horas, na igreja da Lapa, uma missa de sufrágio por alma do subsecretário de Estado do Exército, tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca.

Espectáculos de amanhã

SA DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — A revista «O trunfo é espadas» (17 anos).
COLISEU — A's 21 e 30: Os mistérios de Edgar Wallace» (17 anos).
RIVOLI — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Amor é tudo na vida» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e ás 21 e 15: «Cimarron» e «Os miseráveis» (12 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30 «O rei dos reis» (12 anos).
VALE FORMOSO — A's 21 e 30: «Os dois garotos» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Terra bruta» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «O sabor do medo» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Mon petit» (17 anos).
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Idilio em Setembro» (17 anos)
BATALHA—As 15 e 30 e ás 21 e 30 «As duas gémeas» (12 anos).
NUNO ALVARES — A's 21 e 30: «Os melhores anos da nossa vida» (12 anos).

A situação dos caixeiros-viajantes

(Continuação da página central)

ristas que andam em viagem de recreio.

Ficamos certos de que iremos ser ouvidos pelas entidades oficiais, muito em especial por S. Ex.ª o sr. ministro das Corporações, que, humanamente, nos pode fazer justiça. E todos os caixeiros-viajantes estão prontos para dizerem *presente*, respondendo a qualquer chamada, no caso de ser necessário colaborarem com sugestões e ser ouvidos com toda a clareza, fornecendo elementos que permitam o estudo cuidadoso da situação de tão voluntariosos e persistentes trabalhadores, que muito contribuem para o engrandecimento do nosso querido Portugal.

«As nossas aspirações não vão sacrificar a classe patronal. Quem pede uma carteira profissional; condições de trabalho, que nos protejam na doença, na velhice e no futuro, para não recorrermos á mendicidade; condições económicas, que nos permitam dar e assegurar a educação devida aos nossos filhos; que sejam banidos os celebérrimos 3%, que nos obrigam a pagar para o Turismo, traduz os desejos de alguns milhares de trabalhadores que, dia a dia, percorrem as estradas do País, desenvolvendo, com grande entusiasmo, a industria e o comércio, contribuindo assim, para o maior engrandecimento da Nação.

«A V.ª sr. director, agradecemos que tenha sido franqueada essa valiosa tribuna á nossa classe, etc.».

Procurado pela Polícia por crime de burla com falsificação

Joaquim Teixeira

A Subdirectoria do Porto, da Polícia Judiciária, pediu a todas as autoridades do País a captura de Joaquim Armando Teixeira, de 27 anos, casado, ex-chefe da estação dos C. T. T. da Longra (Felgueiras), que é acusado de crime de burla com falsificação.

Qualquer indicação sobre o seu paradeiro deve ser fornecida á 3.ª brigada da 5.ª Secção, ao chefe Antero Russo, ou agente Adalberto Costa.

DIÁRIO ESCOLAR

Juris dos exames finais nas Universidades

Um decreto do Ministério da Educação Nacional publicado na folha oficial regula a constituição dos juris dos exames finais das escolas universitárias, exceptuadas as Faculdades de Direito.

Assalto a uma alfaiataria em Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, 11 — Nas ultimas semanas têm-se verificado nesta localidade numerosos roubos, o que traz a população verdadeiramente alarmada. Ainda esta madrugada, cerca das 3 horas, o guarda-nocturno Fernando da Silva, ao passar junto da alfaiataria Horta, localizada próximo dos Paços do Concelho, observou que um dos vidros da porta se encontrava quebrado, dando a ideia de que houvera qualquer tentativa de assalto.

O referido guarda resolveu, então, chamar dois agentes da P. S. P. e, juntos, pasaram busca ao estabelecimento, encontrando um indivíduo escondido, o qual tinha já separado diversas fazendas e alguns pares de calças, no propósito de as empacotar. Conduzido o meliante á esquadra foi identificado e submetido a interrogatório.

Trata-se de António Rafael da Conceição, de 37 anos, solteiro, natural de Serpa, que confessou ter praticado, momentos antes, furtos em dois automóveis e numa camioneta, donde retirou diversas ferramentas e outros objectos.

O larápio pernoitava num barracão próximo desta localidade, onde a Polícia prendeu, em seguida, dezanove indivíduos suspeitos, a maior parte com cadastro. Verificou-se depois que estes indivíduos se reuniam, ali á noite, para tramar os assaltos.

Problemas de interesse para o respectivo concelho em estudo no Município de Évora

ÉVORA, 11.—Reuniu-se a vereação municipal, sob a presidência do sr. dr. João Luís Vieira da Silva e com a presença dos srs. Custódio Alves Alfacinha, Francisco José Gutierrez Caeiro, Mário Silvano Campos de Melo e dr. Luís da Costa Marçal.

Apreciando um ofício do sr. dr. Carreço Simões, proprietário da Herdade da Chaminé, onde se situam os restos da ponte romana do Xarrama, que, segundo tudo indica, parece tratar-se do unico vestígio arqueológico indiscutível do período da dominação romana no Alentejo, foi resolvido solicitar a sua preservação á Direcção de Hidráulica do Sado e pedir á Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Sul a sua classificação como imóvel de interesse público.

Os restos da referida ponte ficam a cerca de 2500 metros da cidade, no antigo caminho para Beja, e actualmente só restam dois dos seus quatro arcos, de pegões e arquivoltas, constituídos por cerca de 25 silhares almofadados, de tipo clássico.

Estando para breve o começo dos trabalhos da construção da Barragem da Graça do Divor, e sendo oportuno o estudo do aproveitamento das suas águas para o abastecimento da cidade e de algumas localidades do concelho, o sr. dr. Vieira da Silva propôs, e foi aprovado por unanimidade, que para a elaboração desse estudo seja convidado o sr. eng. Pinto da França.

O presidente informou que esteve, recentemente, em Évora o sr. eng. Santos Costa, com quem trabalhou em assuntos relacionados á efectivação do projectado bairro de casas de renda económica a construir num ferragial junto á zona de urbanização n.º 1, recentemente adquirido pelo Município ao sr. Luís Cary de Potes Cordovil. A primeira fase dos trabalhos, a principiar em Março próximo, inclui a construção de dez blocos com um total de 120 fogos.

—Com a presença do chefe do distrito, sr. José Félix Mira, foi inaugurada a iluminação eléctrica na povoação de Aguiar, do concelho de Viana do Alentejo. O melhoramento, de há muito desejado, causou regozijo entre a laboriosa população da localidade.

As passagens de nível do Vale de Santarém ainda não desapareceram

SANTAREM, 11 — O problema dessas sucessivas passagens de nível no Vale de Santarém, qual delas a mais perigosa, continua em aberto. E' uma ratoeira de morte armada aos automobilistas e a todos os transeuntes.

Essas passagens de nível têm originado desastres sem conta. A par disso os prejuízos materiais e arrelias que causam a todo o transito são continuos. Chegam-se a formar bichas de centenas de automóveis e carros pesados enquanto se aguarda o comboio.

Em Janeiro do ano passado, conforme então relatou o nosso jornal, um camião foi apanhado pelo comboio, arrastado dezenas de metros e inteiramente destruído. Morreu um homem no desastre.

A opinião agitou-se e as autoridades respectivas disseram que iam providenciar. Com efeito, dias depois, em 20 de Janeiro, o sr. ministro das Obras Publicas e técnicos vinham ao local estudar o que havia a fazer. E o ministro foi positivo na sua afirmativa: as passagens de nível no Vale de Santarem vão acabar.

Perante essa promessa os habitantes da região ficaram satisfeitos, na certeza de que a promessa seria cumprida. Com efeito, o ministro determinou os estudos que os técnicos fizeram e as obras foram dadas de empreitada, tendo a empresa concessionária montado os seus estaleiros; foi até demolida a casa onde há muitos anos morava uma pobre família. Por ali ia passar a derivante da estrada.

Estava-se no domínio das realizações e todos se mostravam satisfeitos.

Entretanto, com espanto de toda a região afectada e das próprias autoridades, a C. P. parece estar obstruindo a obra que não há meio de andar por diante. O Ministério das Obras Publicas solicitou á C. P. dados estatísticos e técnicos sobre o pavimento da estrada onde passam as linhas do caminho de ferro da empresa mineira de Rio Maior. A C. P. não respondeu ainda, segundo estamos informados.

Não há muito ainda que um desastre grande esteve iminente e no mesmo local em que se deu o de Janeiro do ano passado. Por que se espera então para pôr termo ás fatídicas passagens de nível?

Terminou na cadeia a aventura de um electricista que tinha horror ao trabalho

Chama-se José Eduardo Clara da Silva, tem 26 anos de idade e diz-se electricista. Mas da profissão apenas tem o nome, pois há já bastante tempo que resolveu viver sem trabalhar. E' casado com a sr.ª Maria Julia Santos Russo, mas quando soube que a mulher estava grávida, pensou logo em arrumá-la. Não estava disposto a procurar trabalho e muito menos a sustentar a mulher e o filho que ela lhe dará brevemente. E, assim, foi levá-la a casa dos sogros e lá a deixou, muito calmamente, como a coisa mais natural deste mundo. Ele, por seu lado, resolveu também regressar a casa dos pais. Mas estes acabaram por cansar-se de ver o filho numa vida de mandrião, sem querer trabalhar e deram-lhe os conselhos apropriados. E como ele não fizesse caso e nem sequer se importasse com as dificuldades dos velhos pais, foi posto na rua. Que trabalhasse, pois eles não estavam para sustentar vadios.

O José não se atrapalhou, ganhava os recursos dos vigaristas. Um dia voltou á casa paterna e disse que tinha a receber 32 contos do Totobola e que por isso não precisava mais do auxílio dos pais. Estes voltaram a aconselhá-lo, que não gastasse á deriva, enfim, que tentasse ganhar a vida honestamente. Entretanto, foi ficando por lá até que, novamente, o puseram na rua.

Ora, precisamente ontem, o José Clara resolveu ir até ao Ritz Clube, para passar umas horas alegres. Rodeou-se por um grupo de conhecidos e impingiu a sua história do Totobola e que, no bolso, tinha 3 600$00 para gastar nessa noite. Os 32 contos recebê-los-ia mais tarde... não precisava ainda deles.

Comeu e bebeu á farta, foi generoso com os comparsas e outros que por ali estavam. A páginas tantas, veio a conta — 3 011$00 — e viu-se que o «electricista» estava em curto-circuito, sem um tostão no bolso. Armou uma chinfrineira danada, já meio bêbado, partiu copos e pratos, atirou com garrafas e pôs o cabaré em estado de sítio, até que apareceu a Polícia, restabelecendo a ordem. O «electricista», vendo-se perdido, tentou golpear os pulsos com um vidro de garrafa partida. Foi transportado ao Hospital de S. José e, depois, metido nos calabouços da P. S. P. E ali terminou a aventura dum homem que detesta o trabalho.

Prédio na Av. da Liberdade

VENDE-SE

Todo vago, com duas frentes, podendo ser feitas duas construções. Não se atendem intermediários. Trata o próprio na Rua da Prata, 92-1.º.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Cónego Isidoro Martins Pereira de Andrade

VISEU, 11 — Faleceu o rev. cónego Isidoro Martins Pereira de Andrade que, apesar de contar 94 anos, cumpria ainda normalmente os seus deveres sacerdotais na sé catedral.

Foi durante muitos anos professor do seminário e do liceu desta cidade e era muito estimado pela sua afabilidade. Os seus alunos tiveram nele um dedicado amigo, além de mestre competentíssimo. Pode dizer-se que o cónego Isidoro foi um dos ultimos representantes dos venerandos mestres do ensino que sabiam fazer-se amar e não temer — como sucede, infelizmente, nos nossos dias.

Era natural de Vilar Seco (do concelho de Nelas) e tio do sr. José Martins Pereira de Andrade, proprietário em Galizes, casado com D. Maria Miquelina Mendes de Andrade; e da sr.ª D. Isabel Maria Roland de Andrade, casada com o sr. Julian Roland Paléo, subchefe de movimento dos Caminhos de Ferro espanhóis.

O seu funeral constituiu grande e sentida manifestação de pesar.

Capitão Albano José da Cruz

Em Viana do Castelo, faleceu ontem o sr. Albano José da Cruz, capitão de Infantaria na reserva, natural de Monção e que contava 73 anos de idade. Tomou parte, em 1912, na defesa de Valença contra o ataque dos monárquicos refugiados em Tui; esteve no Corpo Expedicionário, em França, durante a primeira guerra mundial e entrou na revolução de 1927, no Porto, tendo sido deportado para Angola. Possuia muitas condecorações e louvores.

SUFRÁGIOS

D. Ermelinda Matilde Pereira Ruivo Lima

Mandada rezar por seus filhos, realiza-se amanhã, ás 12 e 15, na igreja da Conceição Velha, á Rua da Alfandega, missa de sufrágio por alma da sr.ª D. Ermelinda Matilde Pereira Ruivo Lima, comemorando o 30.º dia do seu falecimento.

Agência «SRAF»

Funerais — Trasladações — Jazigos
Facilidades de pagamento
R. das Pedras Negras, 5 - Tel. 869288

RECLAMAÇÕES

da população de Cacia

CACIA, 11 — A população local anda inquieta com a falta de providências destinadas a acabar com o estado deplorável em que se encontra a Rua da Constituição. Esta artéria é por onde circula a maior parte do trânsito agrícola e o seu mau estado provoca os maiores transtornos á vida económica da vila.

Por outro lado, não se esconde o regozijo por ter sido ampliada a escola primária da freguesia, acabando assim as faltas de alojamento escolar para o numero de alunos pretendentes á matrícula.

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

Sob o título «Chegam amanhã 15 toneladas de prata para amoedar», o «Diário de Lisboa» de 11 de Janeiro de 1932 publicava:

«O caso é que o «Asturias» chega amanhã com preciosa carga, além da representada pelas loiras «ladys» que nele costumam viajar. A carga a que nos referimos é de peso — quinze toneladas de prata, quinze mil quilos do precioso metal que bem podem valer quatro mil e quinhentos contos.

«Vêm consignadas á Casa da Moeda as preciosas barras estando os respectivos documentos em poder do comandante do «Asturias» e ignorando-se ainda todos os demais pormenores, como seja o nome do seu remetente, embalagens, etc.».

RÁDIO

EMISSORA NACIONAL — *Programa A — 451 m* — 655 kc/s — A's 17 horas: A casa e o mundo; 17 e 30: Cançonetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: De tudo um pouco; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Palestra da série «Defesa Nacional»; 19 e 10: Concerto pelo sexteto de cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Musica de filmes; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: A nossa terra; 21: Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 40: Separador; 21 e 45: Teatro das comédias «A Casa Deserta»; 22 e 30: Musica portuguesa; 22 e 45: Jornal sonoro (2.ª emissão): 23: A voz do Ocidente fala-vos de Lisboa; 1 hora: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — A's 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: O pianista Ventsislav Yankoff nos rencontros musicales internationales de Chimay de 1961; 20 e 40: Arias pelo baixo Giulio Neri; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Musica e poesia; 21 e 50: Recital pela cantora Fernanda Lino António, com a colaboração da pianista Regina Cascais; 22 e 6: Duas sonatas de Corelli; 22 e 20: Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 50: Musica vocal: «Três canções hebraicas», de Ravel; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Orquestras ligeiras; 23 e 20: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

RADIO CLUB PORTUGUÊS — A's 17: Orquestras; 17 e 45: Noticiário; 18 e 1: Motivos portugueses; 18 e 15: Fados e guitarradas; 19: Orquestra; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Solistas; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Hot Club; 22 e 15: Ronda das profissões; 22 e 30: Mensagem do soldado; 22 e 45: Ritmos de baile da Cave; 23: Asi es España; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário: 3 horas: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 32: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Cantares alentejanos; 18 e 30: Ritmos de baile; 19 e 15: Imagens por musica; 19 e 35: Uma orquestra; 20: Noticiário; 20 e 10: Mensagem do soldado; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Motivos portugueses; 21 e 30: Paisagem intelectual; 22: Programa «jazz»; 22 e 30: Cançonetas; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Baile do Pinguim; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O meu programa; 20: França, horizonte do mundo; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 21 e 30: Amadora em marcha; 22 e 30: Chuva de estrelas: 23: A 23.ª hora; 1 e 45: Noticiário: 2 horas: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal; 19 e 45: «A flecha quebrada»; 20 e 10: «Culinária», programa de Maria de Lourdes Modesto; realização de Rui Ferrão; 20 e 40: Episódio da série «Ó Susana; 21 e 5: «Rosa dos Ventos», programa de informação e divulgação culturais; 21 e 30: Telejornal 22 e 5: «Programa Mabor»: um episódio da série «Interpol»: «Não se morre duas vezes», incluído na «Selecção Policial»; 22 e 45: Canções populares de Joaquim Luís Gomes; realização de Oliveira Costa; 23 e 15: António Pedro conversa sobre Teatro (transmissão dos estudios do Porto); 23 e 40: Telejornal e ultimas notícias.

MARES

PREIA-MAR

Dia 11 — A's 6 e 45 (3,99); 19 e 21 (3,66).

Dia 12 — 7 e 46 (3,83); 20 e 20 (3,53).

Dia 13 — 8 e 36 (3,67); 21 e 18 (3,43).

BAIXA-MAR

Dia 11 — A's 0 e 4 (1,03); 12 e 41 (1,01).

Dia 12 — 1 hora (1,21); 13 e 48 (1,20).

Dia 13 — 1 e 50 (1,39); 14 e 42 (1,36).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «As árvores morrem de pé».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O príncipe de Homburgo».
MARIA VITÓRIA — A's 20 e 45 e 23 — «Bate o pé».
MONUMENTAL — As 21 e 45 — «Criada para todo serviço».
AVENIDA — A's 20.45 e 23 — «Ó-lá-lá».

CINEMAS

TIVOLI — «O diabo ás 4 horas».
S. LUÍS — «O triunfo de Miguel Strogoff».
S. JORGE — «De vento em popa».
IMPÉRIO — «Rendez-vous».
ÉDEN — «El Cid».
POLITEAMA — «Pepe».
MONUMENTAL — «Jack, o dinamite».
ALVALADE — «O triunfo de Miguel Strogoff».
ODEON — «Os dois garotos».
CONDES — «As aventuras de Tim-Tim».
ROMA — «Pepe».
AVIS — «Chegou um anjo».
CAPITOLIO — «Konga».
OLIMPIA — «O planeta sangrento».
ROYAL — «O Mundo nos seus braços».
IDEAL — «Herodes o Grande».
ARCO-IRIS — «O invencível capitão Marvel».
JARDIM CINEMA — «Tarzan em Nova York».
SALÃO LISBOA — «Prazeres proibidos».
PROMOTORA — «O prisioneiro da cadeira eléctrica».
CINE-MOSCAVIDE — «Uma mulher sem freio».
CAMPOLIDE — «Londres chama Pólo Norte».
S. L. BENFICA — «Terras bravas da montanha».

FARMÁCIAS

TURNO L

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão da Ajuda, Est. da Cruz, 20-C-D (633248).
ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (710131) ✲ **Cartaxo,** Av. da Igreja, 21-C (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (404712).
AREEIRO—Avis, Av. de Roma, 56-B-C (776070) ✲ **Nova Lisboa,** R. Guilhermina Suggia, 12 (727721) ✲ **João XXI,** Av. João XXI, 16-A (726462).
ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araujo, 46-B-C (841708).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. de Berna, 24-B (763107) ✲ **Avenidas,** Avenida da Republica, 27-A (733688) ✲ **Império,** R. Filipe Folque, 40-A-E (48002).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984) ✲ **Nacional,** R. do Salitre, 7 (46858) ✲ **Avelar,** R. Augusta, 225 (323977).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) ✲ **Sepol,** Calç. da Boa Hora, 94-A (631958).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ **Sousa,** Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Combro, Calçada do Combro, 78 (326059) ✲ **Azevedo, Irmão & Veiga,** R. da Misericórdia, 24 (323540).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ **Ourique,** R. Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab, R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✲ **Salutar,** R. B. n.º 75-A-B (Bairro da Liberdade) (683694) ✲ **Pátria,** Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves da Costa, 33-35 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920). ✲ **São Miguel,** Pr. Francisco de Morais, 1 (771469).
ESTEFANIA — Mundial — Largo de D. Estefania, 9 (45578).
ESTRELA E LAPA — Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734) ✲ **Janeiro,** Av. Alvares Cabral, 100 (660627).
GRAÇA — Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ **Rosa & Viegas,** R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ **Bastos Andrade,** Cal. de St.º André, 107-111 (860450) ✲ **Santo António,** R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942).
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 226 (663441).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 100 (25318)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 16-A, Bairro de St.ª Engrácia) (728395-720703).
REGO — Universitária, R. O. n.º 29-D (Bairro Santos) (778953).
ST.º AMARO — Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
SÉ — Nacional, R. de S João da Praça, 26 (864351).
DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63-65 (381185) ✲ **Oriente,** R. Lopes, 120 (843381).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	—	—	688$50
Cons. 3 % T. 10	—	—	760$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	—	—	873$00
Centenários 4 % 1940...	—	—	2.000$00
Obgs. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.018$00	—
Obgs. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.018$00	—
Obgs. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.018$00	—
Externo 1.ª série.....	—	—	—
Ext. 1.ª série car.	1.030$00	1.025$00	1.040$00
Externo 2. série	—	—	—
Ext. 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3. série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	—	1.300$00
Caut. 3.ª série /j.	—	200$00	205$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	470$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
	—	915$00	—
Gás Elect. 3 3/4 % ...	—	920$00	—
Gás Elect. 4 %	—	940$00	950$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	988$00	—
Gás Elect. 5 %	78$00	—	79$00
U. E. P. 3 3/4 %	83$00	83$00	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	94$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	947$00	950$00
H. do Douro s/j	—	—	720$00
H. E. S. Estrela 3 1/2 %	—	—	—
U. P. 4 1/2 %	1.000$00	995$00	1.001$00
Metropolitano	953$00	952$00	955$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	450$00	430$00	460$00
Angola	—	—	2.000$00
Espirito Santo	—	—	8.500$00
Lisboa & Açores	1.900$00	1.900$00	1.903$00
Portugal	—	2.100$00	2.200$00
Ultramarino	—	—	1.160$00
Agricultura	—	—	55$00
Seguros			
Mundial	—	280$00	300$00
Sagres	—	—	1.750$00
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.100$00	—
C.es Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	590$00	605$00
Ag. das Neves	—	200$00	250$00
Agric. Colonial	—	165$00	175$00
Açucar de Angola	—	855$00	900$00
Boror	165$00	165$00	170$00
Cabinda	—	—	40$00
Cadá	—	920$00	1.000$00
Colonial do Buzi	90$00	90$00	90$50
Ilha do Príncipe	—	590$00	650$00
Incomati	—	1.050$00	—
Moçambique	50$00	49$50	54$00
Zambézia	71$50	71$50	72$00
Diamantes	412$00	411$00	414$00
Lobito	330$00	328$00	335$00

C.es Diversas	Efect.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	—	700$00
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	—	15$20	46$00
Industrial Aliança	—	310$00	—
Portugal e Colónias ...	—	463$00	465$00
Nacional Navegação ...	—	—	950$00
Colonial Navegação ...	670$00	650$00	700$00
Port. de Celulose	—	—	—
Portuguesa de Pesca...	—	—	—
Port. de Tabacos	307$00	306$00	308$00
Tabacos de Portugal...	—	—	600$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934.....	—	330$00	—
Aguas Lisboa 1936.....	—	320$00	—
Eléct. das Beiras	—	1.610$00	1.650$00
Gás e Electricidade ...	299$50	299$00	300$00
H. Alto Alentejo	160$50	160$00	160$50
H. E. Cávado	1.265$00	1.260$00	1.270$00
H. E. Zêzere	1.235$00	1.230$00	1.238$00
Nac. de Electricidade...	1.275$00	1.275$00	1.277$00
União Eléctrica Port....	169$50	169$50	170$00
H. do Douro	1.125$00	1.120$00	1.128$00
H. Portuguesa	—	—	100$00
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	37$50	39$00
Alemanha	7$05	7$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28$20	28$70
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$90
Argentina	$32,5	$35,5
Austria	1$09	1$14
Bélgica	$56,3	$58,3
Brasil	$07	$09
Canadá	27$00	27$60
Congo (Leopoldville)...	$13	$18
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$16,7	$48,2
França (N. Franco) ...	5$68	5$83
Holanda	7$75	8$05
Inglaterra	79$25	81$25
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	4$70	5$10
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$52	6$72
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	285$00	297$00
Portugal — Barra	32$80	33$80
Portugal — Barra fino	33$00	34$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Papeis de crédito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273

NOVA INDÚSTRIA

instalada em Portugal

A economia nacional vai beneficiar da instalação no nosso País de uma prestigiosa industria europeia.

Trata-se da «Swenska Dataregister AB», da Suécia, fabricante de máquinas registadoras «Sweda», já com instalações próprias em todo o Mundo.

No próximo dia 16, inaugura-se em Lisboa a Sweda Portuguesa, filial daquela importante firma e que ocupará, em várias linhas de montagem, numerosos técnicos e operários nacionais. Ao acto inaugural assistem os directores da «Swenska Dataregister, AB», srs. G. A. Douglas e Anders Thustrup, que se deslocam propositadamente ao nosso País para o efeito.

AS FÁBRICAS BORGWARD

foram adquiridas pela Rheinstahl Hanomag

A Rheinstahl Hanomag comprou todas as instalações das famosas fábricas Borgward, perto de Bremen, que ocupam uma área de 190 mil metros quadrados, incluindo uma superfície de trabalho coberta de 90 mil metros quadrados.

Com esta aquisição, a Rheinsthal Hanomag tenciona aumentar, consideràvelmente, a sua própria produção de camiões, já duplicada em relação a 1958, devido ao fabrico dos camiões «Kurier», «Garant» e «Markant». No ano findo, mais de 13 000 unidades sairam das suas fábricas, o que, no entanto, ainda não era suficiente para cobrir todas as suas encomendas.

Com a aquisição da Borgward, ficará em posição de poder satisfazer todos os fornecimentos com um consequente aumento de vendas dos camiões daquela marca, dos tipos de 1750 kg e 3500 kg.

De acordo com as estimativas, a produção em Bremen será iniciada na próxima Primavera, após serem completadas as indispensáveis adaptações das fábricas Borgward ao programa Hanomag. Importantes investimentos são ainda necessários antes de iniciar-se essa produção que fará voltar a vida activa ás fábricas de Bremen.

A Hanomag continuará a fornecer o mercado português através dos seus agentes, a firma Império da Beira, Lda.

Fernando Farinha

nas Ilhas Adjacentes

Para as Ilhas Adjacentes, parte hoje o artista Fernando Farinha, que vai realizar uma temporada de actuações nas principais casas de espectáculos locais.

A Fernando Farinha, que pela primeira vez se desloca aos Açores e Madeira, está sendo preparado entusiástico acolhimento. Nesta digressão, em que Fernando Farinha é acompanhado pelos guitarristas privativos Julio Gomes e Fontes Rocha, o popular artista apresentará os melhores numeros do seu vasto reportório.

Total desinteresse
manifestam pelos livros os jovens espanhóis

MADRID, 11. — A instituição «Os Amigos da Cultura e do Livro» realizou um inquérito sobre o interesse e as possibilidades de leitura dos jovens espanhois e chegou a duas conclusões dramáticas:

1 — Falta de interesse pelos livros. A grande maioria dos 16 000 jovens espanhois incluidos no inquérito não tinha pelo livro qualquer respeito, chegando, mesmo, a colocá-lo na despensa ou numa caixa de «champagne».

2 — Cinco por cento do total de jovens jamais recebera um livro como presente; cinquenta e seis por cento tivera um livro como presente no Natal; e vinte e cinco por cento pelos anos. Um caso houve mesmo em que uma rapariga só recebeu um livro no dia 16 de Março de 1957.

Por outro lado, dezassete por cento dos jovens jamais lera um livro que não fosse o escolar.

Isto confirma, naturalmente, a estatística sobre o que os jovens espanhois pediram aos Reis Magos. Dezanove por cento dos rapazes e doze por cento das rapargias disse que gostaria de ter uma enciclopédia ou uma aritmética. — (A. N. I.).

Desapareceram
três mil pessoas num alude no Peru
a 6700 metros de altitude

LIMA, 11 — Três a quatro mil pessoas desapareceram num gigantesco deslise de terras no Peru. A catástrofe deu-se a noite passada na região de Ancash, a uns 450 quilómetros ao norte de Lima, na cordilheira, região de altos cumes cercados por glaciares e semeada de lagos, em que as chuvas, abundantes nesta época de Verão peruviano e o derretimento das neves, provocam, todos os anos, perigosas cheias. Por outro lado é uma zona amiude sacudida por tremores de terra.

Ficaram interrompidas todas as comunicações telefónicas, esperando-se a confirmação das informações acerca do espantoso cataclismo. Sabe-se, no entanto, que o deslise se deu no declive do monte Huascaran (6730 metros). A massa de rochas e terra com a extensão de uns quilómetros engoliu quatro aldeias, devastando tudo na sua passagem, e provocando uma elevação subita do nível das águas do rio Santa.

Na mesma região houve uma catástrofe análoga há cerca de 20 anos. O numero das vítimas de então aproximou-se das 10 000.

Em 1958, noutra região do Peru, na província de Cusco, a uns mil quilómetros a sueste de Lima, um deslise de terras provocou a ruptura duma barragem, causando uma centena de mortes.

O Ministério da Saude Publica enviou, imediatamente, socorros e medicamentos para a zona sinistrada, enquanto o Exército colocava em estado de alarme as unidades de engenharia.

As povoações atingidas pela avalancha tinham uma população total de 3100 pessoas, não havendo sobreviventes — declarou o coronel Humberto Ampuero, chefe das brigadas de socorro. — (F. P. e A. N. I.).

NOVENTA E CINCO MORTCS NOS E. U. A. DEVIDO À TEMPESTADE QUE ASSOLA O PAIS

CHICAGO, 11 — Já se eleva a 95 o numero de mortos, devido á terrivel tempestade de neve, acompanhada de chuva torrencial e vento ciclónico, que assola dois terços dos Estados Unidos, desde as Montanhas Rochosas até ao Atlantico. Há elevado numero de feridos e os estragos materiais ascendem a muitos milhões de dólares.

A vaga de frio é a maior que se regista nos Estados Unidos, desde há muitos anos. O termómetro marca muitos graus abaixo de zero, e o frio tem ocasionado a morte de muitos milhares de cabeças de gado.

Só na área de Denver estão bloqueados pela neve, em plena estrada, mais de cinco mil automóveis e camiões e mais de 150 000 estudantes não podem frequentar as escolas. — (A. N. I.).

OS JAPONESES
aumentam de número à razão de um milhão por ano

TÓQUIO, 11. — Calculava-se em 94 280 000 pessoas — mais 870 mil do que no ano precedente — a população do Japão em 1 de Outubro — segundo estatísticas publicadas pelo Governo. Representava, então, 3,2 por cento da população mundial e colocava o Japão em sexto lugar entre os países com maior numero de habitantes, depois da China Continental, da União Indiana, da Russia, dos Estados Unidos e do Paquistão.

Quanto a densidade populacional, figura em quarto lugar, depois da Holanda, da Bélgica e da Formosa, com 250 pessoas por quilómetro quadrado. — (A. N. I.).

MENSAGEM DE KENNEDY
sobre o Estado da União

(Continuação da 1.ª página)

tam a escola nem trabalham e uma taxa que permita o investimento em bens de equipamento cuja modernização se imponha.

Para evitar mais uma recessão, Kennedy preconiza o ajustamento das taxas de imposto. Qualquer decisão do presidente neste campo está, no entanto, sujeita ao direito do veto eventual do Congresso. Kennedy propõe igualmente o reforço do sistema de seguros de desemprego, para manter o nível de vida dos desempregados, e, por fim, pede poderes para, no caso de aumento de desemprego, acelerar os programas de investimentos federais ou de participação federal.

Trata-se de providências que serviriam para lutar contra uma recessão cíclica.

LUTA CONTRA A INFLAÇÃO

O presidente Kennedy recorda que, muito amiude, a inflação se segue a uma expansão acelerada e afirma a sua intenção de manter, simultaneamente, a estabilidade e a expansão «num ambiente de liberdade». Propõe uma reforma dos correios que melhorará o salário dos empregados graças ao aumento das taxas postais, que já pediu por várias vezes mas que ainda não obteve a aprovação do Congresso.

Por fim, o presidente comprometeu-se de novo a apresentar um orçamento federal equilibrado para o ano fiscal de 1963, que começa no mês de Julho próximo.

OS DIREITOS CIVICOS

«O Executivo, os tribunais e o Congresso têm ainda muito a fazer» para assegurar a igualdade dos direitos para todos os cidadãos, em especial o direito de voto — declarou Kennedy.

O presidente propõe a criação de um novo Instituto Nacional da Saude, para formar maior numero de médicos e de dentistas; um programa de imunização em massa contra a poliomielite, a difteria, a tosse convulsa e o tétano; e um programa de auxílio médico e de segurança social para os velhos.

Quanto ao ensino, Kennedy convida com insistência o Congresso a adoptar o plano federal de auxílio que lhe apresentou o ano passado para a construção de escolas publicas e pagamento de professores. Anuncia que apresentará projectos destinados a remediar o facto de haver ainda oito milhões de americanos adultos iletrados.

POLÍTICA ESTRANGEIRA

Os Estados Unidos querem conseguir um mundo composto de Estados livres e independentes que escolham livremente o seu modo de existência mesmo que este não corresponda aos pontos de vista americanos, mas na condição de que não ameacem a liberdade dos outros.

A força militar dos Estados Unidos aumentou em 12 meses, não para fazer guerra, mas sim para proteger a paz. O numero de submarinos «Polaris» foi duplicado, a capacidade de produção dos foguetões «Minuteman» duplicou também e o numero de bombardeiros em estado de alerta permanente, com aviso prévio de 15 minutos, aumentou em 50 por cento. As forças antiguerrilhas e as forças estacionadas na Europa foram aumentadas em 70 navios e a aviação táctica em doze esquadras. Os Estados Unidos continuam fiéis á O. N. U., a despeito de certos erros ou desacordos que possam ser originados na organização. A O. N. U. reforçou-se e os Estados Unidos propõem-se participar na compra de cupões de financiamento das emissões especiais das Nações Unidas.

O Governo americano põe á disposição da O. N. U. os seus conhecimentos espaciais e proporá um plano de financiamento de um sistema internacional de comunicações por meio de satélites.

Contra a corrente geral de opiniões sobre as Nações Unidas, Kennedy referiu-se áquela organização como «o nosso instrumento e a nossa esperança». «Pouco mérito vejo na impaciência daqueles que abandonariam esse imperfeito instrumento internacional por não gostarem do nosso mundo perfeito — prosseguiu. Porque as atribuições de uma organização mundial reflectem sómente as atribulações desse mesmo mundo. E se a organização for enfraquecida, essas atribulações só podem aumentar» — acrescentou.

Mais adiante, Kennedy esclareceu: «Podemos não concordar sempre com todos os aspectos das decisões tomadas por cada funcionário das Nações Unidas, nem com todas as maiorias, nos escrutínios. Como instituição, porém, a organização não terá membro mais forte nem mais fiel do que os Estados Unidos da América».

Na sua opinião, a O. N. U. tem dado mostras de «vigor» sob a chefia do secretário-geral interino U. Thant. «Hoje — continuou — há mais esperanças de se conseguir uma conciliação pacífica para a unificação do Congo».

Os Estados Unidos pretendem prosseguir nos seus esforços para sair do beco do desarmamento e dos ensaios nucleares.

O presidente propõe a criação de um fundo de 3 biliões de dólares, a longo prazo, destinado a apoiar a Aliança pelo Progresso na América Latina.

Os Estados Unidos esforçam-se por auxiliar as novas nações a desenvolver os seus recursos e a orientar o auxílio financeiro externo para empréstimos a longo prazo.

A política americana consiste em não considerar nunca qualquer nação como tendo passado para o campo comunista: toda a nação independente é um obstáculo para o «grande objectivo» comunista de domínio mundial. A guerra no Vietnam é uma tentativa de esmagamento a que se oporá a América.

ALIANÇA ATLANTICA

A N. A. T. O. é, militarmente, mais forte do que nunca nos domínios convencional e nuclear — disse o presidente.

Os aliados pretendem defender, mesmo pela força, os seus direitos em Berlim, mas estão igualmente prontos a conferenciar no momento oportuno. Não será poupado qualquer esforço para levar a bom termo uma negociação honrosa, mas é impossível, por enquanto, predizer que direcção tomará uma negociação acerca de Berlim.

A Comunidade Atlantica não é só militar, mas avança para uma unidade e cooperação maiores.

MERCADO COMUM

O Mercado Comum avança, e os Estados Unidos devem ter isso em conta no momento em que a ofensiva económica comunista está em marcha. Será pedido ao Congresso um projecto de prorrogação da lei das tarifas aduaneiras, para que o presidente possa obter uma diminuição gradual das tarifas tanto nos Estados Unidos como na área do Mercado Comum, na base de concessões reciprocas. — F. P. e A. N. I.

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **Pereceram, a noite passada, cinco pessoas quando o avião «C-47» da guarda nacional aérea (territorial) em que seguiam se despenhou e incendiou numa herdade a cerca de 24 quilómetros de Pittsburgh, nos Estados Unidos.**

● Partiu hoje de avião de Paris para Casablanca o representante de Marrocos junto de Ben Bella. Laghzaoui, que, interrogado pelos jornalistas se limitou a responder que ia relatar ao rei Hussein as conversações que teve com Ben Bella e com os seus companheiros.

● **O chanceler Adenauer recebeu, esta manhã, no palácio de Schaumburgo, sede da chancelaria federal, o dr. Dirk Stikker, secretário-geral da N. A. T. O., com quem discutiu o estreitamento de consultas políticas e o reforço de defesa da Organização Atlantica.**

● O presidente Luebke, da Republica Federal da Alemanha, chegou hoje a Dakar para visita oficial ao Senegal, acompanhado do ministro dos Negócios Estrangeiros e do secretário de Estado da presidência da Republica.

Soekarno mandou
transformar as Celebes na base principal
para a invasão da Nova Guiné

DJAKARTA, 11 — O presidente da Indonésia, antes de regressar a esta cidade, deixou ordens expressas ao coronel Jusef, comandante do 14.º Distrito Militar, nas Celebes, para que prepare as zonas Sul e Sueste daquelas ilhas como base principal para a «libertação» da Nova Guiné Ocidental — anunciou a Agência Antara. — (A.N.I.).

DINHEIRO PARA A INVASÃO?

SYDNEY, 11 — Dois aviões australianos, fretados pelo Governo indonésio, transportaram para Zurich oiro no valor de 50 milhões de libras australianas — informou hoje a «Australian Broadcasting Corporation», acrescentando que o primeiro aparelho partiu na semana passada, e o segundo, ontem.

As operações de cargo efectuaram-se sob a vigilancia de forte guarda. — (A.N.I.).

OS INDONÉSIOS JÁ DESEMBARCARAM NA NOVA GUINÉ OCIDENTAL?

DJACARTA, 11 — O general Ahmed Jani, chefe do «Comando Operacional para a Libertação da Nova Guiné», recusou-se hoje a desmentir ou confirmar as notícias de que os indonésios teriam desembarcado na costa do Irião Ocidental, publicadas pelo jornal «Times of India».

O general Jani vinha de assistir a uma reunião do «Comando Operacional», que se efectuara no palácio presidencial de Djacarta e que durou duas horas.

O presidente Soekarno e o dr. Subandrio, ministro dos Negócios Estrangeiros, assistiram á reunião, durante a qual se procedeu á designação de dois adjuntos do general Suhanto, nomeado comandante-chefe das operações no Irião Ocidental, que são o coronel de Aviação Umar Dani e o comandante Subono, da Marinha de Guerra. — (F. P.).

O PORTA-AVIÕES «KAREL DOORMAN» NÃO ALTERA O CRUZEIRO À AMÉRICA DO SUL

HAIA, 11 — Um informador do Ministério da Defesa holandês declarou ontem que o porta-aviões «Karel Doorman» será enviado para a Nova Guiné Ocidental, se a disputa com a Indonésia o tornar necessário. De momento, porém, não se pensa elterar o cruzeiro que o porta-aviões e os navios de escolta vão fazer á América do Sul, a partir do dia 15.

Os observadores consideram que bastaria ao «Karel Doorman» atravessar o Canal do Panamá para atingir a Nova Guiné e afirmam que o poder de fogo dos seus aviões e dos naviões de escolta deve fazer com que a Indonésia pense duas vezes antes de atacar a Nova Guiné. — (A.N.I.).

A MALÁSIA FICARÁ NEUTRAL

KUALA LUMPUR, 11 — O primeiro-ministro da Malásia, Tunku Abdul Rahman, declarou hoje que o seu país adoptaria a neutralidade se estalassem as hostilidades entre a Indonésia e a Holanda, a propósito da Nova Guiné. — (Reuter).

ARMAMENTO PARA A ALEMANHA

(Continuação da 1.ª página)

gociações anglo-alemãs, a Republica Federal comprometeu-se a comprar á Grã-Bretanha armamentos no valor de 20 milhões de libras. Contudo, este acordo não pôde ser realizado porque os armamentos que a Grã-Bretanha dispunha para vender não correspondiam ás necessidades da Bundswer.

Entretanto, os britanicos começaram a construir novas armas, nomeadamente canhões para tanques que chamaram a atenção dos especialistas do Exército alemão.

A comissão mista anglo-alemã também deve analisar um plano de auxílio alemão aos países da comunidade britanica. — (F. P.).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

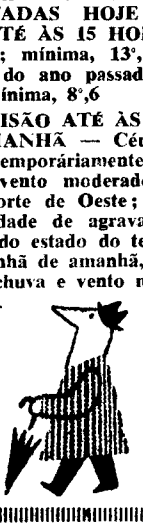
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Oeste, o céu estava muito nublado e chovia em algumas regiões por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação conjunta de uma depressão centrada a norte das Ilhas Britanicas e do anticiclone dos Açores, centrado a sul do Arquipélago.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 13°; Lisboa, 14°; Faro, 16°; Ponta Delgada, 14°; e Funchal, 13°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 13°,6; na água do mar, 15°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA. ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 17°; mínima, 13°,1. No mesmo dia do ano passado: máxima, 13°,1; mínima, 8°,6

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado, temporàriamente pouco nublado; vento moderado ocasionalmente forte de Oeste; aguaceiros; possibilidade de agravamento temporário do estado do tempo durante a manhã de amanhã, com períodos de chuva e vento moderado de Sudoeste.



BEBA ÁGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gaseificada

Vida literária e artística

181

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

Notas sobre «Sagarana»

de Guimarães Rosa

por GILBERTO AMADO

VÃO talvez estranhar que eu me ocupe, após tantos anos do seu aparecimento, de «Sagarana», e não dos dois recentes livros de Guimarães Rosa. Declaro: destes tratarei algum dia quando os tiver lido e sobretudo relido, não uma, porém diversas vezes. Rosa é dos escritores de língua portuguesa, inclusive os chamados clássicos, fora Camões, naturalmente, e pouquíssimos outros, dignos de releitura, e «Sagarana» é das raríssimas obras brasileiras que carrego comigo nas minhas viagens. Já o reli... quantas vezes? Inumeras. Por pura delícia e necessidade de mergulhar, longe do Brasil, em Brasil.

II

Anos atrás, passei em Paris ao autor, então secretário da nossa Embaixada, uma maçagada, trinta ou quarenta páginas, que rabiscara a lápis, sobre o seu livro. Ele não pôde decifrar minha letra; nem eu, quando reencontrei, anos depois, a papelada que tinha perdido. Dita papelada sumiu-se depois da minha existência, sem me deixar saudade. Só Guimarães Rosa a recorda, como me disse em carta, quando lhe anunciei que ia escrever de novo sobre «Sagarana». «Confesso que frequentemente recordava aquele esboço de trabalho, as notas tentadoras sob o cinto de castidade de hirsuta, opaca, indecifrável cacocaligrafia». O que eu dizia não me contentava e alegrou-me que Guimarães Rosa nada tivesse podido bispar dos hieroglifos. Batidas na máquina em que aprendo a dactilografar, as linhas que se seguem destinam-se antes de tudo a mim próprio. Sinto necessidade de arrumar, coordenar o tumulto, ver claro no profuso remeximento interior, seriar ao menos algumas das observações que ficaram em meu espírito da convivência com este livro unico na literatura de nossa época.

Guimarães Rosa

III

Não sou dos que procuram em obras de arte... «mensagens». Quando desejo encontrar-me com estas, vou aos profetas, não aos artistas propriamente ditos. Estou mais próximo dos leitores antigos que se interessaram pelos amores e feitos dos heróis do que daqueles que procuram nas obras de arte a solução dos problemas. Destes, se são matemáticos, Einstein se encarrega; se são políticos, Lenine os toma a seu cargo, se são da medicina, não falta médicos para os atacar. O que cabe ao artista é, se escreve verso, nos dizer a sua alma e encher com ela a nossa alma. Se escreve prosa, fazer o que Guimarães Rosa fez em «Sagarana»; fazer de horas da vida, numa parte do interior do Brasil, horas cheias de interesse permanente ao nosso espírito e sensibilidade.

IV

Cumpre-me declarar que nunca li artigo de crítica, ou qualquer apreciação a respeito de «Sagarana». Escrevo, pois, no escuro. Se

(Continua na 19.ª página)

POEMA

Uma caixa de fósforos na mesa
Um riscar de silêncio

Amo pèrfidamente os objectos inanimados
e os sons de aquário
Amo as temperaturas
e as viscosidades

Amo sentir o coração batendo
e as imagens nos olhos
As peças de xadrez
As laranjas partidas

Amo os silêncios imóveis
com luta por dentro
aparentemente imóveis os silêncios
As flores abertas
nos dedos
E os bonzos domésticos
de faces
quadradas

Uma caixa de fósforos na mesa
uma janela
ao fundo os olhos livres

CANDEIAS NUNES

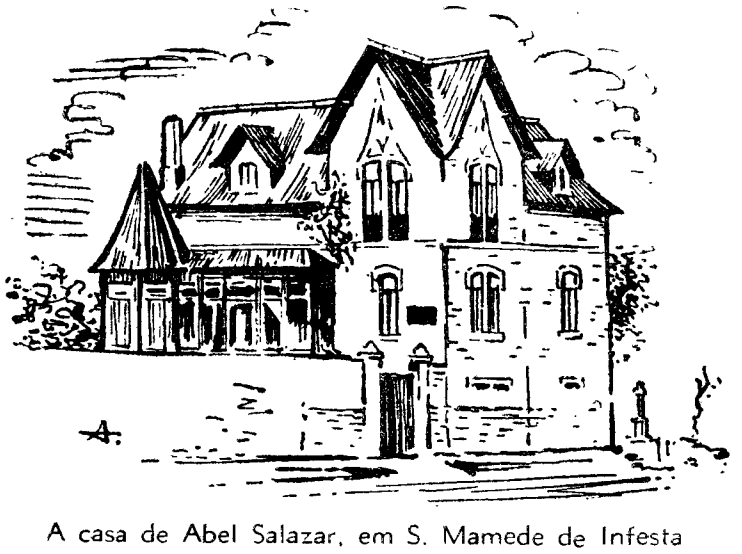
EVOCAÇÃO

por MÁRIO DIONÍSIO

FEZ há duas semanas quinze anos que morreu Abel Salazar. Que dirá este nome aos jovens de hoje? Terá ele chegado aos seus ouvidos, nesta avalancha de génios, destruidores e renovadores de toda a arte, que agora nos são fornecidos — e substituídos — de cinco em cinco anos? Terá ele resistido á nossa incorrigível tendência para esquecer o que é inequìvocamente nosso e a essoutra, que já quase vai sendo nossa também, de só recordar (de espírito ausente) o que por decreto é recordável? Para mim, talvez porque nunca me senti «esmagado» ao entrar nas suas exposições, nem supus dever considerá-lo «um novo Miguel Ângelo», nem tive, por isso, de passar pela fase de arrefecimento que geralmente espera as paixões arrebatadas, raramente duradouras, o nome de Abel Salazar conserva ainda esse fulgor de clarão que sempre teve, esse ímpeto de inteligência exigente e de generosidade fervorosa, essa autêntica audácia de afirmar e de afirmar-se, de negar e de negar-se a descoberto — assaz diferente das audácias em grupo —, essa inquietação de chama, rasgando a noite funda.

Evocando a sua «boca cortada em arco, à Beethoven» e as suas «pálpebras oblíquas, orientais, com duas contas de olhos como de lume», segundo alguém o descreveu, a sua figura atarracada e sempre em movimento, os seus pulos a Lisboa e as noites de conversa interminável pelas ruas da cidade, com amigos que podiam ser seus filhos, até a hora em que, já ma-

(Continua na página central)



A casa de Abel Salazar, em S. Mamede de Infesta

Foi distribuido recentemente o fascículo 8.º do «Romanceiro Geral do Povo Português», que a organização «Iniciativas Editoriais» traz em publicação e que é colaborado por Alves Redol no arranjo literário, por Fernando Lopes Graça na anotação musical e por Maria Keil nas ilustrações. Neste fascículo incluem-se as séries de narrativas em verso «Romances das donzelas levianas», «Romances das donzelas abandonadas», «Romances das traições e das vinganças», «Romances da honra defendida» e «Romances do ciume» — colectâneas de expressiva riqueza literária e folclórica seleccionadas com critério e gosto. A obra vai em meio da publicação e inclui neste fascículo, além de numerosas notações musicais, um excelente desenho alusivo de Maria Keil

ESCRITOS DE DÜRER

Dürer representou-se aos 28 anos na figura de Cristo

Foi recentemente publicada sob o título «Albrecht Dürer — Schriften, Tagebücher, Briefe» («Albrecht Dürer — Escritos, Diários, Cartas») uma nova colecção dos escritos de Alberto Dürer (235 p., 10 estampas, DM 19,80, Editora Kohlhammer, Sttutgart). O material foi coligido pelo investigador de Dürer e historiador de arte professor Max Steck de Munich, que já se evidenciou com vários trabalhos sobre o grande mestre. A obra contém uma extensa introdução e, logo em seguida, uma selecção dos escritos autobiográficos de Dürer, entre eles uma crónica da família, apontada por Dürer em 1524 em Nuremberg, e o diário da viagem de Alberto Dürer aos Países Baixos. Segue uma selecção das poesias do pintor, os seus versos religiosos e as suas rimas profanas. Reproduzem-se em seguida cartas de Dürer das várias fases da sua vida e documentos, assim como trechos dos três livros de Dürer: «Unterweisung der Messungen ...» («Instruções para Medições...») (1525), «Befestigungslehre» (1527) («Teoria das Fortificações») e «Proportionslehre» (1528) («Teoria das Proporções»). Formam o fecho da obra trechos do livro que Dürer tencionava publicar sobre pintura «Speis der Malerknaben» («Alimento dos futuros pintores»), extraídos dos manuscritos guardados em Londres. O professor Steck acrescentou notas e observações pormenorizadas, assim como um quadro cronológico relacionado com a vida de Dürer. A obra oferece uma valiosa visão de conjunto dos trabalhos literários de Dürer, que ocupam um lugar significativo na sua obra.

A MORTE

de um grande pintor britânico

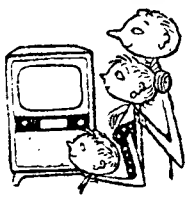
Faleceu recentemente na Inglaterra, com 83 anos, Augustus Edwin John, que era considerado por eminentes autoridades críticas daquele país como o pintor britanico de maior talento e poder criador depois de Turner.

Nascido no País de Gales, estudou na Universidade de Londres, sob os profs. Brown e Henry Tonks. Ensinou desenho e pintura

(Continua na 19.ª pagina)

PEQUENO MAGAZINE

A TV NO MUNDO



Segundo as mais recentes estatísticas, existem na Europa os seguintes televisores: Inglaterra, 10 817 048; França, 1 732 855; Bélgica, 520 000; Holanda, 750 000; Alemanha Federal, 4 288 008; Austria, 163 175; Itália, 2 000 316; Espanha, 240 000; Suíça, 110 921; Suécia, 82 000 e Portugal, 42 000. Os Estados Unidos contam com 52 000 000 de televisores, o Canadá, 16 940 000 e o Japão, 4 905 380.

300 milhões de contos de dividendos

Atingiu 300 milhões de contos os dividendos a distribuir pelas acções ordinárias de 1134 sociedades inscritas na Bolsa de Nova York, segundo os círculos financeiros novaiorquinos. Em 1960, com um numero de 1090 sociedades inscritas, o montante distribuído foi de 295 milhões de contos.

Estudantes africanos na Alemanha Ocidental

Jovens africanos de nove países participarão nos trabalhos duma sessão de estudos, a efectuar em Colónia, consagrada á estrutura da administração alemã, ao urbanismo e ao problema da construção de habitações.

Os participantes são estudantes procedentes, na sua maioria, de países que agora iniciam o seu desenvolvimento, e que há já muito estagiam na Alemanha Ocidental.

Entre eles, contam-se estudantes de Medicina da Libéria, de Economia Política da Etiópia, de Técnica da Serra Leoa, de Pedagogia dos Camarões e de Agronomia, do Egipto.

CURIOSIDADES

* *As figuras das cartas de jogar usam trajos que datam do reinado de Henrique VII de Inglaterra.*

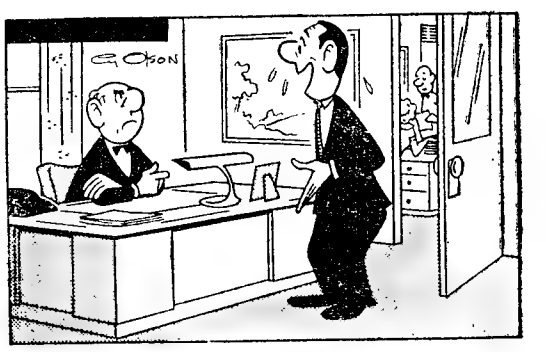
* *Emerson, numa conferência pronunciada a 20 de Setembro de 1855, quando se ocupava dos direitos da mulher, disse:*

—«O homem é a vontade, a mulher o sentimento. No barco da humanidade, a vontade é o leme; o sentimento a vela. Quando a mulher pretender governar, o leme não passará duma vela disfarçada...»

* *Dizem que um dente de alho comido, pela manhã, em jejum, atenua a gota e o reumatismo e faz emagrecer.*

O ALUMÍNIO NA EUROPA

Segundo dados da O. E. C. D. a produção de alumínio na Europa relativa ao ano de 1961 deve alcançar as 950 000 toneladas contra as 830 000 de 1960. Contribuiram para este aumento, especialmente a França (40 000), a Espanha (15 000) e a Alemanha (10 000).



— Vou-lhe contar a «piada» que me levou a fazer este desfalque.

O CENTENÁRIO DA MORTE do inventor do cimento moderno

O centenário da morte de Louis Vicat, inventor do cimento moderno, foi comemorado em sessão solene no grande anfiteatro da Sorbonne.

Dez eminentes oradores fizeram a evocação da obra e vida de Vicat, nascido em Nevers.

Politécnico em 1804, engenheiro de pontes em 1806, Vicat teve, alguns anos mais tarde, grandes dificuldades para construir uma ponte de pedra em Souillac, no Sul da França. Estas dificuldades lançaram-no na procura de novos materiais de construção. Em 1818, depois de seis anos de esforços e investigação, o jovem engenheiro expunha, numa memória, a sua descoberta duma nova cal artificial, mistura de cal e argila, formando uma matéria de ligação capaz de endurecer por meio da água. Esta descoberta viria a dar origem a um enorme surto de progresso na construção civil, em todo o Mundo.

Louis Vicat ficou, assim, como sendo o «pai» do cimento moderno.

QUEM CANTA seu mal espanta...

Amo-te e não crês em mim,
Duvidando até morrer:
No céu, saberás, enfim,
Se for Deus que to disser.

JOSÉ AMARO

DIZ QUEM SABE

UMA mulher obediente é aquela a quem o marido ordenou fazer o que ela quer e a que o faz.

J. GARLAND POLLARD

* **A mulher que obedece ao marido, governa-o.**

J. STANTI

* **Quando uma mulher quer, consegue o impossível.**

CALDERON DE LA BARCA

NOVA MOEDA NA BOLÍVIA

A partir de 1 de Janeiro deste ano, o «boliviano» — unidade monetária da Bolívia — foi substituído pelo «peso boliviano», de valor equivalente a 1000 antigos bolivianos. A nova moeda é subdividida em 100 centavos. Por consequência, a taxa de cambio, que era de 12 000 bolivianos por um dolar, foi substituída por uma taxa de 12 novos pesos bolivianos por um dolar.

CARREIRAS AÉREAS

Novo «record» da TWA

A TWA estabeleceu um novo «record» entre Nova York e o aeroporto internacional de Londres percorrendo a distancia de 3450 milhas em 5 horas e 15 minutos.

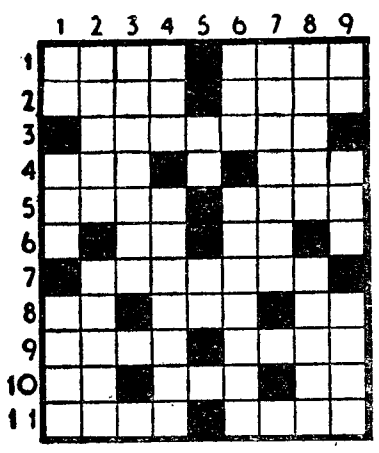
O voo 700, comandado pelo capitão John E. Harlin, transportava 140 passageiros e 11 tripulantes. O «record» anterior fora estabelecido pelo capitão Kassing em 5 horas e 19 minutos.

Em IVIDUR não me importa ser cozinhado

UM PRODUTO·IVIMA·

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 2548



HORIZONTAIS: 1—Membros de aves. Tojo dos soldados de Viriato. 2 — Cidade de Itália. Língua vernácula indiana. 3 — Encastoais. 4 — Anel. Nome de um astro. 5 — Cor entre o rubro e o violáceo. Doença de pele. 6 — Atmosfera. Apelido. 7 — Enfeitasse. 8 — Símbolo químico do crómio. Argola. Símbolo químico do cobalto. 9 — Chuva. Vantagem. 10 — Seguia. Sufixo dos verbos da primeira conjugação. Interjeição. 11 — Rates. Vento de Leste.

VERTICAIS: 1—Prefixo que designa afastamento. Pedra de altar. Tombar. 2 — Sagrado. Instrumento musical de vento e teclado. 3 — Arpoxear. Artigo definido. 4 — Fecha as asas para descer mais depressa. Surrais. 5 — Futil. O mais. 6 — Filtra. Sopre. 7 — Esquivas. 8 — Espécie de marta que dá lindas e caras peles para as senhoras. Repercutir. 9—Em partes iguais. Ver. Orgão da vista.

Resolveu completamente este problema?

Procure, agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

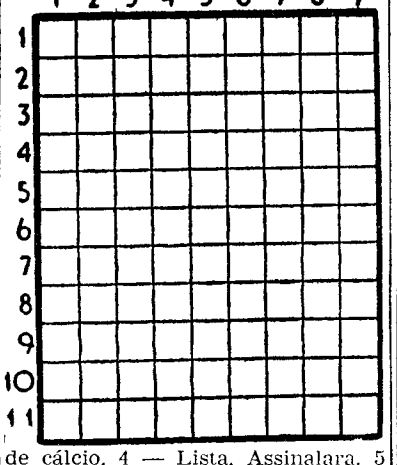
Solução do problema n.º 2547

HORIZONTAIS: 1 — Acrobatas. 2 — Lhes. Rena. 3 — Usanças. 4 — Ave. Til. 5 — Cara. Arão. 6—VENTO. 7 — Sor. Asa. 8 — Só. Ois. Dr. 9 — Urdi. CMII. 10 — Arad. Aaro. 11 — Oire. Roas.

VERTICAIS: 1—Al. Aça. SUÃO. 2 — CHUVA. Sorri. 3 — Reservo. Dar. 4 — Osa. Aeroide. 5 — NA. 6 — Arc. Atascar. 7 — Teatros. MÃO. 8 — Ansia. Adira. 9 — Sá. Loa. Rios.

Provérbio: VENTO SUÃO CHUVA NA MÃO.

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 4593



HORIZONTAIS: 1 — Prender. Em mais alto grau. 2 — Curo. Tosta. 3 — Cidade da Campânia, Itália. 4 — Um dos pontos cardiais. Fileira. 5 — O mais. Oceano. Nesse lugar. 6 — Deus dos rebanhos. Caminhar. 7 — Maior. óxido de cálcio. 8 — Satélite de Jupiter. Filtra. O mais. 9 — Cidade santa da Arábia. Invulgar. 10 — Fazer voar. Tenho obrigação. 11 — Divisão de uma casa. Rezas.

VERTICAIS: 1 — Artigo definido. Vai para fora. Magnetes naturais. 2 — Garrido. Terceiro estômago das aves. 3 — Lago salgado do Turquestão. Rio de Itália. óxido de cálcio. 4 — Lista. Assinalara. 5 — Época. 6 — Grande quantidade. Nome de homem. 7 — Burra. Batráquio. Prefixo que designa ar. 8 — Deixa só. Lagarta. 9 — Apelido. Escudeiro. Reino da Federação Indochinesa.

Solução do problema n.º 4592

HORIZONTAIS: 1 — Darão. Bar. 2 — Afez. Base. 3 — Rim. Ror. 4 — Marearam. 5 — Rif. Amo. 6 — Rã. Sem. És. 7 — Aro. Rás. 8 — Dulcinea. 9 — Aos. Ida. 10 — Alva. Avis. 11 — Rio. Brasa.

VERTCAIS: 1 — Dar. Graduar. 2 — Afim. Aru. Li. 3 — Remar. Olavo. 4 — Az. Ris. Coa. 5 — Referis. 6 — Boa. Man. Ar. 7 — Barra. Seiva. 8 — As. Ame. Adis. 9 — Reinoso. Asa.

PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS

Rigorosa técnica de adaptação a actuar com os mais aperfeiçoados e recentes modelos. Eficiência comprovada. Garantia absoluta. **APARELHOS ORTOPÉDICOS, CINTAS MEDICINAIS E ORTOPÉDICAS, FUNDAS, MEIAS ELÁSTICAS, BENGALAS, MULETAS, ETC. CADEIRAS E CARROS PARA DOENTES.**

CONSULTE O:

CENTRO ORTOPÉDICO

RUA DO ARCO DA GRAÇA, 51 (á entrada do Hospital de S. José) — Telef. 861925 LISBOA

ANDARES EM LISBOA

Vende-os a «IRIS», c/ 5, 6, 7 e 8 div. soalh. na Rua D. João V, Visc. Seabra, Calç. B. da Rocha Cabral e Tr. da Torre de Belém, por 500 a 1.100 contos; e c/ 2, 3 e 4 div. soalh., nas Ruas: Fialho d'Almeida, Vict. Hugo, São Filipe Nery, Sr.º do Monte e Av.ª C. Bordalo Pinheiro, por 180 a 450 contos. Tel. 30703.

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

82

A MORTE ESPERAVA-O

por BRUNO FISCHER

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

18

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — O advogado Paul Hagen viu um homem a espancar uma mulher, quando passava, no seu automóvel, por uma pacata rua. Intervem. Aparece um guarda, e a mulher, Janice, acusa Hagen de lhe bater, partindo, depois, com Sim, o verdadeiro agressor. No dia seguinte, Hagen vai a casa de Janice, que lhe metera no bolso, na noite anterior, um sobrescrito sem que ninguém o tivesse notado. Espera-o uma surpresa: Janice está morta e a Polícia investiga. Hagen desconfia de que foi Sim o assassino e resolve deslindar o caso. Vai a casa da irmã de Janice e descobre a filha desta.

CAPÍTULO IV

— Sim, mas estou de castigo. «Miss» Wilson mandou-me ontem para a cama sem jantar e todo o dia de hoje estive sem comer. — E acrescentou vivamente. — Mas «miss» Wilson já disse que amanhã poderei tomar o pequeno almoço, se me portar bem. Ela prometeu.

Hagen sentiu-se tomado por uma cólera fria.

— Quem é «miss» Wilson?

— E a governanta da tia Dora. — O rosto de Helen estava todo contraído e, por momentos, Hagen pressentiu um ataque de choro. — «Miss» Wilson dá-me pancada.

— Dá-te pancada?

Levou a mão á boquita.

— Esqueci-me.. que não posso dizer nada. Uma vez contei ao leiteiro e «miss» Wilson deu-me um castigo terrível.

— E a tua tia Dora deixa que «miss» Wilson te bata e faça passar fome?

— A tia Dora não gosta, mas diz que «miss» Wilson sabe o que me convém. A tia Dora é muito meiga. E' quase tão boasinha como a mamã. Porque é que não me deixam ver a mamã?

— Porque é que tu foste castigada agora?

— Porque escrevi... — de novo levou a mão á boca, num gesto de terror.

19

— Não te deixam escrever á mamã?

— «Miss» Wilson e a tia Dora dizem que não devo escrever porque a mamã é má. Não é verdade, pois não?

— Não. A tua mãe é... uma senhora estupenda. Como conseguiste tu mandar-lhe a carta?

— Entreguei-a ao leiteiro. Ele é meu amigo. Mas «miss» Wilson descobriu. Tu achas que foi o leiteiro quem lhe disse?

— Tenho a certeza que não. Que lhe dizias tu na carta?

Helen soltou um gemido e escondeu o rosto entre as mãos.

— Deixe-a em paz! — ordenou uma voz.

Hagen voltou-se e deparou com o homem alto e magro que ele vira a cavar no jardim. O homem empunhava ainda a pá, como se fosse uma arma. A sua cara, estreita e feia, metia medo.

Hagen soltou o braço de Helen e deu um passa atrás.

— Eu não estava a fazer mal á pequena. Venho falar a Dora Gavlin.

— Sim? — A pá ergueu-se mais alto. — O melhor é pôr-se a mexer daqui, quanto antes.

Sempre com o olho atento á pá, Hagen não se afastou.

— Quem é você?

Helen olhava curiosamente, ora um ora outro. E, de subito, exclamou com a presteza de uma criança ansiosa de fornecer uma informação:

— É Archie, o caseiro.

— E desde quando um caseiro expulsa as visitas que querem falar á patroa? — perguntou Hagen, mansamente.

Archie dardejou um olhar colérico a Halen e, então com certa relutancia, baixou a pá.

— Que deseja o senhor de «miss» Gavlin?

— Nada da sua conta! — ripostou Hagen. Já quase ansiava que Archie ousasse um gesto ameaçador, com a pá ou sem ela. Por entre as árvores, viu as luzes da casa acesas e, resolutamente, começou a caminhar para lá.

Archie lançou-se numa corrida. Hagen girou nos calcanhares, esperando ser agredido com a

20

pá, mas o caseiro deixou-a cair e passou-lhe á frente, ansioso por chegar á casa antes de Hagen.

Hagen esperou que Helen se aproximasse. Confiadamente, ela estendeu a mão fria e trémula para a sua.

— Agora vou ser castigada — soluçou. — Archie vai dizer a «miss» Wilson que me viu falar com um estranho.

— Não, não serás castigada. Eu resolverei o assunto.

Helen não proferiu palavra. Hagen percebeu que a miuda não confiava muito na sua capacidade para a defender.

— Ouve. Viste um senhor que veio cá há dias? Era mais ou menos do meu tamanho, tinha cabelo castanho, não trazia chapéu e...

De subito, a miuda puxou a mão com força e largou numa corrida frenética em direcção á casa. Hagen chamou-a. Ela não se voltou, nem deixou de correr. Enquanto a via afastar-se, descobriu que nunca sentira tamanho medo em toda a sua vida.

Acendeu-se a lampada do alpendre. Uma mulher surgiu no topo dos degraus. Hagen encaminhou-se para ela e, ao chegar ao primeiro degrau, viu que era uma mulher miuda e engelhada. O perfil lembrava um machado e a boca estava tão apertada, naquele momento, que nem se lhe viam os lábios. Lembrava uma solteira puritana e severa.

— «Miss» Dora Gavlin?

— Sou «miss» Wilson. — Tinha uma voz tão agreste como a cara. — Para que assustou o senhor a pobre criança?

— Eu não a assustei. Penso... — Compreendeu ser inutil qualquer explicação. «Miss» Wilson compreendera tudo. — Gostaria de falar a «miss» Gavlin.

— Quem é o senhor?

— Sou Paul Hagen, associado de David Kennelly.

Aquelas palavras causaram um sobressalto em «miss» Wilson, mas o unico sinal que o denunciou foi o tremer de um canto daquela boca sem

21

lábios. Levou um certo tempo a readquirir o sangue-frio. Depois disse bruscamente:

— Muito bem. Faça o favor de entrar.

Hagen seguiu-a. No vestíbulo, ela disse-lhe que esperasse e passou por uma porta, fechando-a cuidadosamente.

A excepção do murmurio de vozes para além daquela porta, toda a casa estava imersa em silêncio. Hagen sentiu um arrepio. Conquanto não visse ninguém, sabia estar a ser vigiado.

A porta abriu-se.

— Entre! — gritou «miss» Wilson. Afastou-se para o deixar entrar numa pequena saleta.

Dora Gavlin foi uma revelação. Esperava encontrar alguém como «miss» Wilson, mas a mulher enrodilhada no divã, com uma revista nas mãos e uma caixa de caramelos ao lado, era loira oxigenada, nova ainda e gorducha. Passaria por bonita, se não fosse a frouxidão das feições e o olhar embaciado. Meteu um caramelo na boca e casquinou uma risada.

— O senhor não me pode tirar a pequena.

— Não foi para isso que cá vim.

— Foi, sim. — A sua voz era petulante e infantil. — Foi para isso que veio cá o outro.

— Dave Kennelly?

— Era esse o seu nome. Disse que queria a Helen. E disse toda a casta de parvoíces.

— Que parvoíces?

Da porta, «miss» Wilson respondeu pela boca da patroa.

— Ameaçou «miss» Gavlin, se ela não devolvesse a filha á mãe.

Dora Gavlin examinou os caramelos da caixa e escolheu um, dando a impressão de se concentrar nesta operação tão simples. Não parecia ser viciosa e Helen dissera que a tia era meiga. No fim de contas, não passava de uma atrasada mental.

— Não é verdade que a ameaçou? — persistiu «miss» Wilson. — Eu ouvi-o distintamente pronunciar ameaças.

— Pois decerto — respondeu Dora Gavlin, vivamente, como uma criança ansiosa de agra-

22

dar. — Imagine! Querer que eu devolvesse a minha querida Helen á mãe, uma mulher tão má.

— A senhora sabe que ela não era má — observou Hagen.

— Janice Gavlin era má — teimou Dora, mastigando o caramelo. — Matou-se esta manhã. Janice suicidou-se por não aguentar mais tanta maldade. — «Miss» Wilson diz que Janice...

No vestíbulo, uma criança gritou.

«Miss» Wilson abriu a porta, passou ao vestíbulo e reapareceu seguidamente, segurando Helen por um braço.

A criança não oferecia resistência. Soluços sacudiam-na dos pés á cabeça.

— A mamã! A mamã morreu!

Duramente, «miss» Wilson abanou-a e foi como se tivesse abanado uma boneca de trapos.

— Tu estavas á escuta atrás da porta? Agora marcha lá para cima comigo.

— Não seja severa com ela.

Dora Gavlin esrguera-se do divã e um brilho de piedade iluminava-lhe o olhar semi-idiota. Hagen já não duvidava de que ela gostava sinceramente da sobrinha. Poderia, é certo, representar um papel para seu próprio benefício, mas não parecia ter miolos para representar tão bem um papel.

— A pobre querida não sabia que Janice tinha morrido. Não devemos ser severos com ela.

— Estava a escutar á porta — teimou «miss» Wilson. — Vou levá-la lá acima...

— Não. Vem cá, Helen...

Com visível relutancia, a governanta largou o braço de Helen e a petiza atirou-se para os braços da tia. Ardendo por dentro, Hagen ficou a ouvir os soluços da pequena, enquanto a tia subia com ela as escadas. Depois, a casa recaiu no silêncio e «miss» Wilson encarou-o com um olhar cheio de fria hostilidade.

— É favor retirar-se — disse secamente.

— Para onde foi Kennelly depois de ter saído daqui?

— Não sei nem me importo. É favor retirar-se.

Hagen abanou a cabeça.

23

— Não, sem que obtenha algumas respostas que me satisfaçam.

«Miss» Wilson cruzou os braços. Parecia uma mulher indefesa, mas Hagen sabia não ser assim. E um segundo depois, teve a prova.

— Archie — disse ela, sem erguer a voz.

O caseiro entrou na saleta. Trazia uma espingarda de dois canos sob o braço e as duas bocas da arma estavam apontadas ao peito de Hagen.

Tinham preparado tudo quando Archie chegara primeiro a casa, para anunciar a sua visita. E dias antes, tinham também sabido de antemão que Dave Kennelly vinha aí.

— Acompanha este senhor á porta — disse «miss» Wilson, virando-se e saindo da sala.

Hagen sentiu-se gelar. Os olhos raiados de sangue do caseiro brilhavam de velhacaria. Devia gostar de matar um homem.

Não tinha por onde escolher. Manteve o olhar fixo nos canos da arma enquanto atravessava a sala. Quando já atravessava o vestíbulo, Archie deixou-se ficar propositadamente para trás. Hagen sentiu a nuca gelada. Se o queriam matar, preferiam fazê-lo lá fora. Atravessou a porta da entrada.

Passos soaram na escadaria e a voz petulante de Dora Gavlin perguntou:

— Esse homem já se foi embora?

— Vai agora a sair — respondeu Archie.

A porta bateu. Archie não o seguira cá fora. Os joelhos de Hagen tremiam enquanto descia os degraus. Estivera na verdade tão perto da morte como pensava?

Ouviu lá em cima um rangido de uma janela que se abre. Levantou a cabeça. A noite caira entretanto e todas as janelas do primeiro andar estavam ás escuras. Algo flutuou no ar e roçou-lhe pelo rosto. Os olhos de Hagen já se habituavam á noite e o advogado viu uma janela fechar-se de mansinho. A seus pés jazia uma folha de papel. O papel rezava apenas: «O poço».

(Continua)

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos nervosos, inapetência e astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da *FAL* — Apartado 2.142 — LISBOA

5%

S/ automóveis e 6% s/ propriedades rústicas e urbanas mesmo em construção, emprestamos imediatamente.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45

Frigoríficos, Máquinas de lavar, domésticas

Enceradoras, aspiradores, termo-acumuladores eléctricos

ENG.º MELO QUEIROZ, LDA.

P. S. Paulo, 19-2.º
LISBOA
Telef. 321815

30 anos
1930-1960

Em ALMADA PRAGAL o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda na agência do sr. João António Tavares.

10 MINUTOS COM...

FERNANDO NAMORA

Fernando Namora

É um depoimento excepcional, pela sinceridade e clarividência da expressão como pelo significado humano, o que Fernando Namora insere hoje nestas páginas do «Diário de Lisboa». O romancista brilhantemente consagrado de «Domingo á tarde» fala de si-próprio, do seu trabalho de escritor e dos valores literários na nossa época com a lucidez de homem que não se disfarça e que prossegue o seu caminho na fidelidade essencial á personalidade que criou e que afirmou. O questionário foi logo dirigido á problemática decisiva do escritor:

— O novo rumo de criação literária que se exprime nos seus dois últimos livros, quanto á matéria e quanto ao estilo, corresponde a uma viragem definitiva ou a derivante transitória?

— Nenhuma dessas hipóteses, nem sequer a sugestão de «novo rumo», me parecem justificadas. Toda a minha evolução de escritor, inevitável para quem começou a tarefa na adolescência (fui amadurecendo como escritor ao mesmo tempo que amadurecia como homem), exprime as várias fases e os vários locais da minha experiência humana, cada uma delas impondo uma linguagem estética que se lhe ajustasse. A posição do escritor, porém, não se alterou. Simplesmente seria insensato usar o mesmo instrumento literário para obras como, por exemplo, «Minas de San Francisco» e «O homem disfarçado». Cada temática exige, por um lado, um angulo específico de sondagem e, por outro, também uma expressão formal adequada. Além disso, a par das diferentes atmosferas com que fui contactando e que imprimiram um carácter estético aos livros que as traduziram, depurou-se e esclareceu-se a visão do escritor. O que interessa, para além da episódica catalogação das obras, tão do nosso agrado, é a estruturação objectiva das personagens e dos seus dramas numa problemática colectiva. Os meios de o conseguir dependem, repito, do ambiente focado e, óbviamente, do temperamento e das virtualidades do criador. Veja-se, quanto a preconceitos, a maneira como persistimos em denunciar, com lentes severas, o recurso ao objectivismo quando se trate de uma panoramica realista, atente-se na nossa desconfiança perante temas do mundo actual, como a solidão, e perante correntes literárias como o existencialismo e ainda na confusão entre «duvidas» e coragem em investigar todos os recessos e desencontros para que a confiança seja mais lucida. Ora a verdade é que o neo-realismo, partindo de uma fase combativa, de características históricamente válidas, na qual se repudiavam os excessos de uma literatura decadente, deleitada com os meandros psicológicos, ao encaminhar-se para um estádio sazonado da sua evolução teria forçosamente de ultrapassar o que Pavese chamou «verismo superficial». Não só as oposições sociais e estéticas se apresentavam sob outra densidade, e também sob novas ramificações, como os próprios escritores, ao evoluirem, eram seduzidos por novas formas de expressão que lhes dilatariam as perspectivas. Os fundamentos, contudo, persistem. Assim o define o tão citado Lukacs, ao acentuar que a visão realista do mundo não escolhe entre os vários processos literários, entre linguagem subjectiva e objectiva, e que o carácter puramente humano das personagens, o que elas têm de mais singular e típico, o que faz delas, como arte, figuras convincentes, é a sua ressonancia histórico-social.

— Pode precisar as suas ideias sobre subjectivismo quanto á sua utilização na literatura realista?

— Outras correntes literárias (ou outras épocas literárias rebelaram-se estética e humanamente contra as contemporizações da arte através de anormalidades nos actos e paixões dos seus herois. A anormalidade subjectiva era uma forma de rebelião. O homem esquisito, anti-social, corporizava, assim, uma atitude inconformista. Tratava-se, pois, de um subjectivismo mórbido, enaltecendo a excentricidade como recusa em participar de um mundo de fraudes e coacções. Mas, ao lado deste, sempre existiu o subjectivismo do homem comum, do homem social que, nas suas contradições e agruras íntimas, testemunha a realidade e tenta superá-la, comunicando, agindo, interferindo. O escritor realista não podia deixar, portanto, de utilizar o subjectivismo como indispensável elemento de investigação.

— A consagração do Prémio Lins do Rego, expressamente assinalada ao romance «Domingo á tarde», virá a influenciar a escolha desse rumo?

— Nas considerações precedentes respondo a esta pergunta. O prémio aliás como outros acontecimentos marginais da minha vida de escritor, em nada influenciam o meu programa de trabalho. E quanto a rumos: que pretende afinal, «Domingo á tarde» como testemunho? A superação da mecanização da vida, da renuncia, do desespero, dos traumatismos corrosivos, enfim, para que se atinja a esperança como sentimento clarificado. Idêntico objectivo se ambicionava em «O homem disfarçado»: o encontro subito do homem consigo próprio, a focagem impiedosa das inquietações, das duvidas, das máscaras, como estádio prévio de limpidez nas relações humanas, de acerto íntimo. Os lodos devem ser remexidos para que se conquiste uma serenidade consciente.

— Pensa concorrer com «Domingo á tarde» ao Prémio Camilo Castelo Branco?

— Pus de lado essa hipótese assim que foi conhecida a decisão do juri do Prémio Lins do Rego. Quer dizer: este ano não estarei entre os candidatos áquele prestigioso prémio.

— Em que trabalha presentemente?

— Terminei o segundo volume de «Retalhos da vida de um médico», mas não decidi ainda se o publicarei durante a época literária de 1962. Entretanto, assim que recuperar o ritmo habitual de trabalho, iniciarei um novo romance, que terá provávelmente, o título de «Ao terceiro dia». Baseia-se num «fait-divers» acontecido, há mais de um ano, em Lisboa, e que se presta a equacionar simultaneamente dois dos dramas do nosso tempo: a solidão das pessoas que vivem em comum e o drama daqueles a quem a voracidade do sensacionalismo veste uma personalidade fictícia, desagregando-os e destruindo-os, para os esquecer no dia seguinte á destruição.

— Neste seu depoimento referiu-se, mais do que uma vez, ao tema da solidão, já presente no seu livro «Cidade Solitária», e ao existencialismo, relativamente a uma visão realista dos problemas. Poderá sem mais explícito?

— Vou recorrer a considerações já expostas por ensaístas estrangeiros e que perfilho inteiramente. Para uma certa literatura, a solidão é universal, pertence á condição humana. Para os outros, a solidão é um reflexo de circunstancias adversas, transitórias, contra as quais se deve lutar. À literatura realista pertence, pois essa luta e essa denuncia. E o existencialismo? Justifica-se que, como instrumento, seja olhado com reserva por uma literatura que pretende ser objectiva? Mas, desde que a literatura é literatura, a pesquisa existencial e a consciencialização da vida são alvos dos que escreveram obras decisivas para a libertação do homem. Estas e outras convenções, já ultrapassadas naqueles meios onde uma obra literária é avaliada sem premeditação, significam, em suma, que nos desabituaram de confrontar ideias.

— O segundo volume de «Retalhos da vida de um médico» filia-se na linha de inspiração que o primeiro volume representa ou virá a incluir-se na orientação dos seus dois ultimos romances?

— Repito a minha convicção de que cada livro solicita o processo

(Continua na 18.ª página)

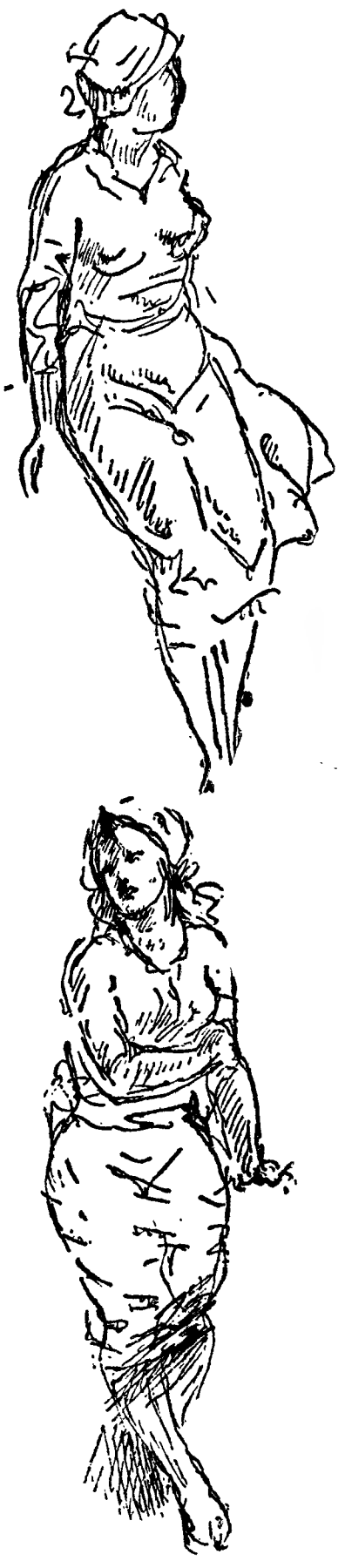
EVOCAÇÃO

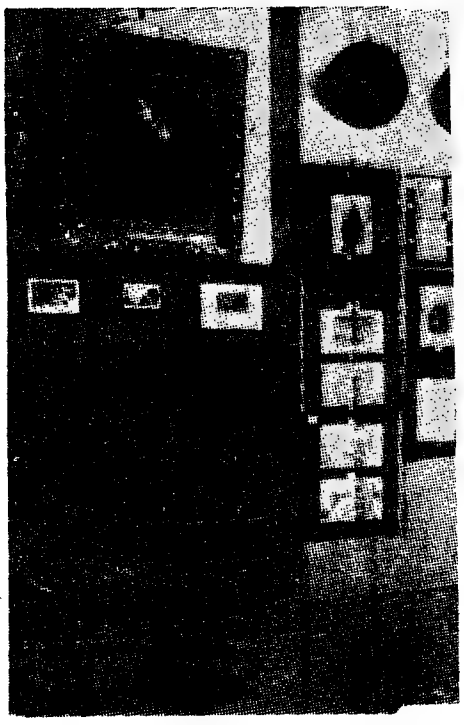
(Continuação da 13.ª pagina)

nhã clara, voltava a tomar o comboio para o Porto, onde largara por algumas horas os pincéis, a caneta, o microscópio; evocando os seus centos de escritos, de quadros, de gravuras, as pastas de originais seus (divulgação, ensaio, polémica, desenhos) que sempre havia em mais de um jornal para o que desse e viesse; evocando os seus ditos cáusticos e as suas famosas distracções, as suas polémicas violentas e os seus enternecimentos com as paisagens do Caramulo ou do lago de Como, os seus enervamentos com a «melancolia plúmbea» de Columbano ou o entusiasmo com «o panteísmo lírico e irradiante» do seu querido Pousão, o que sempre ocorre é considerá-lo uma fonte de energia. Uma fonte de energia ligada com igual entusiasmo (se não com a mesma eficácia) aos mais variados sectores de actividade: à histologia e à embriologia, à investigação e ao ensino, à divulgação científica e à crítica de arte, à incisiva observação dos costumes e à narrativa de inegável sabor literário, à pintura, à escultura, à gravura. E o que ainda hoje surpreende é que essa fonte de energia tenha podido estancar. Na manhã chuvosa em que vi o seu corpo, coberto pela bandeira nacional e cercado por legião de amigos, sair da Casa do Distrito do Porto para a última, bem dramática, viagem de regresso ao Norte, era isso mesmo o que pensava: como pode apagar-se uma chama assim?

Um ou dois anos antes, pudera enfim bater-lhe à porta em S. Mamede de Infesta, guloso de juntar ao conhecimento do homem tão pouco comum o da casa em que vivia, pois é certo que quase sempre as casas falam mais de nós — pelo menos, mais indiscretamente... — do que nós próprios. Apesar de prevenido, Abel Salazar tivera de sair do Porto nesse dia. Assim mo disse e aos dois ou três amigos que me ensinavam o caminho a velha criada, desconfiada e lenta, uma velhota intrigada e intrigante de romance policial, que entreabriu o portão da cerca. Tivera de sair mas deixara este bilhete que o retrata: «Desculpem não estar. Entrem e levem o que quiserem».

Contrariedade? Decerto. Mas contrariedade providencial, não pela franqueza da oferta, de que ninguém naturalmente se aproveitaria, mas porque a casa deserta entregaria o seu segredo como nunca o teria feito se habitada. Só aliás muito mais tarde compreendi que o que nela logo me prendeu, desde o silêncio que envolvia os telhados pontiagudos e as esguias janelas bem cerradas e, lá dentro, seguindo os passos lentos da velha serviçal que cumpria o melhor possível os seus deveres de cicerone improvisada, foi um estranho clima de antecipação, qualquer coisa do inexplicável sentimento de presença que os artistas nos deixam para lá da morte e que tão vivamente nos envolvia naquele estranho museu antes de o ser. Mastigando desculpas, pormenores, a mulher ia abrindo portas e janelas. Que era uma pena o senhor doutor não estar. Mas a luz, jorrando do pesado silêncio do campo, em vez de dissolver o mistério, confirmava-o. Acordava-o por ali dentro, de sala para sala, do rés-do-chão para o andar de cima, desde a casa de jantar com as vidraças pintadas como vitrais e as paredes cobertas por pratos martelados à escada repleta de livros, como os corredores e o quarto de dormir, em prateleiras mais ou menos improvisadas e instáveis. Acordava-o pelas paredes fora ontava a lete e, e dur três o que, deiro dar cansa quand mão, meçav pintar





Alguns trabalhos de Abe agor

Desenhos de Abel Salazar

Encontra-se à venda o segundo volume da colecção *Livros Pelicano*, que se intitula *O Encanto da Matemática* e foi escrito por *W. W. Sawyer*. ¶ Esta obra foi concebida para destruir os mitos do leitor vulgar acerca da matemática, demonstrando que não se trata de uma ciência interdita mas sim de um interessante exercício mental.

editora ULISSEIA

janeiro ano 1962

PANORAMA DAS IDEIAS CONTEMPORÂNEAS

organizado por **GAËTAN PICON**

Um estudo completo e imparcial das ideologias que estão orientando os destinos da Humanidade.

1 grosso volume, ilustrado, de cerca de 700 páginas

Encadernado — Esc. 275$00

Peça condições especiais de assinatura em fascículos a

EDITORIAL ESTUDIOS COR — Calçada dos Caetanos, 20-A Lisboa - 2

ACABA DE SAIR

MARGEM N

ROMANCE

por ALEXANDRE

Editores ÁTICA

A biblioteca da casa de S. Mamede de Infesta

de só se viam pequeninos apontamentos e composições, enormes pinceladas a óleo, cartões, metros e metros de papel cenográfico, estendidos do tecto ao chão, nervosamente marcados a carvão e a giz, com a sua marca inconfundível. Acordava-o em todos os recantos, desde os vãos das portas e os locais mais inesperados — na própria casa de banho havia quadros — ao *atelier*, enfim, foco central, que todo o resto da casa apenas prolongava. Era ali a fonte, nesse pequeno *atelier*, autêntico quarto de trabalho, sem dedada boémia, com a sua chaminé de salamandra a furar a vidraça da janela, um gordo cachimbo negro e curto sobre a mesa repleta de originais em marcha, as paredes tapadas por desenhos concluídos e interrompidos, por grades, por livros, o chão atravancado de verdadeiros montes de blocos de papel, de vários tamanhos, todos eles cheios de esboços, cheios daquela lucidez implacável e aquela ardente imprecisão com que a vida toda se esforçou por captar o movimento, a luz, a luta, sobretudo a luta silenciosa da mulher entregue ao trabalho brutal dos armazéns, da descarga, sob o sol e a chuva. Ali esfora, grande parte dos seus quadros. Ali escrevera e escreveria alguns dos seus livros, as suas séries de artigos, as tantas colaborações assinadas e anónimas, as suas cartas, sempre vibrantes, tão longas e com tanto interesse que ninguém compreendia onde arranjava ele tempo para escrevê-las. Releio hoje uma dessas cartas, na qual Abel Salazar, com a prontidão e a franqueza costumadas, respondeu aos entusiasmos e sobretudo aos reparos que lhe comunicara a respeito do seu painel de um café do Porto e da sua pintura em geral. E creio que o autor ficou aí inteiro, pois que o que nela mais avulta é a busca incansável de um equilíbrio impossível através de uma instabilidade que acima de tudo o arrastava, a confissão implícita da sua condição de chama. Quanto ao painel, é inegável o íntimo prazer com que Salazar se refere às contrariedades que a má preparação da parede lhe havia oferecido: «Foi um verdadeiro inferno, e vários artistas que presenciaram o caso declararam-me que teriam desistido. Mas a data de abertura aproximava-se», etc. É, porém, acerca dos óleos que a chama irrompe: «Quanto ao que

alhos de Abel Salazar, expostos numa das salas da sua casa, agora transformada em museu

tava a sua oficina: a mesa, o cavalete e, a um canto, o catre, pequeno e duro divã em que passava as suas três ou quatro hoas de sono. Porque, para Abel Salazar, o verdadeiro descanso consistia em mudar de trabalho. Quando estava cansado de escrever, pintava e, quando a paleta lhe pesava na mão, voltava para a banca e recomeçava a escrever. Ali pintara e pintaria, pelos dias e pelas noites

diz a respeito do *acabamento* nos óleos, talvez tenha razão, mas é esse um problema dos mais perturbadores. Não há pròpriamente, em pintura, um problema de *acabamento*, como se supõe erradamente: nada mais fácil do que *acabar!* O difícil é saber *onde parar!* (...) Eu, com efeito, muitas vezes simplifico em excesso e, às vezes, escangalho o boneco! Isto vem de que me enerva tudo o que numa pintura é *statico;* o meu ideal seria ver fluir as tintas, mover-se a luz, o claro-escuro, tudo, numa espécie de caleidoscópio fulgurante e frenético».

A surpreendente fecundidade e o amor do excesso de Abel Salazar prejudicaram-no muito. Não se pode aceitar em bloco a sua crítica nem ignorar que ele evitou os problemas mais realmente vivos com que a pintura já no seu tempo se debatia. Mas, falando de pintura, mesmo quando não vemos na sua o que a pintura tem de ser, que falta se sente da inquietação, da teimosia inspirada, da convicção e da coerência deste homem, quando olhamos à nossa volta!

MÁRIO DIONÍSIO

RELANCES DO MUNDO LITERÁRIO

* *«Destino Roubado» é o título de uma novela recentemente publicada e que encanta pelo estilo de bem contar, á maneira de Hemingway. O seu autor oculta-se sob o pseudónimo de «Marcos Juliano», com que também assina duas peças de teatro simultaneamente publicadas, «Camafeu» e «Horas Mortas». Podemos, todavia, revelar que o autor da novela e das duas peças de teatro, modelos de perfeita construção, com bons materiais, é o estimado arquitecto Jorge Segurado.*

* *Ultrapassou todas as previsões o êxito alcançado entre nós pelo 1.º tomo de «O Arquipélago», de Erico Veríssimo, terceira e ultima parte da trilogia «O Tempo e o Vento», cuja primeira tiragem ascendeu no Brasil a 20 000 exemplares, esgotados em um mês, pelo que se está a preparar já uma nova edição de 10 000 exemplares. A edição portuguesa do 2.º tomo de «O Arquipélago», com o qual ficará definitivamente encerrada esta obra-prima, deverá aparecer dentro em breve na colecção «Livros do Brasil».*

* *Lygia Toledano Ezaguy publicou um novo livro de histórias realistas intitulado «Corpos vendidos». A autora desta obra desce ao fundo dos problemas, analisa-os e disseca-os com uma coragem e sentido humano que é a sua melhor recomendação como trabalhadora das Letras. A avaliar pelo êxito da sua obra anterior «Nua», que esgotou a sua edição, Lygia Toledano Ezaguy vai, por certo, alcançar um*

JORGE SEGURADO

novo êxito com este novo livro.

* *Deve considerar-se um ponto alto no movimento de tradução de autores estrangeiros o facto de a colecção «Miniatura» ir publicar, em Fevereiro, o romance intitulado «Um Diabo no Paraíso», do discutido escritor norte-americano Henry Miller, pela primeira vez editado em Portugal. «Um Diabo no Paraíso» é uma das obras mais vivas, mais sarcásticas e actuais desse romancista irreverente e violento, uma das figuras mais notáveis da literatura de hoje.*

* *Editorial «Livros do Brasil» integrará brevemente na sua colecção «Vida e Cultura», uma obra fundamental sobre a vida e a obra de Charlot: «Charles Chaplin», de Pierre Leprohon. A edição portuguesa, em tradução de Alberto Seixas Santos, é enriquecida com extra-textos que documentam alguns dos passos mais importantes da criação desse génio do Cinema. O livro inclui também uma filmografia, assim como uma bibliografia dos principais estudos publicados sobre o autor de «Luzes da Ribalta». No intuito de actualizar ao máximo este volume, Pierre Leprohon acedeu a refundir, em parte, um dos ultimos capítulos do livro, especialmente para a edição portuguesa. Aumentando o vivo interesse de «Charles Chaplin», de Pierre Leprohon, aponta-se o facto de o livro incluir páginas redigidas pelo próprio Charlot.*

* *O categorizado romancista norte-americano Saul Bellow, que é unanimemente considerado o melhor discípulo de Hemingway, a editorial «Livros do Brasil» publicará em Fevereiro uma das obras mais importantes: «Henderson, o Rei da Chuva».*

* *Na colecção «Argonauta», da mesma editorial, surge pela primeira vez o nome de Theodore Sturgeon, com um romance de ficção científica: «O Homem que vinha do passado».*

* *Aparecerá novamente na colecção «Vampiro» um romance de Agatha Christie, «Jogo de Espelhos», após a edição de «O Homem Poderoso», o ultimo romande de Mirkey Spillane, cujas obras sempre têm obtido entre nós um amplo êxito.*

* *O livro de contos de Antunes da Silva «O Amigo das Tempestades», publicado em 1958, encontra-se esgotado, pelo que se prepara, ainda para este ano, a segunda edição.*

SEMANA DE MADRID

por Manuel Riutort

AS ruas apresentam um aspecto festivo. Há alegria nos espíritos. Em cada olhar a esperança de que o 1962 traga mais progresso a Espanha. Parece que o dinheiro não falta... ou pelo menos vontade de o gastar. Começou um novo ano. Pois haja confiança!

*

ABRIU ao publico no Casón uma exposição retrospectiva do escultor Alonso de Berruguete que morreu em Toledo, no ano de 1561. E' curioso recordar que toda a ilusão de Berruguete era ser pintor, tendo chegado a trabalhar com seu pai. O destino desviou-o para a escultura. Talvez que na pintura não tivesse alcançado a fama de que desfruta.

*

JORNADA de carinhosa saudade deu-nos a Televisão, no decorrer do programa «Amigos del Martes». No ecran dos receptores apareceu Hipólito Lázaro, grande tenor, que hoje vive retirado dos palcos, habitando algures, em Barcelona. De todas as interpretações que fez reviver destaco a canção «Chiquitita», do maestro Lazalle.

*

ALGUNS teatros, na noite da passagem de ano, obsequiaram o publico com simpáticas lembranças. No Goya deram conhaque e uvas. No teatro Comédia distribuiram champanhe. À sucapa... sempre dizemos: e está o Teatro em crise.

*

«EL PRECIO DE LOS SUEÑOS», a mais recente peça teatral de Carlos Muñiz, foi dada a conhecer a um numeroso publico. A leitura efectuou-se na Aula de Teatro do Serviço Nacional de Educação e Cultura. Todos se pronunciaram reconhecendo tratar-se de uma das melhores obras do moderno teatro espanhol.

*

PASTOR CALPENA expõe as suas aguarelas no Salão Cano. Maioria de temas rurais num colorido delicado. Neste pintor afirma-se continuamente a paixão pela vida do campo.

*

O maestro Pablo Sarozábil pôs recentemente uma acção no tribunal contra a firma de discos Odéon, por esta ter gravado algumas das suas obras sem autorização. Reclamou cerca de 1 500 000 pesetas. O veredicto do tribunal foi-lhe contrário.

*

OUTRO prémio para Santiago Moncada Mercadal. Foi concedido á peça de teatro «Alrededor de Siempre» que será estreada no

(Continua na ultima página)

Prática de oito figuras

João Rodrigues Pires, o livreiro de iniciativa que fundou e dirige «O Mundo do Livro», há anos que criou a tradição de editar pelo Natal e distribuir pelos seus clientes e amigos uma plaqueta de bom gosto. Obras raras, reproduzidas em *facsimile*, ou inéditos, a colecção é realmente demonstradora do bom gosto de João Rodrigues Pires e do seu amor pelo livro. Gil Vicente e D. Francisco Manuel de Melo emparceira com Almeida Garrett, Augusto Gil e Aquilino Ribeiro.

António Ribeiro Chiado entra agora nesse rol com a reprodução facsimilada de «Prática de Oito Figuras», com uma introdução da dr.ª Maria de Lourdes Belchior Pontes, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa. Edição feita sobre o exemplar da Biblioteca Nacional, reveste-se dos cuidados e gosto das anteriores.

Alberto Pimentel, escritor infatigável e de linguagem castiça, deu-nos uma edição das «Obras do Poeta Chiado», compreendendo três autos.

O conde de Sabugosa, pouco depois, editava em *facsimile*, com erudito prefácio, uma das raridades da sua preciosa livraria, que passara despercebida a Alberto Pimentel: o «Auto da Natural Invenção». O «nomeadíssimo Chiado», como lhe chama D. Francisco Manuel, deve ter escrito muito mais, mas as nossos conhecimentos não passam dessas quatro peças.

Esta edição de «O Mundo do Livro» vem enriquecer a bibliografia restrita de António Ribeiro Chiado e pôr ao alcance dos estudiosos uma reprodução fiel do unico exemplar conhecido desse auto.

«Areia nos olhos»

novo livro de Santos Fernando

Depois dos êxitos de «A, Ante, Após, Até», «Seis Gramas de Paraíso» e «A Bolsa do Canguru», Santos Fernando, que possui um estilo próprio e adequado ao género literário que cultiva, vai publicar agora o seu novo trabalho «Areia nos Olhos».

Escritor atento ao que se passa no Mundo, o seu humorismo sério, escalpelizador das gentes e das coisas, sob uma forma poética e humana, que castiga e educa, apresentará dentro de dias, numa edição da Editorial Organizações, Ld.ª, um livro intitulado «Areia nos Olhos», que garante uma novidade de texto, tem ilustrações do autor, o que representa para o publico um novo motivo de interesse.

EM NORTE
ROMANCE
LEXANDRE CABRAL
ÁTICA Livreiros

ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA
apresenta as obras do escritor e filósofo brasileiro HUBERTO RHODEN, salientando as principais, em ultimas edições:
BIOGRAFIAS:
— AGOSTINHO — 60$00
— PAULO DE TARSO — 60$00
— PASCAL — 40$00
— MYRIAM — 30$00
— JESUS NAZARENO, 2 volumes — 100$00
— MAHATMA GANDHI — 30$00
À venda nas principais livrarias e em
ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA
R. do Salitre, 149-1.º-Dt.º — Telf. 56605 — LISBOA

10 MINUTOS COM FERNANDO NAMORA

(Continuação da página central)

que melhor o possa servir. Deste modo, os sucessivos volumes projectados de «Retalhos da vida de um médico» terão certamente uma unidade estética, embora as várias narrativas, ao situarem-se em climas humanos diferentes, a cidade e a aldeia, o camponês e a grande burguesia (é o caso deste segundo volume), acusem tonalidades literárias nem sempre uniformes. Assim aconteceu, e pelos mesmos motivos, em «Cidade Solitária».

— Continua a crer na missão social do escritor e nas possibilidades criadoras dessa missão, ao serviço da transformação da sociedade?

— Todo o meu trabalho literário até hoje exprime, assim o desejei, um acto de crença nessa missão, aliás solidificada no decurso da minha experiência.

— Quais os seus projectos literários a mais longo prazo?

— Chega uma altura, na vida do escritor, em que apetece, irresistìvelmente, enfrentar uma obra mais ambiciosa — que, de certo modo, represente o inventário de uma experiência até aí dispersa e parcelada. Mas, entre nós, essa empresa é quase sempre arriscada, pois tal obra impõe uma concentração de toda a capacidade do escritor, pede segurança, tempo, reflexão, incompatíveis com o amadorismo. Talvez por isso, são raríssimos os escritores portugueses, de qualquer época, que tenham realizado a sua «obra». Não obstante, vou sedimentando dois projectos de certa amplitude: um ciclo de romances, centrados pelo mesmo heroi, a que darei o título de «A sombra dos dias», e cujo primeiro volume («Rio de Mouros») se encontra de há muito parcialmente escrito, e um romance da minha geração, «O Príncipe», também já começado. Neste procuro oferecer uma panoramica do nosso meio intelectual e do tempo adverso que temos vivido. Mas pode bem acontecer que tais planos sejam embaraçados pela menor ou maior disponibilidade para os cumprir.

— Parece-lhe viável a ascensão da nossa literatura a uma audiência universal não através de dois ou três escritores mas como facto já sem foros de acontecimento?

— Não só me parece viável como suponho que não tardará que isso aconteça. Há nas obras portuguesas uma autenticidade que vai rareando noutras literaturas mais conceituadas. No entanto, precisamos de vencer certos provincianismos que nos limitam. A começar por este culto por tudo o que, numa peça literária, é apenas formalismo: a boa prosa, isto é: o estilo como fim e não como veículo, o dó-de-peito em cada página que obrigue os leitores a sobressaltos de admiração, o sacrifício da fluidez da narrativa, da narrativa como um todo, em benefício do efeito literário que ateste, sob qualquer pretexto, quase sempre abusivo, a craveira do escritor. Repare-se, por exemplo, como insistimos em ler uma obra: coscuvilhamos frase por frase, regalamo-nos com os achados ou os deslizes, esquecendo que um livro é um corpo inteiro e não um mostruário de atracções. Nesta atmosfera de crítica formalista, obsecada ainda pela classificação das obras segundo a fidelidade ao padrão de quem as aprecia, em muitos casos o escritor, receoso, trabalha de olhos postos numa perspectiva imediata, severa mas para uso doméstico.

— Quais os acontecimentos da nossa vida literária que mais o impressionaram em 1961?

— Antes de mais verificou-se que a literatura portuguesa dos nossos dias continua fecunda e inquieta: são muitos os escritores a produzirem com regularidade e a procurarem diferentes meios de expressão para a sua mensagem. Por outro lado, as revelações multiplicam-se. Esta multiplicidade de vozes e caminhos é uma garantia de pujança. Também me parece relevante que, dia a dia, se amplie a convivência do publico com a tarefa do escritor. A repercussão dos vários prémios literários, a progressiva audiência das páginas literárias dos grandes orgãos da Imprensa e o êxito do recente «Jornal de Artes e Letras», por exemplo, assim o demonstram. Duvidou-se quase sempre da viabilidade de um semanário de letras. O publico, desmentindo ós pessimistas, deu-nos uma prova de que está atento á vida intelectual do seu país.

ESCAPARATE

(De 3 a 9 de Janeiro)

Autores portugueses

Título — «O Senado da Câmara e os seus Presidentes».
Autor — Ferreira de Andrade.
Editora — Publicações Turísticas.
Numero de páginas — 119.
Preço — 40$00.

Título — «O Pecado do João Agonia» — «Irmã Natividade».
Autor — Bernardo Santareno.
Editora — Livraria Divulgação.
Numero de páginas — 175.
Preço — 30$00.

Título — «O Ultramar Português — Angola».
Autor — Luís Forjaz Trigueiros.
Editora — Livraria Bertrand.
Colecção — Antologia da Terra Portuguesa.
Numero de páginas — 238.
Preço — 30$00.

Título — «Naufrágio de Goa».
Autor — Francisco da Cunha Leão.
Editora — Guimarães Editores.
Colecção — Poesia e Verdade.
Numero de páginas — 38.
Preço — 20$00.

Título — «Eça de Queiroz».
Autor — Fernando Duarte.
Editora — Síntese.
Numero de páginas — 70.
Preço — 5$00.

Título — «Dom Francisco Manuel de Mello — Vária bio-bibliográfica».
Autor — B. N. Teensma.
Editora — Ocidente.
Numero de páginas — 34.
Preço — 15$00.

Título — «Mais subsídios para a História de Alcobaça».
Autor — Bernardo Villa Nova.
Editor — Autor.
Numero de páginas — 36.
Preço — 7$50.

Título — «O Pessimismo Filosófico de António Feijó».
Autor — António da Costa Lopes.
Editor — Autor.
Numero de páginas — 26.
Preço — 12$50.

Título — Figuras Portuguesas».
Autor — Basílio Teles.
Editora — Guimarães Editores.
Colecção — Filosofia e Ensaios.
Numero de páginas — 322.
Preço — 40$00.

Título — «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira» (vol. II — n.º 3 — Julho-Setembro de 1961).
Editora — Fundação Calouste Gulbenkian.
Depositária — Livraria Uortugal.
Numero de páginas — 523.
Preço — 15$00.

Título — «Boletim do Comité Olímpico Português».
Depositária — Livraria Bertrand.
Numero de páginas — 32.
Preço — 15$00.

Autores estrangeiros

Título — «O encanto da matemática».
Autor — W. W. Sawyer.
Tradutor — H. Silva Horta.
Editor — Editora Ulisseia.
Colecção — Livros Pelicano — C. P. 2.
Numero de páginas — 264.
Preço — 25$00.

Título — «O 7.º revólver».
Autor — Richard Deming.
Tradutor — M. M. Ferreira da Silva.
Editor — Livraria Bertrand.
Colecção — Enigma, n.º 39.
Numero de páginas — 218.
Preço — 12$50.

Título — «O drama do humanismo ateu».
Autor — Henri de Lubac.
Tradutor — Irondino Teixeira de Aguilar.
Editor — Porto Editora, Lda.
Numero de páginas — 402.
Preço — 40$00.

Título — «Cinco meditações sobre a existência».
Autor — Nicolau Berdiaeff.
Tradutor — Ana Hatherly.
Editor — Guimarães Editores.
Colecção — Filosofia e Ensaios.
Numero de páginas — 209.
Preço — 30$00.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1962

Conc. Publico n.º 29 ..... Impressos

Até ao dia 7 de Fevereiro p.º f.º recebem-se propostas para o fornecimento em epígrafe.

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17, excepto aos Sábados (das 9 ás 12.30), na Secretaria dos Serviços de Abastecimentos.

A abertura das propostas terá lugar nos dias e horas indicadas nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1962.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS

Manuel Brioso Pina de Jesus

DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO ÁLVARO DA COSTA MENANO.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de catorze de Dezembro do corrente ano, lavrada a folhas quarenta e três verso e seguintes do livro numero B-duzentos e oitenta e nove, foi elevado o capital social da «COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE-CEAL, S. A. R. L.», com sede em Lisboa, de quarenta e três mil contos a cinquenta mil contos, e consequentemente substituído o corpo do artigo quinto, pelo seguinte:

— ARTIGO QUINTO — «O capital da sociedade é de CINQUENTA MIL CONTOS, dividido em cinquenta mil acções do valor nominal de mil escudos cada uma». — Está conforme. — Lisboa, dezanove de Dezembro de mil novecentos e sessenta e um.

O Ajudante, *Pio José de Moura Malheiro.*

para 1962

USE O NOVO ÓLEO

CIDOL

O ÚLTIMO A APARECER
O PRIMEIRO A PREFERIR

CIDLA

DISTRIBUIDORES:
SIOL — SOCIEDADE IMPORTADORA DE ÓLEOS, LIMITADA

NOTAS SOBRE «SAGARANA»

(Continuação da 13.ª página)

repito o que já disseram — perdão. Não direi, de certo, novidade, mas o que me parece essencial... a mim mesmo. «O Burrinho Pedrês» não é mais como episódio do que o relato do transporte de uma boiada de uma fazenda ao ponto de embarque. Podia resolver-se num afresco largado em grandes manchas e vastos planejamentos de figuras esboçadas. Podia ser a objectivação, numa paisagem característica, de aspectos da vida rural de determinada zona do Brasil, com o pitoresco habitual, convencional. Podia ser tudo isto, uma novela bonita, um conto do sertão, como outros da nossa literatura regional. Saiu, na mão do artista, um poemão, uma obra sem par em nosso meio, e por mim, no género, desconhecida em qualquer outro, pela junção, que nela se perfaz, miraculosamente, entre o humorismo mais intelectual e o lirismo mais espontâneo.

Casamento excepcional este, do espírito frio e do coração ardente. Um na altura da sua lucidez, outro em contacto directo com as coisas. O cérebro, impassível; os sentidos a vibrarem loucamente.

V

Os dados sobre o Burrinho Pedrês, seu passado, seus diversos apelidos, sua vida acidentada, nos são apresentados na luz dessa dualidade. Sendo vivente, o burrinho deve ter sofrido. E ninguém é culpado por seus sofrimentos. Ninguém é acusado ou julgado. A humanidade, ao aparecer no livro, já está perdoada. Todo amor para o Burrinho, mas... admissão do princípio de que viver é sofrer. O risco da sentimentalidade e do convencional, ameaçador da dignidade da arte, nem uma vez põe em perigo o espírito vigilante em defender-se contra ele, contra aquele risco.

VI

Nessa história, «O Burrinho Pedrês», o narrador fala como se fosse um dos figurantes, uma linguagem de sabor único, toda criada, sem nada de automático ou de esperado. Termo de gíria misturado com termo técnico, palavra culta com regionalismos, o que está nos dicionários e o que os dicionários ignoram, tudo entra na prosa de Guimarães Rosa. Mas, não é por aí que essa prosa se recomenda. Abundância de vocábulos pode significar, em vez de riqueza, pobreza de expressão. Há grandes escritores que se servem de vocabulário restrito, mas que têm o poder de tirar de poucas palavras o maior partido possível. Um Shakespeare mobiliza um acervo incrível de palavras, é certo; mas, note-se, mobiliza-as, movimenta-as, dá-lhes vida. Juntar palavras é trabalho de dicionarista, não de artista. Devo apressar-me em precisar que não é, outrossim, no dizer «bonito» que se encontra a riqueza e o valor da prosa de Guimarães Rosa. Outros escritores fazem muito bem os seus cromos, arranjam com jeito os seus buquês de florinhas azuis. A magistralidade de Rosa está sobretudo na independência e no dessassombro com que enfrenta o objecto a descrever ou a pintar, a ideia a sugerir, a imagem a fixar. Tornarei adiante a este ponto. Mas dou desde já dois ou três exemplos ilustradores. Veja-se a descrição de Sete de Ouros, o burrinho pedrês... «Era decrépito mesmo a distância: no algodão bruto do pêlo sementinhas escuras em rama rala e encardida: nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semi-sono». Até aí «descrição» com felizes minucias de apreensão microscópica de ressaltantes relevos (as sementinhas escuras em rama rala). «Tal e qual» — exclamei pensando no jumentinho de Aurélio Dias, de Itaporanga. Mas descrições tais, precisões desta ordem, estão previstas nas regras do escrever como achados pitorescos de linguagem ao alcance de qualquer escritor de talento. O que não estava nos «autos», o que Guimarães Rosa trouxe como coisa sua, foi a intervenção subita, imprevista, da notação de valor a interromper, com o inesperado, a realidade visível. Veja-se para tornar claro, a frase que continua a descrição do burrinho: «e na linha, fatigada e *respeitável* uma horizontal perfeita». Este respeitável que grifei não estava na lógica da caracterização material. Lembro-me bem do *efeito* que me produziu na primeira leitura. «Oh xente! — soltei, como em Sergipe, com um regalo inundante a me refrescar por dentro. Oh xente!». Fui lendo com o cuidado de não perder linha. Parei dizendo comigo — «Aqui o camarada exagera» — ao ler: «A marca de ferro — um coração no quarto esquerdo dianteiro, estava meio apagada: lembrança dos ciganos, que o tinham raptado e, disfarçado, ovantes, para a primeira baldroca de estrada». Matutei muito nessa primeira leitura, e em outras que se seguiram, a respeito desse «ovantes», meu temor de mistificação sendo inato e minha desconfiança ilimitada. Singularmente esqueci de perguntar a Guimarães Rosa se o epiteto entrara em uso, como adopção dialectal de sentido, na zona em que se passa a história. Acabei, contudo, sorrindo para a qualificação desligada de seu velho conteudo, vendo no espírito «la tribu prophétique aux prunelles ardentes», retomar o caminho, folgando na algazarra do jogo triunfante. Meu sorriso duvidoso se engrossou então em franca, alagante jucundidade (para falar um pouco como Guimarães Rosa), lendo: «Velho e sábio: (o burrinho) não mostrava sequer sinais de bicheiras; que ele preferia evitar inuteis riscos e o dano de pastar na orilha dos capões, onde vegeta o cafézinho, com outras ervas venenosas, e onde fazem voo, zumbidoras e *mui comadres*, a mosca do berne, a lucília verde, a varejeira rajada, e mais aquela que usa barriga azul». Este *mui comadres* — da mesma qualidade, essência e procedência, do «respeitável» — pode haver nada mais delicioso, na sua inesperabilidade? São estas interrupções do humor no transunto objectivo, essas descidas do absurdo do plano do comesinho, do provável e do aceito, essas invenções do pensamento onde menos se espera por ele, que comunica ao modo de escrever de Guimarães Rosa carácter unico, de uma novidade total.

Na página imediata, ocorreu o que eu poderia chamar o choque magnetizante em que passei da condição de leitor ao de fiel e ardente companheiro. Compreendi que lhe quereria bem para sempre, que nunca brincaria com o autor de «Sagarana». Por quê? Por causa das duas palavras que terminaram esta frase: «Sete de Ouros, uma das patas meio flectida riscava o chão com o rebordo do casco ferrado, que lhe rematava o *pézinho de borralheira*». Este apelo á Cinderela, em que o lirismo amplia a órbita da ternura, ressoa infinitamente no meu coração.

VII

E começa, com a apresentação de «Sete de Ouros», a mais bela história, já colhida pela poesia, da terra e costumes do Brasil, da vida de vaqueiros e peões para além da Mantiqueira, no sopé das serras neblinentas, á margem dos córregos irascíveis. Apresentam-se, cada um com o seu físico e o seu moral próprio, os seus jeitos e os seus tiques, na atmosfera encharcada de chuvas prestes a cair, os companheiros de jornada, os sequazes de Major Saulo, gigante bufo, de um respirar possante, truculento de espírito, dono, amigo, sócio de brincadeiras da cachorra Sua-Cara, *pendant* e contraste de Francolim, o capataz adulador, que serve com ela de nota contrapontal na formidável orquestração das horas. No espaço de um só dia, num clima hilare, personagens da antiga «Commedia», transpostos a um trecho do Vale do Rio das Velhas, em diálogos suculentos, de um poder pantagruélico, (as fórmulas de tratamento de Saulo a Francolim são de um sabor colossal), criam os mais altos momentos da criação humorística. A procissão das «bonitezas», a *pagcantry* da boiada, (enumeração de nomes e raças de bois), o que é enxerto, passa logo; a arte, com «A» grande retoma o seu lugar. O poeta nos traz de novo «Sete de Ouros», que «enfarado de assistir a tais violência», fecha os olhos, e recebe o ditado do destino, como no poema de Burns.

Fora dos momentos escusáveis ou inescusáveis de bravura vocabulística, a história se desenrola com uma ciência máxima do narrar no feliz ajustamento de uma passagem a outra, no encadeamento perfeito de injunções tendentes á harmonia e á adequação do conjunto.

As conversas e parlengas apoiadas em coloquialismos autênticos, apanhados da boca dos personagens, ou inventados pelo artista sem ofensa á plausibilidade, esmaltam a narrativa como febras coloridas destacando-se no tecido.

VIII

O fim desta novela a respeito de bois e tão cheia de humanidade, o burrinho sobranceiro ao perigo, emergindo da voragem na tenebrosa noite, salvando Badu, que merecia ser salvo, e mandando com dois coices certeiros Francolim para as profundas — espalha no leitor uma sensação grata, um contentamento longo, uma espécie de plenitude. Nesse estado deixou-me a primeira leitura. Em estado semelhante me deixaram as leituras seguintes.

IX

A segunda história, «A Volta do Marido Pródigo», me deixou com uma questão de que me desejo libertar. O meio social em que ela se desenvolve será tão diferente do do Norte? Maria Rita é «cedida» mediante dinheiro, pelo marido, a outro homem com quem vive bastante tempo. Quando o canalha que ela não cessou de amar, a retoma do «adquirente», o grupo local, chefe político e família, a recebem como se nada tivesse acontecido. Ora em Sergipe, pelo menos no meu tempo, tal indiferença ou tolerancia da colectividade seria impossivel. Não creio que Maria Rita fosse «reaceita», em Itaporanga. Toco neste ponto por me parecer curioso e tendo em consideração a extraordinária exação, a força de gravura com que a realidade, sob todos os aspectos, se traslada aos olhos de espelho do autor. Entre auras de poesia, num cheirar de mato, Guimarães Rosa nos mostra ao longo de todo o volume como conhece o meio, o gnero de vida e os hábitos da gente. Escritor que não se parece com nenhum outro, não podemos discernir na sua obra influência nem de nacional nem de estrangeiro. Devemo-lo a Minas Gerais, a anos de vaqueiragem no sertão, de viagens de médico pelas aldeias, de apaixonado da fauna, flora, serra, rios, formas de coisas, cores, sons, e de estudos especializados e condensados em cadernos, nem sempre benéficos, pois porções deles passaram *in natura*, não vivificadas bastante, a numerosas páginas, onde sobram e pesam. Mas é o seu humorismo, também sem antecedentes, no Brasil sobretudo, que o individua num relevo pinacular.

X

Nesse conto, «A Volta do Marido Pródigo», para o cenário em que se agitam as figuras é que se volve nossa divertida compreensão. Em Machado de Assis rimos *dos* personagens. Rimos *de* José Dias e *do* Custódio das tabuletas. Em Gogol, a circunstancia da negociabilidade das «almas mortas» nos traz o riso antes que o embusteiro se manifeste ou independentemente da sua actividade. Dickens, fazendo-nos rir do absurdo social, o condena ao mesmo tempo, e reclama as reformas. Sofrendo em face do erro, desejaria ver a injustiça banida do Mundo. Guimarães Rosa coibe-se de pensar em melhores dias para a humanidade. Como Gogol, nos põe, de golpe e antes de tudo, diante do facto social risível. E sem censura ou acrimónia alguma em relação aos indivíduos. O facto risível, na «Volta do Marido Pródigo», é o município. Por detrás das manobras de Sganarelo-Salathiel está a comicidade do compacto social de que a «política» do Major Anacleto é a expressão. Naturalmente os episódios engraçados, os ditos e endrómina de Salathiel, sua mitomania como os rompantes e desenvoltura moral do Major Anacleto, condicionam o «clima» e substancializam os instantes. Na colectividade rustica dos trabalhadores que constroem a estrada de ferro e que remexem e movimentam a localidade, rasga o poeta clareiras de tocante poesia, por exemplo, o facto de Seu Marrinha, o chefe de turma que está ali «fiscalizando, feitorando e pegando ás vezes no pesado», carregar dentro de si um sonho — o de representar no teatro, figurar na peça «O Visconde Sedutor», fascinado pela cena como qualquer dos amigos de meu pai em Itaporanga (História da Minha Infancia). Poesia é o que não falta em «Sagarana». É certo que abundam também, como já disse, superfluidades e infracções aos deveres estrictos da arte, perante os quais só o essencial realmente conta. Mas devo ponderar que muitas das quinquilharias de vitrina, interpelações de quantidades ou valores desnecessários á economia ou conteudo da obra, devem corresponder a necessidades secretas e imodificáveis do espírito do escritor. Talvez Guimarães Rosa só se possa exprimir brincando consigo mesmo e portanto com o leitor, como outros só se podem exprimir fazendo discurso, ou, como Machado de Assis, pela elipse e a reticência. Rabelais não se servia da facécia como veículo ao mais sério do seu pensamento?

Sem insistir ou querer ir longe nestas aproximações, confesso que muitas das arlequinadas, garotices e artimanhas de Guimarães Rosa, me encantam.

As vezes não quero achar graça no brinquedo mas acho quase sempre. O dom waltdisneyano de fazer de bicho gente, de olhar para curral cheio de gado, galinheiro, árvore carregada de pássaros, riacho, beira de paul ou de brejo faiscando de insectos, para as maneiras, peculiaridades e *perfomonces* dos bichos como a criança olha para os acrobatas e palhaços no circo, com embevecimento, numa espécie de transe, lhe dá oportunidade para a criação de verdadeiros poemas de uma novidade e vigor, inebrientes. São ás dezenas as passagens caleidoscópicas em cujos mil vidros multicores ferve, num ritmo de sarapanda, ao barulho de guisos, a quermesse, a festa de arraial em que Guimarães Rosa transforma cardume, manada, enxame.

XI

Humour e lirismo juntos fazem o que querem com as palavras, usando-as com uma sem-cerimónia nunca vista. Pela utilização destemerosa da prosopopeia — plantas, folhas, frutos, céus, ventos, perfume tornam-se seres humanos, com alma e tudo. Num barulho de capoeira, entre frango e garnizé, o galo intervém... «de porrete». Na página do «Minha Gente» em que vem esta briga lemos: «Pelo rego desciam bolas de lã sulfurina; eram os patinhos novos, que decerto tinham matado o tempo dentro dos ovos, estudando a teoria da natação». Jules Rénard, no seu *Journal*, perde, em invenção de estampas de fantasia, perde longe para o nosso Guimarães Rosa. Note-se (e estou-me repetindo, lamento), não se trata de género de minha predilecção. O facto, porém, de eu não lhes poder resistir á garridice, sua vitória sobre a minha relutancia, mostra a qualidade delas.

De mocinha vistosa, de vestido de estampado, a poesia passa com frequência a outra classe, mais alta, engrandece; torna-se uma beleza de verdade.

Esta transformação se opera, na maioria das vezes, quando o *humour* domina a cena que o garoto ocupava com suas traquinadas. Aí não se trata de frases. O humor diz mais do que as palavras podem. Um vinco frio lhe corta a fronte, nos olhos se lhe reflecte o rosto rude da vida com seus regos de lágrimas. E nós, que havíamos rido sem piedade ao ver Turibio Todo, formidável figura cómica do «Duelo», uma das maiores criações de «Sagarana», ser agarrado pela morte cruel, choramos a partida do primo de Sarapalha — talvez o mais alto momento de todo o livro — e nos inclinamos com sincera pena para ouvir Nhó-Augusto exalar, ao fechar os olhos para sempre: «Fala com Dionora que está tudo em ordem».

XII

Antes de terminar, um dos exemplos que cito sempre como ilustração do meu amor por «Sagarana». Leiam: «Voltou a chover. O dia inteiro. Caiu um raio, na porteira do curral grande. Rega miuda, aborrecida. Só ás vezes, sem aviso, se despenca um maço d'água mal amarrada, ou soa uma chuva rajada, flechando o chão em feixe diagonal. Depois, estia devagar; já se escutam as goteiras. Ao pé da minha janela, a enxurrada desce para o bueiro, numa efémera cascata suja, com inconveniências de cochicho e bochecho. *E quase que o dia inteiro, um sapo, sentado no barro, se perguntava como foi feito o Mundo*».

Nessa passagem, como em inumeras outras, se pode verificar como Guimarães Rosa passa de escritor dotado de poder de representação gráfica, de pintor impressionista, amigo do colorido e da valorização fantasista das coisas, á categoria dos mestres, superiores a transitoriedades de escola. A frase começa e prossegue dentro do esperado e do possível, ainda que notas já puramente e tipicamente guimarãesrosescas nela se destaquem bulindo connosco... «maço d'água mal amarrado»... «inconveniências do cochicno e do bochecho». Subitamente a frase que botei em maísculas nos arranca da simples notação de carácter visual do fenómeno e nos conduz, no rasgo de uma iluminação, para além das palavras. Num instante, pelo galvanismo da personificação poética, tudo se agiganta. Ampliam-se os limites da visão. Como no pézinho de borralheira de «Sete de Ouros», aí pela utilização de uma velha figura que os retóricos não puderam destruir, que tantas vezes abriu aos grandes clássicos a intimidades dos mitos e que fez o Adamastor parar as naus para contar aos marinheiros, suas desditas amorosas, Guimarães Rosa se encontra com a grande criação.

O que ele diz prevalece sobre as palavras; alarga o ambito da vida. O sapo filósofo do dia de chuva na fazenda de Tio Emílio, testemunha da desordem dos elementos, Diógenes em face da debacle grega, Epitecto diante dos desatinos de Roma, faz companhia no meu encantamento de leitor a inumeras outras imagens, com que «Sagarana» me enriquece.

Desejaria mencionar ao menos algumas destas... Maria Irma, a prima do Minha Gente, moça da roça de graças finas, seriedade de espírito e juízo, como as mães que nos fizeram e fizeram o Brasil: o excelente Santana, jogador de xadrez da partida que abre a novela, ledor de Homero, o que permitiu a Guimarães Rosa, num espraiar de leque mágico, lançar sobre um alegre cavalgar, em estrada de campo e monte, no interior do Brasil, visões da Odisseia. Estas abertas para as estancias eternas do prazer literário são ás centenas em «Sagarana», e me regalam. Desejaria deter-me na história dos primos paludosos, na floresta da alucinação do «São Marcos»...

Encheria colunas se o tentasse.

GILBERTO AMADO

Colóquio

REVISTA DE ARTES E LETRAS

TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES

A VENDA O

NÚMERO 16

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Distribuidora: E. N. P. — *Av. da Liberdade, 266 — Lisboa 2*

Augustus John

(Continuação da 13.ª página)

na Escola de Arquitectura e Artes Aplicadas de Liverpool. A vida dos ciganos apaixonava-o, tendo escrito algumas obras a este respeito. Considerado há muito como um «rebelde perigoso», Augustus John não foi eleito para a Real Academia senão em 1921, como associado, e, sete anos mais tarde, como académico efectivo. Dez anos depois, pedia a sua demissão, como protesto contra a rejeição feita pela Academia do retrato de T. S. Eliot feito por Wyndham Lewis. Em 1940, porém, foi convencido a regressar á Academia e dois anos depois recebeu a Ordem de Mérito.

Há dez anos, publicou a sua autobiografia «Chiaroscuro». Augustus John acha-se representado na Tate Gallery por nada menos do que 16 obras, incluindo o gigantesco painel: «Galway», «A Mulher Sorridente» (retrato de sua segunda mulher, Dorelia MacNeill — que foi objecto de muitos desenhos e pinturas) e os célebres retratos da violoncelista Madame Suggia, T. E. Lawrence (da Arábia), o poeta W. B. Yeats e Lord David Cecil.

LIVROS E AUTORES

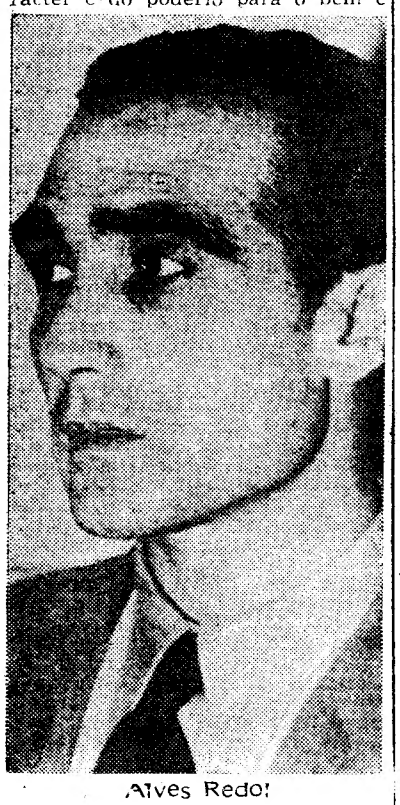
COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Barranco de Cegos»

por Alves Redol

Com este romance de extensa e laboriosa composição regressa Alves Redol ao seu dilecto mundo ribatejano. Logo desde as primeiras páginas se pressente que o escritor está aqui mais á vontade, como se estivesse a faltar-lhe há muito a atmosfera larga e lavada da lezíria. Mais á vontade do que na companhia das personagens e das difusas ansiedades citadinas e, até mesmo, dos ambientes populares que lhe vivem menos no sangue e nos olhos, como os pescadores da Nazaré. No estilo e no lançamento da acção, no enquadramento paisagístico e na tessitura biográfica do protagonista e das figuras que em torno dele gravitam, Alves Redol está no romance ribatejano mais senhor de si. É mais natural e espontaneo. E é isso mesmo que faz sentir o vigor, por vezes rude e simples mas francamente aberto á realidade, do seu temperamento literário de raiz populista.

Já não são os homens batidos e errantes da borda-d'água, os campinos, os valadores arrasados de esforço e de fome, os homens da terra ou da fábrica acidentalmente arrastados ao sonho ou á aventura, os figurantes primaciais do novo romance de Redol. A história é tecida em torno de uma família de grandes senhores ribatejanos, «espécie de deuses agrários no seu país de desventura e de sonho», e, sobretudo, do «patrão Diogo», que os representa na inteireza do carácter e do poderio para o bem e



Alves Redol

para o mal. E a narrativa desenrola-se com vigor, com robusto realismo, com firme desenvoltura, na sua quase totalidade, reflectindo em muitos passos e nas determinantes das situações a projecção ribatejana e senhorial da evolução político-económica do país desde 1891. A essência da crónica assim erguida está na caminhada de cegos dos grandes senhores rurais, que não se apercebem da formidável transformação do Mundo e marcham á sombra de alguns séculos de antepassados como se nada pudesse abalar a sequência do seu destino. O barranco cada vez mais próximo não entra nas suas previsões e perspectivas. O bem e o mal, a generosidade e a crueza, constituem neles uma aparência inamovível. E assim vivem, lutam pelos seus privilégios e egoismos, amam e odeiam, como «santos homens» ou «tiranos irremediáveis» segundo a perspectiva em que são situados pelos que sofrem ou assistem á sua trajectória já marcada pela fatalidade de classe.

O processo de construção romanesca de Alves Redol afigura-se quase sempre certo neste livro. Diogo Relvas, o protagonista dominante e dominador, é uma figura inteira. É uma outra face real e viva do Ribatejo que o escritor soube desentranhar da recordação e da observação, apesar de «ter rompido, com muitos outros, os nevoeiros premeditados, os abismos reais e ilusórios... as cadeias, as ameaças e os sortilégios do cercado em que conviria permanecermos por mais uns séculos para glória e proveito dos nossos amos». O senhor rural, «meio deus, meio lavrador», é ainda um fruto efectivo da terra e da condição latifundiária. Redol arrancou-o vivo do seu mundo — do mundo a que ambos estão ligados, o senhor de sobrevivência feudal e o neto de campino. Já não se erguem tão convincentemente muitos dos comparsas do «patrão Diogo» e, talvez menos do que quase todos os demais, o neto Rui Diogo, que traz até aos nossos dias, com complexidades fictícias, a herança do poderio familiar. E o ambiente de fantasmagoria em que termina o romance, com algo de alucinatório sob a superfície realista, não constitui para a narrativa o fecho que lhe seria desejável.

A plena naturalidade e até a personalidade de prosador de Alves Redol atingem a melhor expressão no romance quando o autor põe a falar ou a reagir viventemente os seus velhos companheiros das iniciais jornadas de escritor — campinos e gaibéus, homens da lavoura e moinantes rusticos, que lutam desamparadamente pela vida ou se riem dela para que não os devore até á abjecção e ao aniquilamento. São o «Atouguia» ou o «António Seis Dedos», que pouco esperam da vida e a quem a terra é recusada, rudes e naturais, das mais flagrantes e empolgantes figuras que perpassam neste livro.

Com todas as limitações que se quiser apontar-lhe, Alves Redol construiu em «Barranco de Cegos» uma das melhores criações da sua corajosa e fecunda carreira literária. O seu específico realismo, a força lírica subjacente á crua visão das coisas e dos homens, parecem cada vez mais longe de ter esgotado, neste escritor que é um homem vivo e profundamente humano do seu tempo, as largas virtualidades que neste romance se revelam. *(Colecção Contemporanea, Portugália Editora, Lisboa).*

«Poesia III»

por José Gomes Ferreira

Reunem-se na colectanea agora editada quatro livros inéditos de José Gomes Ferreira: «Província», «Café», «Ruas Desertas» e «Cinzas». A recolha sob diversos títulos que se apresentam num só volume permite depreender a prolongada gestação no tempo desta série lírica que fez ressurgir perante os leitores de hoje a poderosa e original personalidade poética do autor de «Longe». Há nestes versos, na verdade um adensamento e uma intensidade de expressão que definem a plena maturidade literária, ainda ascendente e sempre enriquecida, de um escritor que tem ainda tanto e tão novo para dizer, apesar de se lhe ter distanciado a juventude. «Poesia III» é dos mais belos, dos mais veementes, dos mais sugestionadores livros de versos que têm sido publicados em Portugal nestas ultimas décadas. E é, com tudo isso, um testemunho de impressionante juventude.

Para certa maneira de sentir e de viver interiormente a poesia, o estilo caracterizado de José Gomes Ferreira pode apresentar em outros livros anteriores alguns aspectos relutantes. Um certo barroquismo de «imagerie», o tom por vezes muito *brincado* da construção, o gosto frequente de um deformador paradoxo, suscitam em dados temperamentos de leitor — e apesar da qualidade formal e da sugestão essencial de tantos poemas — uma espécie de mal-estar que a muitos mais leitores de boa têmpera não parece ser sensível. Em «Poesia III», porém, tudo isso se dissipa ante o fulgor, a riqueza expressiva, a comunicatividade intensa e algumas vezes arrebatadora do estilo lírico poderosamente enriquecido de Gomes Ferreira. O apelo humanístico e a vibração contida perante a dor; a penetração no real autêntico para além das aparências e a intensidade discretamente diluída da confissão íntima; a própria sensualidade e a própria ironia — compõem neste livro uma orquestração luminosa que se acompanha e se absorve em cada passo. É bem uma poesia «que transforma de repente a musica em lamina/para romper a noite até á solidão dos archotes»; uma poesia «de rasgar

José Gomes Ferreira

penas» e «da solidão vencida», transportando o leitor, para além de antigas relutancias, ao clima interior que o poeta lhe cria e lhe alimenta.

Se as sugestões surrealistas ainda são constantes em José Gomes Ferreira — «Mesmo entranhado em novas formas/hei-de continuar na teima/de ser eu» — há agora, muito mais vivamente, um *tónus* de comunicação natural e espontanea que vence todos os artifícios. O «sentir-me alheio/a tudo quanto amo/e creio/os pobres, o Sonho, o Mundo de Outro Pão», deixa realmente de ser alheio e torna-se vibrantemente comum — não no alheamento, mas na partilha do amor e da crença, da revolta e da esperança, do «amor implacável pelo mundo». Um poeta que assim o consegue, convertendo em símbolos veementes, em paixão comunicada, a mensagem que se disfarça sob uma imagística tantas vezes estranha e paradoxal, é realmente um grande poeta e cumpre com fidelidade, afinal admirável, a sua missão.

«Poesia III» vai constituir uma revelação impressionante para muitos leitores de poesia que não haviam ainda descoberto, através dos seus longos silêncios, este lírico singular em que o lirismo tantas vezes atinge a maior plenitude do dramático e do épico. Um poeta que há mais de quarenta anos publicou o seu primeiro livro de versos, afirma assim uma lição patente de juventude. E só se deseja que essa mensagem de emoção e de humanismo combatente em poesia continue a testemunhar-se em renovadas criações. *(2.º volume da Colecção Poetas de Hoje, Portugália Editora, Lisboa).*

Registo

- *Na sua continuada faina de divulgação histórica de assuntos portugueses escreveu Elaine Sanceau a narrativa «Castles in Africa», consagrada á longa e dissipadora aventura de conquista que Portugal sustentou em Marrocos nos séculos XV e XVI. Com o seu conhecido talento descritivo, sem inovadores trabalhos de investigação original nem audácias de interpretação crítica, a autora apresenta na obra uma atraente crónica que se lê com constante interesse. Sob o título literal «Castelos em Africa» fez-se agora a publicação em português, numa edição da* Livraria Civilização, *do Porto, e em tradução de J. Francisco dos Santos.*

- *Na excelente e oportunissima colecção Teatro, da* Editorial Minotauro, *foram apresentados mais dois volumes de assinalável interesse: «Os Chapéus de Chuva», uma peça de Fiama Hasse Pais Brandão com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, a que se fará mais detido comentário em ocasião possivel; e «Mestre Ubu», de Alfred Jarry, em versão e adaptação de Luís de Lima e Alexandre O'Neill e com um prefácio de Pierre Hourcade. O significado antecipador desta farsa negativista, que levou os surrealistas a reivindicar Jarry como um dos seus precursores, é expressivamente salientado pelo prefaciador que a situa com justeza não só na história do teatro moderno como da crise intelectual do nosso tempo.*

- *Luís Orca publicou o livro de poemas «Planura infinda», de que é depositária a* Livraria Portugal. *Sem grande riqueza lírica nem acentuada capacidade inovadora, a poesia de Luís Orca traduz uma receptividade sentimental ante os contrastes da vida e da morte que não se pode deixar de acolher com simpatia. A forma do verso curto, singelamente sincopado, dá a estes poemas um enquadramento excessivamente sumário que os reduz a expressão quase aforística.*

- *«O Rei Piedoso e a nossa presença em França» é um ensaio de Francisco Garcia de Brito, recentemente publicado, em que se faz a história atentamente documentada da cultura escolar portuguesa no século XVI e da sua irradiação além-Pirenéus. A acção do Colégio de Santa Bárbara e dos seus mestres, em especial, é versada pelo autor com pormenor e largo conhecimento do assunto.*

- Porto Editora *publicou em tradução portuguesa de Irondino de Aguilar a obra do padre jesuíta Henri de Lubac «O drama do humanismo ateu». Conduzido com profunda análise e incontestável fluência interpretativa e crítica, de que se destacam as páginas consagradas aos humanismos positivista, marxista e nietzscheano, não consegue furtar-se o autor a contradições fundamentais implícitas na sua condição dogmática. E a contradição maior é a de considerar «dramático» uma ateismo moderno que se apresenta, na verdade, «cada vez mais positivo, organico e construtivo».*

- A Editorial Minerva *publicou em tradução do italiano por Inácia Fiorillo o romance de Lívia de Stefani «Vindima de Sangue». Dramática, inquieta e agitada, esta narrativa romanesca revela uma escritora com forte personalidade em que se traduzem novas perspectivas, entre nós mal adivinhadas, da ficção europeia.*

- Livros do Brasil, *a editora de relevante papel na actualização da nossa cultura literária, assinalou a passagem de ano com uma série vasta e valiosa de edições. A divulgação em Portugal da literatura brasileira contemporanea foi assinalada com dois excelentes livros de que se fará em outros lugares deste suplemento mais desenvolvida menção: o 1.º volume de «Arquipélago», que constitui a terceira obra do ciclo «O Tempo e o Vento», a que Erico Verissimo tem consagrado os ultimos anos da sua actividade criadora; e «Sagarana», o representativo romance de João Guimarães Rosa, que Alberto da Costa e Silva apresenta num revelador prefácio como testemunho da funda descoberta do autor na psicologia do rustico brasileiro e na realidade secreta do sertão.*

  A colecção Dois Mundos, *da prestigiosa editora, foi agora valorizada com o romance do escritor norte-americano Irwin Shaw «Duas semanas noutra cidade» — uma obra de candente observação das inquietações e problemas do homem contemporaneo. Na colecção* Vida e Cultura, *por seu turno, foi publicado o estudo de Richard Lewinsohn «A revelação do futuro», em que se documenta a longa história das ambições de adivinhação para além do tempo, desde Babilónia á Wall Street nova-iorquina.*

  De Arthur Miller, o actualissimo escritor norte-americano, publicou Livros do Brasil *uma tradução da conhecida obra «The Misfits», sob o titulo «Os Inadaptados» — livro que documenta um género literário inovador em que o romance se condiciona ao estilo do argumento cinematográfico. Na colecção* Miniatura *foi incluída a novela «Enterro na cidade de Maria Teresa», de Miroslav Krleza; e na colecção* Enciclopédia *o famoso livro de Albert Camus «O mito de Sísifo», que põe em causa o tema do absurdo na visão e realização da vida pelo homem de hoje. Registem-se ainda, nesta extensa série de novas edições de* Livros do Brasil *a narrativa de ficção científica «Ortog», por Kurt Steiner, e as novelas policiárias «O caso do marido enfeitiçado» de Erle Stanley Gardner e «Marcada a fogo», de Ben Benson.*

COLECÇÃO AUTORES UNIVERSAIS

ERSKINE CALDWELL

JENNY

História de uma mulher fraca mas corajosa, que ama a vida e sabe defender-se

ESC. 30$00

LIVRARIA BERTRAND

Semana de Madrid

(Continuação da pagina central)

Teatro Beatriz. O prémio é de vinte e cinco mil pesetas.

*

FERNANDO ZÓBEL na sua pintura «conhece» apenas o negro e o branco. Nasceu em Manila, mas é espanhol. Considera que umas férias passadas aqui e a sua afeição á fotografia foram as causadoras do desinteresse pelas cores berrantes que antes usava. Declarou que «só vende três quadros por mês e nunca leva mais de duas horas a pintar qualquer das obras».

*

NA opinião de Victor Iriarte, Alfonso Paso e Lopes Rubio o maravilhoso cenário do Escorial é óptimo local de repouso e de meditação para escrever uma obra que requeira isolamento.

MANUEL RIUTORT

Américo Durão

O nosso querido amigo e ilustre poeta Américo Durão vem esclarecer, por nosso intermédio, que, tendo aparecido ultimamente á venda livros que lhe foram oferecidos, com expressivas dedicatórias, por alguns dos melhores nomes das artes e das letras, é absolutamente estranho a esse facto, que não pode deixar, contudo, de lamentar.